

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Paula Tatiana Cardoso

Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais

São Carlos
2009

Paula Tatiana Cardoso

Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura

São Carlos
2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C268ie

Cardoso, Paula Tatiana.

Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais : práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais / Paula Tatiana Cardoso. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
179 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Estudantes com necessidades educacionais especiais.
2. Inclusão escolar. 3. Terapia ocupacional. I. Título.

CDD: 371.928 (20ª)



Banca Examinadora da Dissertação de **Paula Tatiana Cardoso**

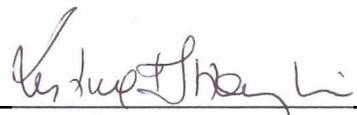
Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Maria Luisa Guillaumon Emmel
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Maria Cristina P. Innocentini Hayashi
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Celina Camargo Bartalotti
(Centro Universitário São Camilo)

Ass. 

Pesquisa desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal e de Nível Superior – CAPES

*Dedico esse trabalho especialmente a todos os
terapeutas ocupacionais que, como eu, sabem
“a dor e a delícia de ser o que é”.*

Dedico e agradeço com muito carinho...

Especialmente aos meus amores-anjos-amigos, presentes de Deus, que são em todos os momentos da minha vida amor, força, beleza e esperança: Mãe, Pai, Poliana e Pamella

Os ideais que iluminaram meu caminho e sempre me deram coragem para enfrentar a vida com alegria foram: a verdade, a bondade e a beleza...

(Einstein)

...e a um anjo em especial...parte de mim...Vó Dôfa!!!

...com (e por!) vocês tudo se torna bom novamente!!!

Á Iara, Lorena e Tereza...pela amizade que transcende tempo e espaço e pela presença forte e companheira em todos os momentos...sempre!!!

*Cada um de nós é um universo Pedro...
onde você vai eu também vou...é que tudo acaba onde começou...
(Raul Seixas)*

Á minha grande e querida família, mineiros do meu coração, agradeço a vocês por serem parte forte e alegre de tudo que sou...

Aos meus amigos-juízes-orientadores-amigos:

Carol...quanta paciência e ouvido...horas no telefone...obrigada linda, pelo apoio, presença e amizade que foram mais importantes do que você possa imaginar...

Cris...tão diferentes e tão iguais...obrigada por tudo...

Daniel Cruz...meu amigo, sua ajuda foi essencial...

Cíntia, Simone, Fran, Gi....queridas, muito obrigada!!!

Aos meus amigos queridos e especiais que torcem por mim: Milena, Letícia, Renata, Marília, Yu, Luana, Wagner, Cleiton,...

“All you need is love...” (Beatles)

Às crianças...Gu, Alexia, Brener, Felipe e Heitor que plantaram em minha alma a semente que gerou este trabalho...com saudades!!!

À Thelma, minha orientadora, pela importância única em meu crescimento nesse processo!!!

À Jaque e ao Taichi, pelo apoio e acolhimento calorosos tão importantes no início desta etapa...

À vida por me proporcionar encontros especiais que fizeram os momentos no PPGEE valerem a pena: Avelino, Suze, Débora, Burnout (hahaha), Thaís, Carol, Andréa, Thaís (do cursinho,rs!), Sabrina, Luciana, Fátima Denari...

A todos os terapeutas ocupacionais participantes deste estudo e também àqueles que não puderam participar, mas se fizeram presentes com seu carinho e incentivo...esse trabalho só foi possível pela energia de vocês, obrigada!!!

Ao Crefito 3 pela colaboração tão importante e, em especial, ao Sidney pela atenção e paciência.

À Naomi Weintraub, Maria Luísa Emmel (Malu), Cristina Toyoda, Marina Palhares, Celina Bartalotti e Maria Cristina Hayashi pelas participações carinhosas e enriquecedoras neste trabalho.

À muitas outras criaturas especiais que passaram por mim, muitas vezes em pequenos-grandes momentos, e transformaram o meu processo...graças à vida são muitas, tantas que não caberiam aqui, mas acredito que se reconhecerão nesse agradecimento, presentes em mim....com lembranças, saudades e carinho!!!

E... finalmente,

Ao Mi, é claro!!!!

**“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”
(Guimarães Rosa)**

RESUMO

Tem sido cada vez mais forte o movimento para a inclusão da criança com necessidade educacional especial no sistema de educação regular no Brasil e dentre os tópicos mais discutidos para a efetivação deste processo está a importância do envolvimento de diferentes campos de conhecimento na elaboração e concretização das práticas inclusivas. O presente estudo teve como objetivo identificar e caracterizar, sob a ótica de terapeutas ocupacionais, as ações e realidade das práticas desenvolvidas pela Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais no Estado de São Paulo. Como objetivo específico pretendeu identificar outras estratégias e ações que poderiam ser implantadas e ampliadas considerando a inclusão escolar e a atuação da Terapia Ocupacional nesse contexto. Foi realizada uma pesquisa de levantamento – *survey*, que contou com a participação de 127 terapeutas ocupacionais associados ao Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo – Crefito-3, que em sua prática profissional desenvolvem ou já desenvolveram ações voltadas para a inclusão escolar. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado pelo pesquisador a partir de referências da área, submetido à análise de juízes externos e previamente testado junto a uma amostra de profissionais. Três estratégias foram adotadas para a coleta dos dados: contato com os profissionais por correio tradicional; contato com os profissionais e coleta de dados por correio eletrônico; coleta de dados através de *site* na *internet*. Os dados coletados foram submetidos a análises exploratórias descritivas, Análise de Conteúdo e testes de correlação e os principais resultados obtidos indicaram que os terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar: a) se envolvem com a inclusão escolar principalmente a partir do atendimento em ambiente clínico; b) atuam na escola regular; c) têm a participação da família e de outros profissionais em sua atuação; d) identificam a falta de preparação dos professores e da escola para o processo de inclusão escolar como os maiores obstáculos para o seu trabalho; e) identificam a importância e a necessidade de ampliação da inserção da Terapia Ocupacional nas escolas regulares.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Crianças com Necessidades Educacionais Especiais. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

More importance is being attributed to the inclusion of children with special needs in the general school education system in Brazil. In this context, there has been increased discussion regarding the use of several different knowledge fields in the elaboration and execution of child-inclusive working practices. This study's objective is to identify and characterize, in the occupational therapists' point of view, the working practices used by Occupational Therapy professionals in the process of including special needs children in general school, in the State of São Paulo. The study also tried to identify strategies and actions that could be used and reinforced in this context. A survey was designed and applied, collecting data from 127 occupational therapists that work or have worked with child inclusion and who are members of the Regional Council of Physiotherapy and Occupational Therapy of the State of São Paulo, Crefito-3. The survey was designed by the researcher using previous studies as a reference, was submitted to the analysis of external senior professionals and professors, and was pilot-tested with a sample of occupational therapists. Three strategies were adopted in the data-collection process: sending the survey through mail, electronic mail or collecting the responses via an internet site. The data collected was subjected to descriptive-exploratory analysis and correlation analysis. The main results obtained indicate that occupational therapists that become involved in the child-inclusion process: a) get involved with child-inclusion through the medical environment, in clinics; b) work in the general education system; c) involve the family of the children and other health-care professionals in the process; d) identify the lack of knowledge of teachers and of the school in general as the greatest single obstacle in their work, and e) recognize as high the impact occupational therapists can have in the child-inclusion process in general schools.

Key-words: School inclusion. Children with special educational needs. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRÇÕES

Figura 1: Tempo de formação em terapia ocupacional.....	39
Figura 2: Tempo de experiência em inclusão escolar	40
Figura 3: Total de terapeutas ocupacionais considerados para a coleta de dados.....	49
Figura 4: Meios de resposta ao questionário.....	56
Figura 5: Trabalho em Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar – satisfação.....	67
Figura 6: Idade.....	69
Figura 7: Renda familiar.....	69
Figura 8: Participação de outros profissionais na atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar.....	70
Figura 9: Participação da família na atuação dos terapeutas ocupacionais.....	72
Figura 10: Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica.....	75
Figura 11: Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola.....	75
Figura 12: Necessidade dos terapeutas ocupacionais de atualização teórica sobre o tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar”	77
Figura 13: Quantidade de material teórico sobre o tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar” – satisfação.....	78
Figura 14: Existem ações que poderiam ser realizadas por terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, mas que ainda não o são ou são raramente?.....	79
Figura 15: Relação entre a valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica e a satisfação do terapeuta ocupacional com seu trabalho.....	90
Figura 16: Relação entre a valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola e a satisfação do terapeuta ocupacional com seu trabalho.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Possíveis ações da Terapia Ocupacional sob a ótica de alguns autores.....	30
Quadro 2: Quantidade de questões para cada tema do questionário.....	43
Quadro 3: Quantidade de profissionais referentes à possibilidades de contato.....	51
Quadro 4: Meio de localização dos participantes.....	56
Quadro 5: Outras formas de relação com o processo de inclusão escolar.....	62
Quadro 6: Outros meios de contato com as crianças em processo de inclusão escolar.....	63
Quadro 7: Outras ações que os terapeutas ocupacionais realizam no processo de inclusão escolar.....	65
Quadro 8: Outros locais onde são realizadas as ações dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.....	66
Quadro 9: Outras necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.....	68
Quadro 10: Outros profissionais envolvidos com a atuação do Terapeuta Ocupacional.....	71
Quadro 11: Outros obstáculos e desafios.....	77
Quadro 12: Outras fontes de material teórico.....	79
Quadro 13: Outras ações que poderiam ser realizadas ou mais realizadas no processo de inclusão escolar.....	81
Quadro 14: Outras ações e implementações sugeridas para as políticas públicas.....	83
Quadro 15: Outras ações e implementações sugeridas para o cotidiano das escolas.....	84
Quadro 16: Outras ações e implementações sugeridas para estudos e pesquisas.....	85
Quadro 17: Outras ações e implementações sugeridas para a formação em Terapia Ocupacional.....	86
Quadro 18: Diagnósticos clínicos citados pelos participantes nos depoimentos.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informações sobre o gênero e a faixa etária dos participantes.....	39
Tabela 2: Informações sobre o tempo de formação de acordo com a idade dos participantes.....	40
Tabela 3: Experiência profissional atual em inclusão escolar.....	41
Tabela 4: Experiência profissional anterior em inclusão escolar.....	42
Tabela 5: Formação acadêmica - Pós-Graduação em diversas áreas.....	43
Tabela 6: Formação acadêmica - Pós-Graduação em educação especial e/ou inclusiva.....	43
Tabela 7: Relação do terapeuta ocupacional com o processo de inclusão escolar.....	61
Tabela 8: Contato com as crianças em processo de inclusão escolar.....	63
Tabela 9: Ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar...	64
Tabela 10: Locais onde são realizadas ações dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.....	65
Tabela 11: Importância dos contextos de atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar.....	66
Tabela 12: Necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.....	68
Tabela 13: Profissionais que atuam com o terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar.....	71
Tabela 14: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com os profissionais da equipe técnica.....	72
Tabela 15: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com os profissionais da Escola.....	73
Tabela 16: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com a família.....	74
Tabela 17: Principais ações realizadas pelo terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar considerando o trabalho com os profissionais da equipe técnica, profissionais da escola e a família.....	74

Tabela 18: Obstáculos e desafios na realização do trabalho do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escola.....	76
Tabela 19: Fontes de material teórico para atualização.....	78
Tabela 20: Ações que poderiam ser mais frequentemente realizadas ou realizadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.....	80
Tabela 21: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: políticas públicas.....	82
Tabela 22: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: cotidiano escolar.....	84
Tabela 23: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: estudos e pesquisas.....	85
Tabela 24: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: formação em Terapia Ocupacional.....	86
Tabela 25: Resultado dos testes Qui-quadrado para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis...88	88
Tabela 26: Resultado dos testes de Correlação de Spearman para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis (variáveis ordinais).....	88
Tabela 27: Resultado dos testes de Qui-quadrado para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e tipos de necessidades especiais atendidas.....	89

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Carta aos juizes para avaliação do questionário.....	135
Apêndice B: Questionário final enviado por <i>e-mail</i>	136
Apêndice C: Pergunta enviada pelo Crefito-3 a todos aos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo.....	143
Apêndice D: Informações sobre os envios dos e-mails realizados pelo Crefito-3.....	144
Apêndice E: Carta enviada por <i>e-mail</i> junto ao questionário.....	146
Apêndice F: Questionário disponibilizado no <i>site</i> da pesquisa.....	147
Apêndice G: Página da pesquisa na <i>internet</i> restrita ao pesquisador.....	164
Apêndice H: Carta enviada por correio postal.....	165
Apêndice I: Análise de Conteúdo: quadros de categorização dos depoimentos dos terapeutas ocupacionais (questão aberta optativa).....	166

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética.....	175
Anexo B: Aprovação da pesquisa para colaboração do Crefito 3.....	176
Anexo C: Procedimento de envio dos <i>e-mails</i> pelo Crefito 3 – Programa utilizado: “O Carteiro” - versão 2.2.....	177

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Inclusão escolar: conceitos e concepções.....	18
1.2 Educação Inclusiva - O Desafio.....	21
1.3 A Atuação do Terapeuta Ocupacional na Inclusão Escolar.....	24
2 OBJETIVO.....	35
3 MÉTODO.....	37
3.1 Participantes.....	38
3.2 Instrumento.....	42
3.3 Procedimentos.....	44
3.3.1 Procedimentos éticos.....	44
3.3.2 Elaboração do instrumento.....	44
3.3.2.1 Pesquisa bibliográfica e influências teóricas.....	45
3.3.2.2 Validação do instrumento.....	45
3.3.2.3 Finalização do instrumento.....	46
3.3.3 Localização e contato com os profissionais participantes.....	47
3.3.4 Coleta de dados.....	48
3.3.4.1 Correio eletrônico – o contato com os profissionais e a coleta de dados.....	50
3.3.4.2 <i>Site</i> - a coleta de dados por endereço na <i>internet</i>	52
3.3.4.3 Correio tradicional – o contato com os profissionais.....	54
3.3.4.4 O retorno dos dados.....	55
3.3.5 Análise dos dados.....	57
3.3.5.1 A representatividade da amostra obtida.....	57
3.3.5.2 Análise exploratória descritiva.....	58
3.3.5.3 Análise de Conteúdo - categorização e interpretação de questões e itens abertos.....	59
3.3.5.4 Análise de Correlação.....	59
4 RESULTADOS.....	60
4.1 Atuação no processo de inclusão escolar.....	61
4.2 Características das crianças acompanhadas.....	67
4.3 Atuação em equipe.....	70
4.4 Obstáculos e desafios na realização do trabalho do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar.....	76
4.5 Atualização profissional e apoio teórico para o desenvolvimento de ações na inclusão escolar.....	77

4.6	Perspectivas futuras e reflexão sobre a ampliação da atuação da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar.....	79
4.7	Sugestões sobre ações e implementações para a melhor efetivação da inclusão escolar no Brasil.....	81
4.7.1	Políticas Públicas.....	82
4.7.2	Cotidiano Escolar.....	83
4.7.3	Estudos e Pesquisas.....	84
4.7.4	Formação do terapeuta ocupacional.....	86
4.8	Análise de correlação - relação entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis.....	87
4.9	O sucesso nas intervenções – depoimentos.....	91
4.9.1	Os sujeitos.....	92
4.9.2	Os contextos de atuação.....	93
4.9.3	As ações em ambiente clínico.....	95
4.9.4	As ações na escola.....	97
4.9.5	A intervenção com a família.....	97
4.9.6	As ações em equipe.....	98
4.9.4	Os resultados.....	98
5	DISCUSSÃO.....	101
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
8	APÊNDICES.....	134
9	ANEXOS.....	174

1. INTRODUÇÃO

“É tempo de se armarem de coragem e descobrirem que cada situação nova é sempre um novo desafio para a criatividade...”

(José Pires)

1.1 Inclusão escolar: conceitos e concepções

A inclusão social é um processo baseado na declaração dos direitos humanos com fundamentação nos princípios de igualdade e na constituição da cidadania (CAVALCANTE, 2000) e é “proposta como um novo paradigma que implica a construção de um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (MENDES, 2002, p.61).

A escola é hoje um veículo de transferência e criação cultural, além de representar um espaço de construção de cidadania, deste modo, se apresenta como um dos espaços de maior potencial para a produção da inclusão/exclusão social (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; PIRES, 2006; SKLIAR, 2006).

O binômio inclusão/exclusão é exposto por vários autores como representação de uma discussão política e filosófica que aponta a relação dinâmica existente entre esses dois conceitos que compõem as relações em sociedade (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; PIRES, 2006; SKLIAR, 2006). “Só se pode falar em inclusão porque há a exclusão, só se fala de excluídos porque existem aqueles que não o são, os incluídos” (BARTALLOTTI, 2004, p.169).

Esta discussão chama a atenção para a exclusão social enquanto forma de inclusões precárias e marginais (BARTALLOTTI, 2004). Uma pessoa que não faz parte de determinados sistemas de relação e participação social dignos e favoráveis pertence a outros que muitas vezes se configuram pela insuficiência e privação e denunciam uma lógica perversa de inclusão, que infelizmente engloba grande parte da população mundial (SAWAIA, 2005; ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003). Esta reflexão é exemplificada pelos últimos autores através da situação da criança com necessidades educacionais especiais¹ que não está incluída na rede regular de ensino, mas pode estar incluída em uma outra lógica -

¹ Neste estudo será utilizado o termo “crianças com necessidades educacionais especiais” como referência a “todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem” (UNESCO, 1994, p. 3). No entanto, em citações de outros autores os termos originais utilizados pelos mesmos serão mantidos.

dos desfavorecidos, composta por equipamentos especializados assistencialistas e ações individuais e políticas paternalistas e de segregação.

O movimento a favor da inclusão social a partir do contexto de ensino-aprendizagem na tentativa de oferecer e possibilitar a educação para todos é crescente e, nesse cenário, é questionado o potencial excludente da separação entre alunos “normais” e “especiais” (KLIEWER; FITZGERALD, 2004). Para Iarskaia-Smirnova (2002), uma experiência compartilhada na escola pode contribuir para a diminuição da discriminação das crianças com necessidades educacionais especiais no futuro, uma vez que possibilita que os alunos aprendam a conviver com a diversidade.

No entanto, é importante se atentar para o fato de que, mesmo inseridos na escola regular, os alunos podem permanecer numa lógica excludente se não houver uma transformação ética e política dos sistemas sociais que apresentam a intenção de construir uma sociedade inclusiva, mudanças que vão ao encontro do reconhecimento e produção dos direitos de todos os cidadãos em sua mais ampla diversidade (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; PIRES, 2006; BARTALLOTTI, 2004; SKLIAR, 2006).

Assim, na escola a inclusão é mais que uma mera transferência do indivíduo com necessidades educacionais especiais de uma sala de aula ou escola especial para uma sala de aula regular. Representa, antes de tudo, uma mudança paradigmática que venha resultar também em mudanças nas políticas, programas e serviços de apoio oferecidos a estes indivíduos (CAVALCANTE, 2000).

Neste contexto é importante destacar a diferença entre “inclusão” e “integração” que, muito além de uma simples distinção de termos, envolve diferenças de concepção, bem como reflete transformações ideológicas e políticas em torno dos direitos humanos e do dever do Estado e das instituições de possibilitar o acesso e a participação de todos os cidadãos nos sistemas públicos.

A “integração” do aluno na escola regular, movimento muito defendido a partir da década de 60, fala da adaptação das crianças aos parâmetros da escola e daqueles alunos que poderiam se adequar (SASSAKI, 2002; ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; RODRIGUES, 2006).

Era implícito ao processo que o aluno só se poderia manter na escola enquanto o seu comportamento e aproveitamento fossem adequados. Caso contrário, poderiam sempre ser ‘devolvidos’ à escola especial. Assim, o aluno com dificuldades não era um membro de pleno direito na escola, mas tão-só uma benesse que a escola condicionalmente lhe outorgava. (RODRIGUES, 2006, p. 304).

Já a “inclusão” requer a responsabilidade de todos, surge como discussão a partir da década de 80 e se fortalece na década de 90 demandando a adequação da sociedade para a participação ativa e igualitária de todos, com a re-criação de espaços e atitudes que derrubem a barreira entre as diferenças (SASSAKI, 2002; ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; RODRIGUES, 2006).

Na escola, a inclusão representa mais que a possibilidade de socialização e convivência, uma vez que defende o direito à educação a partir da re-criação de projetos pedagógicos que atendam as características e necessidades de todos os alunos.

Mazzotta, em 1987, embora se dirigisse especificamente à deficiência intelectual, discutia a situação educacional das crianças com necessidades educacionais especiais no sistema de ensino e apontava as tentativas de atender a diversidade na escola regular e de suas implicações.

[...] há uma tendência de se providenciar auxílios especiais que garantam a permanência do aluno no ambiente escolar comum. Essa integração do aluno deficiente mental na escola comum, todavia, não pode ser confundida com uma subescolarização. Ela deve significar uma busca concreta de uma adequação do meio escolar comum aos objetivos educacionais das crianças (MAZZOTTA, 1987, p. 38).

Como é possível observar, no final da década de 80 no Brasil, ainda que se falasse em integração na escola comum, já havia discussões importantes na direção das responsabilidades e necessidades para a real efetivação do processo de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Porém, foi a partir de movimentos mundiais em prol da escola para todos como a “Conferência Mundial da Educação”, na Tailândia em 1990 e a “Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade”, ocorrido na cidade de Salamanca, na Espanha, no ano de 1994, que ocorreram importantes transformações legislativas no sentido de possibilitar efetivamente no país a educação inclusiva.

Desde então, alguns projetos e leis vêm priorizando, regularizando e possibilitando a educação de qualquer criança no sistema regular de ensino no Brasil, independente de suas limitações. Destacam-se: o Plano Nacional de Educação Especial (PNEE - 1994); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 1996); Parâmetro Curricular Nacional (PCN – 1998); Diretrizes Nacionais para a Educação Especial e Plano Nacional de Educação (CNE e PNE – 2001).

Segundo Petrechen (2006), embora o direito à educação da pessoa com necessidade educacional especial no Brasil esteja garantido pela Constituição Federal desde 1988, foi somente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que, “conquistou-se o instrumento jurídico necessário à luta para romper com a ideologia da exclusão escolar” (PETRECHEN, 2006, f.25).

Nesta direção, os programas e leis desenvolvidas no contexto nacional a favor da inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais após o compromisso firmado nos encontros mundiais na Tailândia (1990) e em Salamanca (1994), se direcionam pelas seguintes premissas (PNE/BRASIL, 2000; LBD/BRASIL, 1996a): a) a educação é um direito fundamental de todo cidadão; b) deve ser priorizada a educação de todas as crianças na rede regular de ensino; c) as práticas de ensino inclusivo devem ser fundamentadas no respeito à diversidade com utilização de recursos satisfatórios que atendam as mais diferentes necessidades e c) a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança ao invés de se adaptar a criança às determinações pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994), as escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias uma vez que, a partir delas, criam-se comunidades acolhedoras.

1.1 Educação Inclusiva - O Desafio

Na discussão em torno das medidas para garantir o direito de toda criança à educação e afirmar a prioridade do ensino em uma escola comum e acessível a todos, alguns conceitos se transformam e vêm fortalecer o movimento da inclusão social no âmbito escolar.

A Educação Especial, por exemplo, de acordo com Paulon, Freitas e Pinto (2005), a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 passa a ser definida como uma modalidade de educação escolar, permeando todos os níveis de ensino e direcionada a todos os alunos que apresentem, em algum momento, necessidades educacionais especiais e não apenas a grupos ou circunstâncias previamente determinados e estabelecidos. Essa definição sugere o rompimento da obrigatoriedade da relação educação especial – escola especial, e destaca o papel da educação especial como um recurso fundamental para o sucesso da inclusão escolar (PAULON, FREITAS, PINTO, 2005).

Alves e Barbosa (2008, p. 17) confirmam esta discussão ao afirmarem que:

A evolução da concepção que altera o enfoque da política de integração para a política de inclusão, reposiciona a educação especial no âmbito da política educacional brasileira por que a define como uma modalidade transversal que realiza o atendimento educacional especializado de apoio complementar e suplementar ao processo de escolarização.

Nesta perspectiva, considera-se que o cumprimento das leis educacionais e inclusivas diz respeito a todas as esferas de ensino e pode-se afirmar “que se faz necessário propor alternativas inclusivas para a educação e não apenas para a escola” (PAULON, FREITAS, PINTO, 2005, p.19) e, desta forma, a efetivação da inclusão escolar representa um desafio para todos aqueles envolvidos neste contexto.

A educação inclusiva, assim como toda a inclusão social, depende de estratégias e ações cientificamente fundamentadas que possibilitem que pessoas com as mais variadas diferenças participem juntas das principais situações e atividades da vida diária (OMOTE, 2004).

No contexto da escola regular, Mendes (2002) comenta que, além das necessidades de personalizar os currículos de estudantes que precisam de educação especial, as escolas devem atender a outras demandas, nem sempre coerentes, como as necessidades definidas nos parâmetros e diretrizes curriculares nacionais, estaduais, municipais e as necessidades estabelecidas nos projetos pedagógicos de cada escola. A autora destaca que, relacionar essas demandas numa prática justa, eficiente e igualitária, talvez seja um dos maiores desafios para uma escola inclusiva (MENDES, 2002).

Vale ressaltar que, na escola regular, esse desafio é muitas vezes enfrentado solitariamente pelos professores e, nesse sentido, é possível observar na literatura a preocupação quanto à excessiva responsabilização do professor em um processo tão complexo quanto o da educação inclusiva (GOMES, 2005).

Segundo o Documento Subsidiário à Política Inclusiva da Secretaria de Educação Especial (2005), uma política educativa que direcione ao professor as esperanças de melhoria da educação brasileira tem como único efeito colocá-lo frente a um ideal que adquire mais a dimensão de um “fardo” a ser carregado que de uma possibilidade a ser concretamente alcançada.

Dentre os tópicos mais discutidos no quadro de medidas realmente efetivas para a inclusão da criança com necessidades educativas especiais na escola regular, está o

envolvimento de diferentes campos de conhecimento na elaboração e concretização das práticas inclusivas; considera-se que este envolvimento aconteceria através da contribuição de profissionais de diferentes áreas atuando no processo de inclusão (MENDES, 2002). Por esse motivo, aponta-se como fundamental para compor uma prática inclusiva junto ao professor, a constituição de uma equipe interdisciplinar, considerando a necessidade de colaboração entre professores do ensino regular e consultores especialistas de áreas afins (MENDES, 2002; PAULON, FREITAS, PINTO, 2005).

É possível observar na literatura o reconhecimento acerca da necessidade de um trabalho realizado em equipe para a eficiência do processo de inclusão escolar, segundo Sasaki (2002, p. 117), para a preparação da escola inclusiva:

Deverá haver ação conjunta do diretor e dos professores, das autoridades educacionais, dos profissionais de educação especial e/ou de reabilitação, dos líderes do movimento dos portadores de deficiência e representantes da comunidade.

Na literatura internacional, York et al. (1992) afirmam ser indispensável para os educadores, mesmo com habilidades para lidar com a educação de crianças com necessidades educacionais especiais, a contribuição de profissionais representantes de diferentes disciplinas.

A formação de equipes colaborativas envolvendo professores, profissionais especialistas e familiares representa uma alternativa enriquecedora nesta direção (MENDES, 2006). No entanto, esta proposta muitas vezes questiona o papel individual tradicionalmente ligado à atuação do educador na sala de aula e demanda a disponibilidade e preparação dos professores para trabalhar em equipe e “passar para uma atuação que exige compartilhar metas, decisões, instruções, responsabilidades, avaliação de aprendizagem, resoluções de problemas e a administração da sala de aula” (MENDES, 2006, p.29). Para Pires (2006), os educadores precisam se acostumar a trabalhar de modo cooperativo e vencer o medo do novo e do desconhecido.

Observa-se que vários são os profissionais que se relacionam com as necessidades encontradas na realidade da educação e da inclusão social e que fazem parte dos diversos saberes que podem compor as equipes de apoio e contribuir para a construção de estratégias na educação inclusiva.

Paulon, Freitas e Pinto (2005) ao falarem sobre as equipes envolvidas com a inclusão escolar, apontam que esta poderá ser constituída pelos seguintes profissionais: da educação

especial, pedagogia, psicologia, fonoaudiologia, assistência social, bem como profissionais que atuam como conselheiros tutelares, agentes comunitários de saúde e outros, conforme o contexto de cada comunidade.

Para Roriz, Amorim e Ferreira (2005), os profissionais de saúde representam mediadores importantes na educação inclusiva. Em um estudo que buscou identificar as concepções de profissionais da saúde envolvidos no processo de inclusão/exclusão social e escolar de crianças com paralisia cerebral, Roriz (2005) destacou a ação e participação de profissionais das seguintes especialidades envolvidas: neurologista infantil, pediatra, médico da saúde da família, enfermeira, assistente social, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e psicólogo.

Fonseca (2003, p. 57) em discussão sobre novos modelos de intervenção para a inclusão escolar chama a atenção para a importância de se oferecer um *continuum* de serviços especializados aos alunos na escola regular e aponta que:

Os professores especialistas ou de apoio, os terapeutas da fala, os terapeutas ocupacionais, os psicomotricistas, os fisioterapeutas, os psicólogos ou outros técnicos, devem exercer a sua ação nas salas de aula ao lado dos professores regulares.

Dentre as várias profissões que podem contribuir com a educação inclusiva identifica-se a Terapia Ocupacional. Ao afirmar ser fundamental a presença de especialistas na equipe de apoio envolvida na inclusão escolar, Pelosi (2006) aponta o terapeuta ocupacional como um profissional que estará presente em muitas dessas equipes e destaca que, a capacidade de reconhecer a diversidade em diferentes áreas e de favorecer a funcionalidade das potencialidades de cada indivíduo faz deste um profissional qualificado para trabalhar como facilitador da inclusão.

1.2 A Atuação do Terapeuta Ocupacional na Inclusão Escolar

No presente momento a sociedade brasileira encontra-se diante do desafio da inclusão escolar e em meio às transformações políticas e sociais envolvidas surge a necessidade de capacitação e adaptação de recursos humanos para tornar a proposta de igualdade social, através da educação, responsável e eficiente.

A atuação da Terapia Ocupacional em processos educativos não é recente, a intervenção em instituições que desenvolvem programas de educação especial vem acompanhando a implementação e consolidação da profissão no Brasil desde meados da década de 60 (SOARES, 1991, BARTALOTTI, 2007). Assim, a inserção da profissão no processo de inclusão escolar parece ser uma consequência natural da comunicação da profissão com a educação especial e com os processos de inclusão social em geral.

Segundo Swinth, Spencer e Jackson (2007), considera-se um entendimento básico sobre a prática da Terapia Ocupacional na educação que esta possibilita a alunos com necessidades educacionais especiais a realizarem suas ocupações escolares diárias incluídos em várias atividades inter-relacionadas como atividades acadêmicas, sociais, extracurriculares e de auto-cuidado.

Para Bartalotti (2004) a inclusão social tem sido uma questão inerente e muitas vezes central do trabalho do terapeuta ocupacional, e envolve a atuação nos processos de inclusão nas escolas regulares, no trabalho, nos locais públicos de convivência e lazer, entre outros.

No entanto, o terapeuta ocupacional precisa rever conceitos e ações para se colocar com confiança e responsabilidade diante do desafio que representa a inclusão escolar (PELOSI, 2006). Acredita-se que, muitas vezes, são necessárias a revisão e a transformação de modelos arcaicos de atuação que tendem a ver a educação especial ou a educação da criança com necessidade educacional especial como um aspecto clínico a ser tratado.

No contexto da educação a Terapia Ocupacional, como uma profissão tradicionalmente ligada à saúde e voltada à reabilitação (BARTALOTTI; DE CARLO, 2001), tem nos últimos anos revisto suas práticas, estudado e criado estratégias para se adaptar e exercer ao máximo seu potencial como colaborador no processo de inclusão escolar.

As práticas e teorias da Terapia Ocupacional atualmente representam um campo amplo de estudo e experimentação na busca de uma maior sistematização, consolidação e afirmação dessa profissão e dos conhecimentos produzidos na área (QUARENTEI, 2001). Observa-se na produção científica da Terapia Ocupacional uma preocupação com as pesquisas e aperfeiçoamento da atuação desse profissional em seus diversos contextos de inserção.

Segundo Bartalotti e De Carlo (2001, p.112) “a Terapia Ocupacional deve se incorporar à discussão sobre educação inclusiva e pensar sua atuação na escola regular”. Assim, é importante que os terapeutas ocupacionais, em especial os diretamente envolvidos, se mobilizem para uma maior potencialização, capacitação e reconhecimento de sua profissão nessa área.

Na literatura internacional é possível identificar estudos que ilustram os movimentos de transformação e adaptação da formação e atuação do Terapeuta Ocupacional no processo de inclusão escolar (NIEHUES, et al, 1991; YORK et al, 1992; STORCH; ESKOW, 1995; CASE-SMITH; CABLE, 1996; CLARK; MILLER, 1996; KAMMES; DUNN, 1996; ORR; SCHKADE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; PRIGG, 2002; WHALEN, 2003; COPLEY; ZIVIANI, 2004; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004; MU; FRANCK; KONZ, 2006).

Niehues et al (1991) em um estudo realizado nos Estados Unidos com cinco terapeutas ocupacionais envolvidos com a educação em escolas regulares, buscaram identificar o conhecimento constituído ao longo da prática da terapia ocupacional relacionada à inclusão escolar. As autoras solicitaram aos participantes, através de entrevista, que descrevessem situações bem sucedidas neste campo e identificaram nos relatos: a) a caracterização de um modo de atuar que prioriza a orientação e o fortalecimento da ação dos profissionais da escola e busca transformar o modo como estes vêem seus alunos com necessidades especiais; b) as dificuldades encontradas pelos terapeutas ocupacionais para realizar seu trabalho, especialmente relacionadas à disponibilidade e resistência das equipes das escolas e c) ambivalência e paradoxo nos discursos dos participantes.

As autoras discutem o último tema - ambivalência e paradoxo, esclarecendo que esta identificação aconteceu a partir das falas sobre o sucesso e contribuições das intervenções dos terapeutas ocupacionais na escola. Ao serem solicitados que descrevessem casos bem sucedidos os participantes destacaram suas ações com as equipes e contexto escolares. No entanto, ao serem questionados diretamente sobre as contribuições de sua atuação, estes destacaram o atendimento clínico. Assim, as autoras identificaram uma importância da atuação nos dois contextos (clínico e escolar), mas pontuaram que embora o sucesso das intervenções na escola seja reconhecido pelos terapeutas ocupacionais estes não parecem tão seguros neste modo de atuar como são em relação ao atendimento clínico tradicional.

York et al (1992), em estudos sobre a importância da atuação de “pessoal de suporte” em salas de aula com alunos com necessidades especiais de ensino, relacionaram as principais dificuldades apresentadas pelas crianças aos profissionais de suporte mais indicadas para desenvolver um trabalho junto ao professor. No quadro esboçado, o terapeuta ocupacional aparece relacionado a cinco das seis demandas citadas, são elas: dificuldades no processo de aprendizagem; no desenvolvimento físico-motor; déficits sensoriais; problemas de saúde e no desenvolvimento de projetos de vida atuais e futuros.

Case-Smith e Cable (1996), discutindo diferentes formas de atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, destacaram dois tipos principais de intervenções: a) ações realizadas a partir de um modelo clínico (atuação direta, individual ou em grupos fora do contexto escolar) e b) ações realizadas a partir de um modelo integrativo (ações no contexto escolar, com os alunos e a equipe). A fim de explorar as atitudes dos terapeutas ocupacionais diante das diferentes formas de atuação na educação, as autoras buscaram identificar o tempo gasto pelos profissionais atuando em cada modelo a partir de questionário enviado por correio. Os resultados apontaram que os terapeutas ocupacionais atuam tanto no ambiente clínico quanto na escola e acreditam ser muito importante unir a proposta dos dois modelos para o sucesso das ações na inclusão escolar.

Na Austrália, Prigg (2002) a partir do reconhecimento da importância e, ao mesmo tempo, da falta de pesquisas no país sobre atuação dos terapeutas ocupacionais com crianças com necessidades educacionais especiais em iniciação na escola comum, realizou um estudo com os seguintes objetivos: a) identificar, a partir da fala dos terapeutas ocupacionais, o papel que esses profissionais desempenham no processo de transição das crianças com necessidades educacionais especiais para a escola regular e b) explorar as experiências desses profissionais em sua atuação nessa área. Os terapeutas ocupacionais participantes do estudo descreveram como suas principais ações: a preparação da criança para e na escola; o trabalho com a equipe escolar e o apoio aos pais - e apontaram como suas principais dificuldades: tempo limitado para realizar a intervenção; recomendações não seguidas pelo pessoal da escola; equipe não suportiva; sentimento incômodo na sala de aula e participação limitada no planejamento pedagógico individual das crianças em processo de inclusão.

O autor concluiu que as ações descritas pelos terapeutas estavam de acordo com o esperado para sua atuação e identificou dificuldades importantes encontradas pelos profissionais em realizar seu trabalho de forma satisfatória e interdisciplinar na escola regular (PRIGG, 2002).

Whalen, em 2003, guiada pela questão “A Terapia Ocupacional faz a diferença na escola?”, realizou uma pesquisa de revisão bibliográfica para avaliar a efetividade das práticas de terapeutas ocupacionais na escola regular a partir de publicações na área. Após analisar artigos de 1993 à 2001, a autora confirmou a efetividade da atuação destes profissionais com crianças com alguma dificuldade na performance escolar e concluiu que: a) a Terapia Ocupacional é efetiva em ajudar as crianças a atingir suas metas escolares, auxiliar no desenvolvimento de habilidades em áreas fundamentais e dar suporte no desempenho escolar e b) tem uma papel importante na identificação e cuidado com as

expectativas do ambiente em relação ao desempenho das crianças e as dificuldades que podem surgir do descompasso dessas expectativas com a realidade.

Nessa pesquisa, Whalen (2003) ainda constatou que a consultoria colaborativa² com pais e professores apareceu nos artigos acessados como um componente essencial na potencialização da atuação do terapeuta ocupacional e na satisfação com este trabalho.

Na concretização da inclusão escolar, um outro trabalho importante é a indicação, desenvolvimento e utilização de tecnologias assistivas³ nas escolas, um campo bastante habitado pelos terapeutas ocupacionais. No estudo de Copley e Ziviani (2004) foram estudadas várias barreiras existentes para a efetiva utilização da tecnologia assistiva e a falta de treinamento dos professores para lidar com as intervenções foi identificada nas escolas como um importante obstáculo. Ao constatar que grande parte dos casos de insucesso do uso de tecnologia assistiva dentro das salas de aula poderiam ser em função da falta de aceitação, orientação e participação do professor, os autores destacaram a importância do papel do terapeuta ocupacional nesse processo junto à equipe escolar.

Em Israel, Weintraub e Kovshi (2004) procuraram examinar as diferentes formas de atuação e percepção dos terapeutas ocupacionais na inclusão escolar e verificar como as intervenções destes profissionais estão se adaptando para acompanhar as mudanças paradigmáticas nesta área. A partir do retorno de 77 questionários enviados por correio tradicional a terapeutas ocupacionais, identificou-se que a maior parte destes profissionais (76,9%) realiza suas intervenções voltadas para a educação em ambiente clínico (fora do contexto educacional), por meio de atendimento direto com a criança focalizando o desenvolvimento de habilidades. As autoras concluíram que a atuação deste profissional na educação ainda está muito voltada para o atendimento “clínico” e apenas começa a se transformar na direção de uma atuação mais contextualizada e interdisciplinar.

Para Mu e Royeen (2004) a prática interdisciplinar no processo de intervenção baseado na escola é fortemente defendida pela terapia ocupacional, que afirma que uma boa

² Segundo Kampwirth (2003, p.3), consultoria colaborativa na escola refere-se a: “um processo em que um profissional especializado em consultoria escolar trabalha em igualdade, em uma relação não hierárquica, com a equipe que o consulta, auxiliando nas tomadas de decisão e nos planos para o melhor desenvolvimento educacional dos alunos” (tradução nossa).

³ A tecnologia assistiva busca construir estratégias tecnológicas para facilitar/promover a participação de pessoas com necessidades especiais em situações comuns e significativas do dia-a-dia. Este tipo de intervenção tem feito cada vez mais parte do cotidiano escolar e inclui tanto a utilização de baixa tecnologia – como engrossamento de um lápis com espuma, pranchas de comunicação elaboradas com materiais de baixo custo, quanto de alta tecnologia – como computadores, softwares especializados, teclados adaptados (ASHTON, 2000, COPLEY; ZIVIANI, 2004).

prática do terapeuta ocupacional no processo de educação requer a execução de serviços em um trabalho interprofissional.

Ainda em estudos internacionais sobre a atuação do terapeuta ocupacional na escola, voltados para a formação deste profissional em relação ao processo de inclusão escolar, Mu, Franck e Konz (2006) investigaram as atitudes e comportamentos de estudantes de doutorado em Terapia Ocupacional. O estudo tinha como principais objetivos: conhecer as atitudes dos estudantes em relação ao tema e explorar os efeitos da educação profissional desses estudantes em suas atitudes diante da atuação da Terapia Ocupacional na escola e diante da educação inclusiva. Foram participantes doutorandos em Terapia Ocupacional em três níveis diferentes de doutorado (primeiro, segundo e terceiro ano). Os autores concluíram que a evolução dos estudantes de Terapia Ocupacional durante o doutorado, no que diz respeito às atitudes perante a inclusão escolar, é encorajadora, uma vez que atitudes mais positivas foram identificadas em alunos com maior nível de doutoramento (MU; FRANCK; KONZ, 2006).

Mu, Franck e Konz (2006) apontaram que tais resultados demonstram uma preparação para a inserção desse profissional na área, no entanto, destacaram a necessidade de estudos futuros que possibilitem uma maior reflexão e capacitação no campo da discussão e prática da inclusão escolar para que, deste modo, os terapeutas ocupacionais possam transformar e potencializar seus trabalhos baseados na escola.

No Brasil, é possível identificar na literatura da área dos últimos anos um deslocamento do olhar do terapeuta ocupacional da deficiência da criança para as suas necessidades educacionais contextualizadas (ROCHA, CASTIGLIONI, VIEIRA, 2001; JURDI, BRUNELLO, HONDA, 2004; PELOSI, 2006).

Segundo alguns autores nacionais, no contexto da educação inclusiva, os terapeutas ocupacionais podem se inserir junto aos alunos, pais, professores, escola e comunidade, tendo como principais objetivos: facilitar e potencializar o processo de ensino aprendizagem; possibilitar e promover a reflexão e discussão sobre os temas que envolvem a inclusão escolar; incentivar e otimizar a comunicação/encontro/relação entre os diversos atores desse processo e suas ações criativas e transformadoras, dentre outros (ROCHA, CASTIGLIONI, VIEIRA, 2001; ROCHA, LUIZ, ZULIAN, 2003; JURDI, BRUNELLO, HONDA, 2004; CRUZ, DIMOV, 2005).

Percebe-se assim uma preocupação dos profissionais e pesquisadores com a ampliação das ações da Terapia Ocupacional para as novas demandas contextuais e sociais de suas práticas.

A partir de alguns estudos presentes na literatura nacional, é possível destacar algumas das principais “ações possíveis” do terapeuta ocupacional na educação inclusiva identificadas pela maioria dos autores. Tais ações estão sintetizadas no Quadro 1.

Ações possíveis do terapeuta ocupacional na educação Inclusiva	Autores
Adequações ambientais, de mobiliários, materiais e utilização de tecnologia assistiva na escola, bem como a facilitação e capacitação para o acesso e utilização dos mesmos	- Bartalotti, De Carlo (2001) - Rocha, Castiglioni, Vieira (2001) - Dutra et al(2002) - Rocha, Luiz, Zulian(2003) - Zulian et al (2004) - Cruz, Dimov (2005) - Pelosi (2005) - Pelosi (2006) - Pelosi (2007) - Toyoda et al (2007)
Desenvolvimento e adaptação de atividades e criação de estratégias potencializadoras da dinâmica escolar (sala de aula, recreio, AVDs e AVPS)	- Bartalotti, De Carlo (2001) - Rocha, Castiglioni, Vieira (2001) - Dutra et al (2002) - Jurdi, Brunello, Honda (2004) - Jurdi, Amiralan (2006) - Pelosi (2006) - Toyoda et al (2007) - Bartalotti (2007)
Promoção de discussão e reflexão de temas relativos à inclusão na escola com alunos, familiares, professores, e comunidade; possibilitando a expressão e enfrentamento das questões que surgem a partir das ações objetivas e cotidianas e fortalecendo as capacidades construtivas e transformadoras da população na criação de estratégias.	- Bartalotti, De Carlo (2001) - Rocha, Castiglioni, Vieira (2001) - Rocha, Luiz, Zulian (2003) - Jurdi, Brunello, Honda(2004) - Pelosi (2006) - Bartalotti (2007)
Suporte técnico e emocional e capacitação dos professores e familiares em relação aos tipos de dificuldades geradas pelas necessidades especiais e estratégias para a diminuição das dificuldades e potencialização das capacidades dos alunos.	- Bartalotti, De Carlo (2001) - Rocha, Castiglioni, Vieira (2001) - Rocha, Luiz, Zulian (2003) - Zulian et al (2004) - Toyoda et al (2007) - Bartalotti (2007)
Indicação de possíveis trabalhos terapêuticos e encaminhamento a serviços de saúde e reabilitação.	- Rocha, Luiz, Zulian (2003) - Toyoda et al (2007)

Quadro 1 - Possíveis ações da Terapia Ocupacional sob a ótica de alguns autores

Observa-se no Quadro 1 ações que os terapeutas ocupacionais podem realizar para favorecer o processo de inclusão escolar do ponto de vista de autores, terapeutas ocupacionais, em treze publicações nacionais a partir do ano de 2001.

Ao observar as ações destacadas verifica-se que as possibilidades de atuação do terapeuta ocupacional aparecem voltadas tanto para a eliminação de barreiras ambientais e materiais quanto para o suporte aos envolvidos e a promoção de reflexão, conscientização e discussão sobre o processo de inclusão escolar.

Para Rocha, Luiz e Zulian (2003), a atuação objetiva no espaço físico da escola é possível e necessária e, neste contexto, o terapeuta ocupacional vai estar envolvido com a eliminação de barreiras arquitetônicas, promoção de acesso a equipamentos, adaptação de mobiliário e material pedagógico/escolar, entre outras ações.

As mesmas autoras destacam, no entanto, que a Terapia Ocupacional “utiliza-se de suas diferentes formas de ação não como um fim em si mesmas, mas como um meio capaz de colaborar na explicitação das dificuldades que todos podem ter em relação a como lidar com as diferenças” (Rocha, Luiz e Zulian, 2003, p. 76).

Nesta direção, Bartalotti e De Carlo (2001) afirmam que no contexto educacional o terapeuta ocupacional deve ser um profissional de apoio na reestruturação das escolas e das classes, bem como na instrumentalização dos alunos para uma ação pedagógica efetiva, contudo sua atuação não deve ser voltada apenas para o oferecimento de recursos tecnológicos.

Assim, acredita-se que:

Cada atividade prática, ao ser idealizada e planejada pelos pais, professores e terapeutas visando a inclusão, pode tornar-se um espaço de diálogo com as questões que permeiam o problema. Assim, ao se desvelar os diferentes sentidos que as deficiências e as incapacidades geram para todos, novas perspectivas relacionais se abrem (ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001, p.13).

Nos Estados Unidos, onde a Terapia Ocupacional é estabelecida e exercida como profissão há mais tempo (MEDEIROS, 2003) e o processo de inclusão escolar, tanto legislativa como efetivamente, acontece temporalmente à frente do Brasil (KEMMIS; DUNN, 1996; CASE-SMITH, ROGERS; JOHNSON, 2001; APLING; JONES, 2005; PIRES, 2006), estudos sobre a atuação dos terapeutas ocupacionais neste cenário vão além das discussões sobre “possíveis contribuições” e procuram investigar, sistematizar e enriquecer as práticas já presentes no cotidiano da educação inclusiva.

Algumas pesquisas internacionais têm procurado identificar e analisar estas práticas dentro de uma perspectiva que engloba conceitos e ações em “modelos de atuação”

(NIEHUES, et al, 1991; STORCH; ESKOW, 1995; CASE-SMITH; CABLE, 1996; CLARK; MILLER, 1996; KAMMES; DUNN, 1996; ORR; SCHKADE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; VAUGHAN-JONES; PENMAN, 2004; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004). Sob esse olhar é possível visualizar com maior clareza as transformações ocorridas nos modos de atuar dos profissionais em função das transformações científicas e sociais, e assim perceber o que na prática da Terapia Ocupacional está sendo mantido, o que não mais se aplica a determinados contextos como o da escola inclusiva e o que está sendo renovado e transformado nas práticas profissionais.

Os principais modelos identificados e discutidos em pesquisas com terapeutas ocupacionais nos Estados Unidos e Israel (CASE-SMITH; CABLE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004) que caracterizam as práticas atuais e as tendências da Terapia Ocupacional no contexto escolar são: o modelo diretivo, o modelo de monitoramento e o modelo de consultoria.

Modelo Diretivo (*Direct Model*) ou Modelo Médico

Nesse modelo de intervenção o terapeuta ocupacional é o principal responsável pelo programa educacional da criança; o plano de atendimento é desenvolvido sem interação de equipe, individualizado, por especialidades; as crianças são atendidas fora da sala de aula em um contexto clínico; a relação terapêutica é direta – terapeuta e aluno (terapeuta com apenas um aluno ou em pequenos grupos); o terapeuta auxilia o estudante na aquisição ou refinamento de uma ou mais habilidades associadas com o sucesso na escola (habilidades de coordenação motora fina e visomotora, adaptação postural, performance nas tarefas escolares e habilidades de comunicação e expressão) (CASE-SMITH; CABLE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001, WEINTRAUB; KOVSHI, 2004).

Modelo de Monitoramento (*Monitoring*)

O terapeuta ocupacional cria um plano de intervenção, mas este é usualmente administrado por um outro ou outros membros da equipe. O terapeuta avalia, planeja, orienta, treina e oferece supervisão quando necessário. Exemplo: posicionamento adequado da criança nos ambientes educacionais, tecnologia assistiva, dentre outros (CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004).

Modelo de Consultoria (*Consultation*)

Neste modelo, considera-se que os problemas na performance educacional e ocupacional do aluno estão relacionados às expectativas, barreiras e possibilidades dos ambientes em que essas performances são requeridas. A aplicação desse modelo requer a colaboração de uma equipe de diferentes profissionais no planejamento e desenvolvimento dos objetivos e metas para os alunos e o acompanhamento da criança é feito no contexto escolar envolvendo professores e equipe da escola (CASE-SMITH; CABLE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001, WEINTRAUB; KOVSHI, 2004).

Os autores Case-Smith; Rogers e Johnson (2001) categorizaram três modelos de consultoria que freqüentemente são utilizados juntamente com o “modelo diretivo” e com o “monitoramento”:

- a) Consultoria de profissionais especialistas – os profissionais trabalham em equipe, porém com ênfase em suas especialidades;
- b) Consultoria para saúde mental – consultoria e atendimento a saúde da equipe de profissionais envolvidos com o processo de inclusão, especialmente professores;
- c) Consultoria colaborativa - a intervenção é entendida como um processo interativo, em que diferentes profissionais⁴ juntos procuram as melhores soluções para os problemas e são todos responsáveis pela avaliação, planejamento e desenvolvimento dos objetivos e metas da intervenção e as especialidades são menos enfatizadas.

No Brasil, Toyoda et al (2007) iniciaram a discussão sobre a possibilidade de terapeutas ocupacionais atuarem através da consultoria colaborativa na educação inclusiva. A partir da intervenção de estudantes de Terapia Ocupacional em projeto de extensão junto à rede municipal de educação de uma cidade no interior do Estado de São Paulo, observou-se inicialmente que apesar da importância de algumas intervenções da Terapia Ocupacional, alguns problemas relacionados principalmente à preparação dos professores ainda precisavam ser sanados. Com a reformulação do projeto e a atuação em equipe baseada nos conceitos da consultoria colaborativa, pôde-se concluir que “o trabalho de parceria colaborativa do terapeuta ocupacional em escolas é parte importante do suporte oferecido aos professores, no contexto da inclusão escolar” (TOYODA et al, 2007, p. 122-123).

No entanto, de acordo com estes mesmos autores:

⁴ Para Kampwirth (2003), a consultoria colaborativa ainda envolve os familiares e o próprio aluno que poderão contribuir em todas as fases do plano de intervenção.

[...] os estudos sobre a atuação do Terapeuta Ocupacional na escola têm apontado algumas possibilidades, mas também muitas dificuldades de ordem política que fogem do escopo da atuação do profissional, deixando ainda em aberto a questão de como este profissional pode colaborar para favorecer a escolarização de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum (TOYODA, et al, 2007, p. 125).

Observa-se, assim, uma carência de pesquisas nacionais de maior amplitude, que permitam um estudo sistematizado e uma caracterização das ações de fato realizadas pelo terapeuta ocupacional na realidade do processo de inclusão escolar. Alguns estudos nacionais que objetivaram discutir as práticas apresentam o enfoque limitado por se tratarem de estágios supervisionados de terapeutas ocupacionais em formação (ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001, JURDI; BRUNELLO; HONDA, 2004; JURDI; AMIRALAN, 2006, TOYODA, 2007).

Desta forma, os estudos nacionais sobre a prática da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar tem se caracterizado principalmente pela reflexão sobre o papel do terapeuta ocupacional no contexto da escola e da inclusão e pela discussão das “possíveis ações e contribuições” da profissão nessa área (GHIRARDI, 2000; DE CARLO; BARTALOTTI, 2001; ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003; CRUZ; DIMOV, 2005).

É possível que as práticas dos terapeutas ocupacionais no país atualmente também estejam, assim como em outros países, indicando possíveis transformações e tendências da atuação dos terapeutas ocupacionais a partir de suas ações no processo de inclusão escolar no Brasil. Identificar essas práticas e analisá-las numa direção sistemática pode contribuir para a produção de conhecimento na área e o desenvolvimento da profissão.

Acredita-se que em um processo social como o da inclusão escolar, é somente por meio de reflexão e discussão da realidade das práticas que se constroem teorias e políticas intervencionistas realmente efetivas e transformadoras.

Segundo Petrechen (2006), para a produção de conhecimentos que contribuam com a promoção de ações adequadas na educação deve-se partir das realidades concretas e vividas para afastar o perigo de inferências subjetivas e suposições distanciadas das práticas.

Um estudo nesta direção pode otimizar a criação de estratégias de enriquecimento e desenvolvimento da Terapia Ocupacional e contribuir para o fortalecimento do processo de inclusão escolar.

2. OBJETIVO

O estudo teve como objetivo geral:

- Identificar e caracterizar, sob a ótica dos terapeutas ocupacionais, as ações e realidade das práticas desenvolvidas pela Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais no Estado de São Paulo.

E como objetivo específico:

- identificar e caracterizar, a partir da visão destes profissionais, outras estratégias, perspectivas e ações que poderiam ser implantadas e ampliadas considerando o processo de inclusão escolar e a atuação da Terapia Ocupacional nesse contexto.

3. MÉTODO

*Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.
(Paulo Freire)*

Para a obtenção de informações sobre a realidade dos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo envolvidos com o processo de inclusão escolar optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de levantamento – *survey*.

A pesquisa de levantamento é considerada um método comum e eficiente para estudar o comportamento de uma determinada população, usualmente utilizado quando se tem como objetivo obter de um grande número de pessoas “informações sobre si mesmas – atitudes, crenças e dados demográficos [...] além de comportamentos passados e previsões de comportamentos futuros” (COZBY, 2003, p. 141).

Optou-se pelo tipo incidental ou instantâneo de pesquisa de levantamento por este meio de coleta de dados permitir que se obtenha, de uma população numerosa, uma “fotografia” do pensamento e do comportamento em dado momento (COZBY, 2003).

3.1 Participantes

Foram participantes da pesquisa 127 terapeutas ocupacionais que, em sua atividade profissional, realizam ou já realizaram nos dois últimos anos ações voltadas para a inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais e que são associados ao órgão de regulamentação da profissão - o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo (Crefito-3)⁵.

Apresenta-se na Tabela 1 alguns dados gerais dos participantes.

⁵ “O Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª Região (Crefito-3), respaldado na Lei 6.316, de 17 de dezembro de 1975, tem como finalidade principal a fiscalização do exercício profissional de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais em sua área de jurisdição, que abrange todo o Estado de São Paulo” (CREFITO - 3, 2008a, http://www.crefito.com.br/quem_somos/nossas_atividades).

TABELA 1: Informações sobre o gênero e a faixa etária dos participantes

	Faixa etária	Porcentagem (%)	Frequência (n)
Feminino (96,8%)	20 a 25	20,6%	26
	26 a 35	38,1%	48
	36 a 45	21,4%	27
	46 a 55	15%	19
	mais de 55	1,6%	2
Masculino (3,1%)	20 a 25	-	-
	26 a 35	2,3%	3
	36 a 45	-	-
	46 a 55	0,8%	1
	mais de 55	-	-
N=126 (sendo N o número total de participantes que responderam a questão)			

Os participantes foram, em sua maioria, mulheres (96,8%) na faixa etária de 20 a 45 anos. Verifica-se que apenas 3,1% (n=4) dos participantes foram homens.

Apresenta-se na Figura 1 informações sobre o tempo de formação dos participantes:



Figura 1: Tempo de formação em terapia ocupacional

Em relação ao tempo de formação em Terapia Ocupacional, 11,9% (n=15) dos participantes têm de 0 a 2 anos de formação, 28,6% (n=36) têm de 2 a 5 anos, 17,5% (n=22) de 5 a 10 anos, 10,3% (n=13) de 10 a 15 anos, 4,8% (n=6) de 15 a 20 anos e 27% (n=34) mais de 20 anos de formação.

Na Tabela 2 estão apresentadas algumas informações sobre o tempo de formação (graduação) em Terapia Ocupacional, considerando a idade dos profissionais.

TABELA 2: Informações sobre o tempo de formação de acordo com a idade dos participantes

	Idade (anos)	Tempo de Formação (anos)						N
		0 a 2	2 a 5	5 a 10	10 a 15	15 a 20	20 mais	
Fem	20 a 25	46,2%	50%	3,8%	-	-	-	26
	26 a 35	6,3%	43,7%	37,5%	12,5%	-	-	48
	36 a 45	-	3,7%	7,4%	22,2%	18,5%	48,1%	27
	46 a 55	-	-	5,3%	-	5,3%	89,7%	19
	mais de 55	-	-	-	-	-	100%	2
Mas	20 a 25	-	-	-	-	-	-	-
	26 a 35	-	66,7%	-	33,3%	-	-	3
	36 a 45	-	-	-	-	-	-	-
	46 a 55	-	-	-	-	-	100%	1
	mais de 55	-	-	-	-	-	-	-

Observa-se que o tempo de formação dos terapeutas ocupacionais apareceu, com frequência, de acordo com a idade dos mesmos, considerando que a maioria das pessoas completam a graduação entre os 20 e 25 anos: terapeutas ocupacionais na faixa etária de 20 a 25 anos disseram ter, em geral, de 0 a 5 anos de formação; os de 26 a 35 anos de 2 a 10 anos de formação; os de 36 a 45 anos de 10 a 20 anos de formação e os participantes com mais de 45 anos disseram ter mais de 20 anos de formação.

As informações sobre o tempo total de experiência dos participantes em inclusão escolar estão apresentadas na Figura 2.

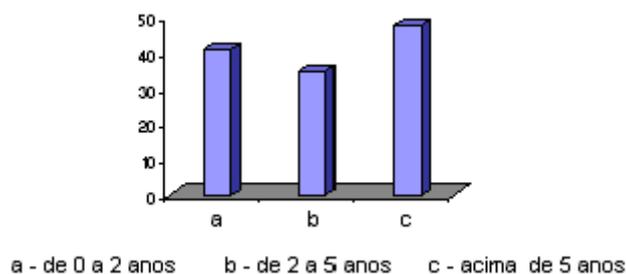


Figura 2: Tempo de experiência em inclusão escolar

Na Figura 2 é possível notar que 38,4% (n=48) dos participantes têm mais de 5 anos de experiência total em inclusão escolar, 32,8% (n=41) têm de 0 a 2 anos e 28,8% (n=36) de 2 a 5 anos.

Foi solicitado aos participantes que identificassem suas experiências em inclusão escolar, atuais e anteriores, e estas foram identificadas através da descrição do emprego a

partir do qual se relacionam ou se relacionaram com a área. Observa-se que muitos profissionais apontaram mais de um emprego.

Na Tabela 3 está apresentado o número de empregos a partir dos quais os participantes se relacionam com esta área atualmente.

TABELA 3: Experiência profissional atual em inclusão escolar

Número de empregos a partir dos quais se relaciona com a inclusão escolar atualmente		%	n
	1 emprego	75,4%	95
	2 empregos	11,9%	15
	3 empregos ou mais	0,7%	1
	Não trabalha atualmente	11,9%	15
			<i>N = 126</i>

Dos 126 participantes que responderam a questão sobre experiência profissional atual e anterior em inclusão escolar, 88,1% (n=111) estão atualmente envolvidos na área e, destes, 95 tem um emprego, 15 tem dois e apenas 1 tem três empregos ou mais.

Os participantes que não estão atualmente envolvidos com o processo de inclusão escolar (N=15) realizaram, nos últimos dois anos, atividades relacionadas a esta área, mas no momento estão envolvidos em outras áreas ou não estão trabalhando.

Na Tabela 4 apresentam-se as informações relativas aos empregos anteriores na área de inclusão escolar.

TABELA 4: Experiência profissional anterior em inclusão escolar

Número de empregos a partir dos quais se relacionou com a inclusão escolar anteriormente		%	n
	1 emprego	31,7%	40
	2 empregos	12,7%	16
	3 empregos ou mais	4,7%	6
	Nenhum	50,7%	64
			<i>N=126</i>

Observa-se na Tabela 4 que 50,7% (n=64) dos participantes não tiveram nenhuma experiência anterior, ou seja, o envolvimento com o processo de inclusão acontece apenas a partir dos empregos em que estão atualmente.

Apresenta-se nas tabelas a seguir, informações relativas à formação acadêmica dos terapeutas ocupacionais, após a graduação, considerando formação em todas as áreas (Tabela 5) e apenas na área de educação especial e/ou educação inclusiva (Tabela 6).

TABELA 5: Formação acadêmica – Pós-Graduação em diversas áreas

Pós-graduação em diversas áreas	%	N
Aprimoramento, especialização, residência ou aperfeiçoamento profissional	90,3%	103
Mestrado	28,9%	33
Doutorado	7,8%	9
N=114		

TABELA 6: Formação acadêmica – Pós-Graduação em educação especial e/ou inclusiva

Pós-graduação em educação especial e/ou inclusiva	%	N
Aprimoramento, especialização, residência ou aperfeiçoamento profissional	28,7%	32
Mestrado	14%	16
Doutorado	2,6%	3
N=114		

A partir da observação conjunta das Tabelas 5 e 6 é possível fazer algumas considerações, inicialmente destaca-se que 114 terapeutas ocupacionais possuem pelo menos uma pós-graduação, representando 89,7% do total de participantes do estudo (n=127). Destes, 90,3% (n=103) possuem pelo menos uma pós-graduação *lato sensu* (aprimoramento, residência, especialização ou aperfeiçoamento profissional), sendo que, 28,7% (n=32) possuem formações *lato sensu* voltadas para a educação especial e/ou inclusiva.

Em relação à pós-graduação *stricto sensu*, 28,9% (n=33) dos terapeutas ocupacionais possuem mestrado e 7,8% (n=9) possuem doutorado, sendo que, 16,6% (n=19) são estudos de mestrado e doutorado voltados para a área de educação especial e/ou inclusiva.

Nota-se ainda na Tabela 5 que a soma das respostas resulta em um número maior que o número total de participantes, isso ocorre porque esta, como muitas outras questões do questionário, solicitava ao participante que fossem indicadas todas as alternativas que lhe fossem verdadeiras dentro de uma questão. Neste caso, um mesmo profissional pode possuir mais de um tipo de pós-graduação.

3.2 Instrumento

Para a obtenção dos dados necessários ao estudo foi utilizado um questionário composto por questões abertas e fechadas, elaborado pela pesquisadora com base em estudos

semelhantes (STORCH; ESKOW, 1995; CASE-SMITH; CABLE, 1996; WEINTRAUB; KOVSHI, 2001). O instrumento teve como objetivo coletar dados que permitissem a identificação das ações e percepções de terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.

O questionário é composto por 8 itens de identificação geral e 26 questões específicas e, no geral, focaliza:

- a identificação geral do participante;
- a forma de inserção no processo de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais;
- ações realizadas no processo de inclusão escolar;
- atuação em equipe neste contexto;
- sugestões de estratégias e ações que consideram fazer parte de seu papel profissional e que poderiam ser realizadas ou ampliadas considerando-se o processo de inclusão escolar;
- percepções sobre o processo de inclusão escolar no Brasil, potencialidades e dificuldades.

Apresenta-se no Quadro 2 o número de perguntas para cada tema do questionário:

Temas	Questões
Atuação	11
Perspectivas e Sugestões	7
Equipe	6
Obstáculos/Desafios	1
Questão Optativa: experiência profissional bem sucedida	1
Total	26

Quadro 2: **Quantidade de questões para cada tema do questionário**

O Quadro 2 esboça o número de questões correspondentes a cada tema proposto no questionário, observa-se a predominância daquelas referentes à caracterização da atuação do terapeuta ocupacional na inclusão escolar.

3.3 Procedimentos

Para a realização do estudo foram implementados os procedimentos que se seguem.

3.3.1 Procedimentos éticos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – com o processo de nº 0083.0.135.000-07 (ANEXO A) e seguiu as deliberações referentes à Resolução CNS 196/96.

Foram consideradas e disponibilizadas aos participantes informações pertinentes previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, tais como: 1) a liberdade do sujeito de se recusar a participar da pesquisa e 2) a garantia de sigilo e confidencialidade dos dados de identificação dos participantes (BRASIL, 1996b).

3.3.2. Elaboração do instrumento

Os principais passos realizados na construção do questionário estão sintetizados a seguir:

- a) pesquisa bibliográfica;
- b) contato com as pesquisadoras e autoras de instrumentos de coleta de dados de influência no estudo, Jane Case-Smith e Naomi Weintraub, e solicitação de acesso e autorização para a utilização de seus instrumentos como referência;;
- c) recebimento de questionário de um dos autores contatados e autorização para utilização: Weintraub e Kovshi (2004);
- d) elaboração das questões – com base nas referências bibliográficas estudadas e no instrumento autorizado e cedido pela autora;
- e) contato e convite a juízes para validação do questionário;
- f) correção e complementação do instrumento a partir das sugestões dos juízes;
- g) aplicação teste do questionário;
- i) finalização do instrumento.

3.3.2.1 Pesquisa bibliográfica e estudos que influenciaram a construção do instrumento

Alguns estudiosos foram influências importantes na escolha de abordagem metodológica e construção do instrumento de coleta de dados, tais como: Seltiz, Wrightsman e Cook, 1987; Lewin, 1987; De Moura e Ferreira, 2005; Manzini, 2006, Richardson, 2007; entre outros.

A escolha de um questionário com questões abertas e fechadas para o levantamento dos dados foi guiada pela possibilidade deste tipo de instrumento atingir um grande número de participantes em um curto espaço de tempo e possibilitar o aparecimento de dados ainda não conhecidos ou encontrados na literatura através da maior liberdade oferecida nas questões abertas (RICHARDSON, 2007).

Publicações de estudos semelhantes à pesquisa em questão foram fontes de embasamento teórico essenciais na escolha e elaboração do questionário. Três importantes estudos internacionais em Terapia Ocupacional, que utilizaram questionário, foram localizados e utilizados como referência: Storch e Eskow (1995); Case-Smith e Cable (1996) e Weintraub e Kovshi (2004).

Como apontado, o questionário elaborado e utilizado pelas pesquisadoras terapeutas ocupacionais Weintraub e Kovshi (2004), em pesquisa com terapeutas ocupacionais em Israel foi cedido pela primeira autora e serviu como referência para a construção do instrumento utilizado no presente estudo.

3.3.2.2 Validação do instrumento

Para a validação externa o questionário foi submetido à avaliação de juízes e aplicação teste.

- **Submissão do questionário a juízes**

Após elaboração e organização das questões foi feito contato com juízes para validação do instrumento. Foram selecionados quatro juízes que responderam aos seguintes critérios:

- a) ter graduação em Terapeuta Ocupacional;
- b) ter experiência de pesquisa em “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar”;
- c) ter experiência prática em Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar.

Para os juízes foi elaborada uma carta convite com orientações para a avaliação do instrumento (APÊNDICE A), seguida do questionário com os itens de avaliação. Todos os convidados aceitaram participar e retornaram o questionário com críticas e sugestões.

Os juízes concordaram com os temas abordados e a distribuição das perguntas no questionário e consideraram que as questões apresentadas viabilizavam o aparecimento das características desejadas. Assim, o questionário foi considerado adequado por possibilitar a coleta dos dados necessários para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Dentre as sugestões dos juízes a principal foi referente à transformação de algumas questões abertas em questões fechadas. A sugestão foi acatada e se dirigia a questões em que a apresentação de opções de resposta não limitaria a possibilidade do aparecimento de dados ainda não relatados na literatura.

- **Aplicação teste do questionário**

Para a realização da aplicação teste quatro terapeutas ocupacionais foram solicitados a responder o questionário. Os critérios para a escolha dos participantes foram:

- a) ter graduação em Terapia Ocupacional;
- b) trabalhar atualmente ou já ter trabalhado como terapeuta ocupacional na área de inclusão escolar.

A aplicação objetivou avaliar a clareza das questões e o tempo de resposta. Dos quatro terapeutas ocupacionais solicitados apenas dois retornaram os questionários respondidos e não houve necessidade de alteração no conteúdo e na forma do questionário após a aplicação teste.

3.3.2.3 Finalização do instrumento

Após realizadas alterações com base nas sugestões dos juízes, foi obtido o instrumento final que foi aplicado na coleta de dados (APÊNDICE B).

O instrumento final utilizado foi dividido em duas partes principais com finalidades específicas: a) formulário de identificação geral do profissional - para uma adequada identificação do terapeuta ocupacional participante, considerou aspectos como: idade, sexo, formação acadêmica e experiência profissional em inclusão escolar; b) questões abertas e fechadas - questões elaboradas com o objetivo de se obter informações objetivas e esclarecedoras sobre a realidade e perspectivas da atuação de terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar no Brasil. Foram divididas em quatro temas centrais: atuação, equipe, obstáculos/desafios e perspectivas e sugestões.

3.3.3 Localização e contato com os profissionais participantes

Sabe-se que terapeutas ocupacionais atuam no processo de inclusão escolar, mas não foram encontrados dados publicados sobre quantos são esses profissionais, onde atuam e de que forma. Deste modo, para a identificação da atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar no Estado de São Paulo, com alcance da realidade e diversidade de suas práticas, foi necessário o contato com todos os terapeutas ocupacionais da região em atividade profissional.

Foi feito um levantamento sobre os principais órgãos representativos e associações de terapeutas ocupacionais no Estado de São Paulo que poderiam ser intermediários no contato com os profissionais. Foi selecionado o órgão de maior representatividade de terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo (Crefito-3) para apresentação da pesquisa e solicitação de colaboração.

A associação do terapeuta ocupacional ao Conselho de Terapia Ocupacional, na região do país em que reside, é condição legislativa para que possa exercer livremente suas atividades profissionais. Deste modo, o acesso aos associados do Crefito-3 permitiria obter uma amostra representativa dos terapeutas ocupacionais em atuação profissional no Estado de São Paulo.

No entanto, após contato e envio de todas as informações solicitadas a respeito da pesquisa e da coleta de dados ao Crefito-3, o pedido de colaboração do Conselho no presente estudo foi negado.

Como alternativa, foi feita a busca de outros órgãos ou associações representativas de terapeutas ocupacionais e contato com as mesmas (Coffito – Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e ATOESP – Associação de Terapeutas Ocupacionais do Estado de São Paulo), porém não foi identificado outro órgão (além do Crefito - 3) capaz de representar em número razoável os profissionais de Terapia Ocupacional no Estado de São Paulo.

Assim, em função da importância do contato com todos os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo para levantamento daqueles envolvidos no processo de inclusão escolar e para a viabilização deste estudo foi feita a reapresentação da solicitação ao Crefito-3 pela pesquisadora com argumentação baseada em referências legais e científicas.

Após a segunda solicitação, a intermediação foi considerada como possível e o projeto foi encaminhado para a comissão científica do Conselho para avaliação. Em seguida, foi aprovada a colaboração deste órgão no processo de coleta de dados da presente pesquisa (ANEXO B).

3.3.4 Coleta de dados

Assim que o Crefito-3 aprovou sua colaboração na pesquisa iniciou-se a coleta dos dados. Foram solicitados ao Conselho dados referentes ao número de terapeutas ocupacionais associados e meios de contato com os mesmos.

Ao se associarem ao Conselho, os profissionais permanecem por um ano com uma licença provisória de atuação profissional, após esse período passam a ter sua licença permanente. Para a coleta de dados foram considerados como possíveis participantes todos os terapeutas ocupacionais associados ao Crefito-3 até a data da coleta dos dados⁶, tanto os profissionais com licença temporária de Terapia Ocupacional – LTTO, como os com licença permanente – TO, como está apresentado na Figura 3.

⁶ Foram considerados para a participação na pesquisa todos os terapeutas ocupacionais associados ao Crefito - 3 no o dia: 13/06/2008

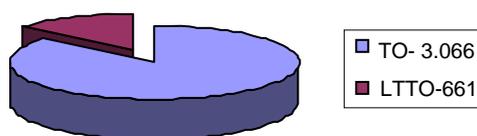


Figura 3: **Total de terapeutas ocupacionais considerados para a coleta de dados**

O número de Terapeutas Ocupacionais associados ao Crefito-3 apresenta grande variação em função de criação e cancelamento de inscrições. Deste modo, a quantidade de profissionais para a coleta de dados foi determinada de acordo com a atualização na data do primeiro envio de cartas via correio eletrônico. Sendo assim, a partir desta data foram considerados, em todos os procedimentos de coleta de dados deste estudo junto aos terapeutas ocupacionais associados, o número de: 3.066 TO e 661 LTTO.

Para o contato e participação dos terapeutas ocupacionais na pesquisa considerou-se inicialmente o envio do questionário através de cartas via correio tradicional, conforme método identificado na literatura (DE VITTA, 1997; CASE-SMITH; CABLE, 1996; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004). Para esse procedimento foi disponibilizado pelo Crefito-3 o contato postal com todos os seus associados, no entanto, o pesquisador não poderia ter acesso aos endereços dos terapeutas, assim as cartas deveriam ser enviadas diretamente pela agência do correio responsável pela mala direta do Conselho, por meio de autorização do mesmo, a partir de contrato do pesquisador com a agência. Para o envio das cartas seria cobrado um valor de postagem para cada unidade enviada.

Dado o número total de terapeutas ocupacionais associados ao Conselho - 3.667⁷, o custo necessário para a concretização da coleta de dados via correio tradicional tornou inviável o envio de todos os questionários desta forma. Sendo assim, foi necessário elaborar estratégias alternativas para a obtenção dos dados, com o propósito de reduzir custos financeiros e viabilizar o estudo.

Frente ao exposto, três estratégias foram adotadas: 1) contato com os profissionais e coleta de dados por correio eletrônico; 2) coleta de dados por endereço na *internet (site)*; 3) contato com os profissionais sem endereço eletrônico válido por correio tradicional.

⁷ Data de contagem: 13/06/2008.

3.3.4.1 Correio eletrônico – o contato com os profissionais e a coleta de dados

A busca por alternativas ao envio de questionários pelo serviço de correio tradicional levou a identificação e avaliação dos recursos de informática disponíveis.

O desenvolvimento da “tecnologia da informação e comunicação” já permite a coleta de dados em estudos científicos via meios eletrônicos, o que possibilita nas pesquisas atuais maior praticidade, velocidade de realização e segurança, a custos reduzidos. Segundo De Moura e Ferreira (2005, p. 71-72):

O advento da *internet* faz com que os questionários administrados por correio eletrônico (enviados por *e-mail* para serem preenchidos no computador pessoal do respondente e devolvidos também por *e-mail*), bem como os questionários disponíveis em determinadas páginas da rede (a serem preenchidos na própria rede e respondidos automaticamente), angariem cada vez mais popularidade entre os pesquisadores nacionais e estrangeiros. Esses questionários oferecem maior garantia de anonimato e são capazes de atingir um grande número de pessoas de diferentes regiões geográficas num curto espaço de tempo e a um custo bastante baixo.

Deste modo, foi definida a utilização de recursos da “tecnologia da informação e comunicação” para a coleta dos dados.

O Conselho Regional forneceu a informação sobre quantos terapeutas ocupacionais atuam no Estado de São Paulo, porém não foram encontrados dados específicos sobre a atuação na área de inclusão escolar. Assim, tornou-se necessário identificar, dentre o universo de terapeutas ocupacionais do Estado, quais atuam ou atuaram nos dois últimos anos no processo de inclusão escolar e foi então realizado um levantamento, via correio eletrônico, para atingir esse objetivo.

Foram enviadas pelo Crefito-3 mensagens via correio eletrônico para todos os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo associados ao Conselho, com *e-mail* válido⁸, até a data de envio. A esses profissionais foi requisitado que respondessem o *e-mail* com a palavra “sim” ou “não”, correspondente à seguinte questão: “Você realiza ou já realizou em sua atuação profissional como terapeuta ocupacional, atividade (s) relacionada (s) ao processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais?”(APÊNDICE C).

⁸ O e-mail é considerado válido se ele possui a seguinte estrutura: nome@provedor.xx (CREFITO 3: 12/05/08)

Foram considerados para o envio de cartas eletrônicas pelo Crefito-3 todos os terapeutas ocupacionais associados e com *e-mail* válido – tanto os profissionais com licença temporária (LTTO) quanto os profissionais com inscrição definitiva (TO). Apresenta-se no Quadro 3 o número de profissionais referentes às possibilidades de contato.

	LTTO	TO	Total
Endereço eletrônico válido	469	2.392	2.861
Endereço eletrônico inválido	132	674	806
Total	601	3.066	3.667

Fonte: Crefito-3 em 13/06/2008

Quadro 3: **Quantidade de profissionais referentes à possibilidades de contato**

Ressalta-se que, segundo informações dadas ao pesquisador pelo próprio Conselho⁹, dos 3.667 profissionais associados, 2.861 possuíam *e-mails* válidos enquanto 806 não poderiam ser contatados via correio eletrônico.

Sendo assim, para atingir todos os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo associados ao Conselho Regional de sua profissão, foram enviadas cartas via correio tradicional aos profissionais que não poderiam ser contatados por *e-mail* (os procedimentos envolvidos nesta estratégia serão detalhados mais adiante).

Para garantir um maior número de retornos à pergunta enviada por *e-mail*, o envio das cartas eletrônicas foi realizado pelo Crefito-3 em três momentos (disparos). Os procedimentos envolvidos em cada um dos disparos encontram-se relatados em apêndice (APÊNDICE D).

A partir de programação técnica realizada pelo Crefito-3, as respostas dos profissionais aos envios realizados pelo Conselho foram encaminhadas diretamente para o pesquisador, assim como os *e-mails* bloqueados pelo mecanismo conhecido como *anti-spam*¹⁰. No total, considerando o retorno aos três disparos, foram recebidos 594 *e-mails* com respostas sim e não e 126 *e-mails* bloqueados pelo *anti-spam*, que foram devidamente reenviados.

⁹ Dados de: 13/06/2008

¹⁰ Segundo a Cartilha para Segurança na Internet (BRASIL, 2006a), “*spam* é o termo usado para se referir aos e-mails não solicitados, que geralmente são enviados para um grande número de pessoas” (p.3). Existem *softwares* que podem ser utilizados para barrar *spams*, estes são usualmente conhecidos como *anti-spams* e existem dois tipos básicos: “aqueles que são colocados nos servidores, e que filtram os e-mails antes que cheguem até o usuário, e aqueles que são instalados nos computadores dos usuários, que filtram os e-mails com base em regras individuais de cada usuário” (p.6).

Após o envio da questão para levantamento dos terapeutas ocupacionais relacionados ao processo de inclusão escolar, para todos os profissionais que responderam “sim” à questão, afirmando seu envolvimento profissional com o processo de inclusão escolar, foram enviados os questionários.

Os questionários puderam ser enviados diretamente pelo pesquisador via correio eletrônico. O *e-mail* enviado continha uma carta de convite de participação na pesquisa (APÊNDICE E) e o questionário em formato *word* anexado (APÊNDICE B) – na carta foram explicados os principais objetivos e métodos da pesquisa; foi requisitada e orientada a participação no estudo com as informações éticas pertinentes esclarecidas e foi também disponibilizado um *link* de acesso ao questionário via *internet* caso os participantes preferissem esta forma de resposta.

O envio dos questionários por correio eletrônico aconteceu em diferentes momentos uma vez que as respostas sim e não foram chegando ao longo da coleta. Para os primeiros *e-mails* com resposta “sim” foram realizados três envios sequenciais com cartas contendo o questionário, este procedimento foi adotado para potencializar o retorno das respostas. Os três envios aconteceram com um intervalo, em média, de 15 dias, sendo retirados os endereços que já haviam respondido o questionário. Para alguns profissionais as cartas com o questionário foram enviados duas vezes e para outros apenas uma, conforme a aproximação do encerramento da coleta de dados.

3.3.4.2 Site - a coleta de dados por endereço na *internet*

Além do questionário em arquivo *word* enviado em anexo no *e-mail*, outra alternativa de acesso ao mesmo foi criada a fim de facilitar a participação dos terapeutas ocupacionais e otimizar o retorno das respostas: a disponibilização do questionário em uma página na *internet* (APÊNDICE F).

Para a utilização e disponibilização do questionário via *internet* foi utilizado um programa (*software*) de pesquisa de levantamento via recursos eletrônicos. A utilização deste

programa aconteceu através de contratação dos serviços de uma empresa prestadora de serviços eletrônicos especializada neste tipo de pesquisa - *surveymonkey.com*¹¹.

Assim, foi realizado um contrato com o *site* para a disponibilização do questionário na *internet* e acompanhamento das respostas. A pesquisa pôde então ter um espaço com os dados da coleta restrito ao pesquisador (APÊNDICE G) e foi criado um *link* para acesso direto dos participantes ao questionário: http://www.surveymonkey.com/s.aspx?sm=zpJDikxTkK7nNUse6vQWaO_3d_3d. Para a manutenção da pesquisa no *site* o contrato foi renovado a cada mês durante seis meses.

Algumas adaptações no questionário original foram necessárias para a disponibilização via *internet – site*, e constaram do acréscimo das seguintes questões:

- a) questão referente ao consentimento livre e esclarecido do participante – o questionário só poderia ser visualizado e respondido a partir da resposta afirmativa do participante para a concordância com os termos expostos e o consentimento. No questionário enviado por correio eletrônico o termo de consentimento foi anexado;
- b) questão para identificação da forma como o participante chegou até o *site* (através de convite via correio eletrônico; correio postal ou outros);
- c) questão optativa de identificação com o nome.

Ressalta-se que as questões acrescentadas no *site* não alteraram o objetivo e o conteúdo do instrumento. Essas questões não estavam presentes no questionário enviado por correio eletrônico, pois as informações requeridas já estavam implícitas na forma do envio – a forma de acesso do participante ao questionário era conhecida e a identificação era possível pelo endereço eletrônico do mesmo.

A identificação do participante, pelo nome ou endereço eletrônico, foi importante para o controle dos reenvios dos questionários e foi possível através dos *e-mails* e das respostas dos participantes à questão optativa no *site*. No entanto, a identificação era optativa, uma vez que o profissional poderia não se identificar no questionário enviado pelo *site*, poderia não enviar um *e-mail* resposta para a pesquisadora ou ainda utilizar um endereço eletrônico não possível de identificação.

¹¹ Iniciado em 1999, *SurveyMonkey* é uma ferramenta para a pesquisa de levantamento *online* que possibilita pessoas de diferentes níveis de experiência criarem suas próprias pesquisas com rapidez e praticidade (SURVEY MONKEY.COM, 2008, http://www.surveymonkey.com/Home_CompanyInfo.aspx).

Com a disponibilização do questionário na *internet* considerou-se a possibilidade de ampliar os meios de acesso aos terapeutas ocupacionais com convites à pesquisa. Deste modo foi feita uma nota para ser publicada nos principais meios de comunicação do Crefito-3: seu *site* e sua revista trimestral. Foi encaminhado pedido de publicação e em seguida a nota de convite à pesquisa para o departamento de imprensa do Crefito-3, no entanto o pedido não foi analisado e essa alternativa não pôde ser concretizada.

3.3.4.3 Correio tradicional – o contato com os profissionais

Segundo o Crefito-3, dos seus 3.667 terapeutas ocupacionais associados, 806 não possuíam *e-mail* válido. Assim, para que a pesquisa atingisse a todos os terapeutas ocupacionais em atuação no Estado de São Paulo, foram enviadas cartas via correio tradicional para todos os profissionais que não puderam ser contatados por *e-mail*.

Para o envio das cartas, sem que os endereços dos terapeutas ocupacionais fossem expostos à pesquisadora, estas deveriam ser encaminhadas diretamente pelo correio. Para isso, foi feito contrato pessoal do pesquisador com a agência de correio responsável pela mala direta do Crefito-3 – Agência Tutóia dos Correios em São Paulo (ANEXO C).

Em seguida foram entregues à Agência Tutóia dos Correios os envelopes contendo uma carta em que: a) foram explicados os objetivos e os métodos da pesquisa; b) foi informado ao profissional que não foi possível contatá-lo inicialmente via correio eletrônico e que por esta razão estava sendo enviada uma carta para convidá-lo a participar do estudo e c) foram dadas as informações éticas pertinentes (APÊNDICE H).

As cartas foram enviadas para os nomes e endereços dos 784 terapeutas ocupacionais selecionados pelo Crefito-3 e repassados para a agência. O número de profissionais com *e-mail* inválido era de 806, porém, segundo o Conselho, 22 nomes estavam com problemas em algum campo do endereço, tendo sido confirmados como associados sem endereço postal e eletrônico válidos.

Na carta, foi orientado ao profissional que sua participação na pesquisa poderia se dar por meio do preenchimento de um questionário que poderia ser acessado de duas maneiras:

- através de solicitação via *e-mail* ou telefone para que fosse enviado o questionário via *e-mail* ou via correio tradicional: *e-mail* e número de telefone foram ambos disponibilizados na carta e no caso da escolha por ligação telefônica esta poderia ser “a cobrar”. No caso de solicitação via correio tradicional seria preciso informar o endereço ao pesquisador;
- através do acesso ao questionário disponível na *internet* pelo endereço ou *link* na carta disponibilizado. Caso o profissional optasse por esta forma de participação, deveria responder o questionário disponibilizado no endereço eletrônico e enviá-lo pelo próprio *site*. Para facilitar o acesso o endereço do questionário no *site*, o *link* poderia ser também solicitado por *e-mail*.

3.3.4.4 O retorno dos dados

As estratégias adotadas neste estudo para a coleta de dados viabilizaram o contato com os terapeutas ocupacionais associados ao Crefito-3 para a localização dos profissionais envolvidos com o processo de inclusão escolar. Foram recebidos 594 *e-mails* de resposta à pergunta enviada pelo Crefito-3, destes, 284 responderam “sim” à pergunta: “Você realiza ou já realizou em sua atuação profissional como terapeuta ocupacional, atividade (s) relacionada (s) ao processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais?”, e 310 responderam “não”.

Os endereços de *e-mails* respondidos foram listados numa planilha para controle do envio e recebimento dos questionários. Foram enviados questionários para todos os 284 profissionais que responderam “sim” e para as solicitações a partir das cartas enviadas por correio tradicional.

A partir das cartas enviadas pelo correio foram recebidos: 10 de *e-mails* resposta; 2 telefonemas com solicitação do questionário e 2 questionários respondidos diretamente no *site*. Nestes, foram identificados 12 terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar.

Dos 10 *e-mails* resposta, 9 eram com solicitação do questionário e 1 dizendo não estar envolvido com a inclusão escolar. Assim, 11 profissionais solicitaram o questionário (via *e-mail* e telefone) e, destes, um enviou *e-mail* dizendo que após ler o mesmo concluiu que não era sujeito da pesquisa e um não respondeu. Deste modo, 9 profissionais responderam o

questionário e estes somados aos dois que responderam diretamente no *site* resultam em 11 profissionais que receberam cartas por correio tradicional e que responderam ao questionário.

Apresenta-se no Quadro 4 os meios de localização e o número de profissionais envolvidos com a inclusão escolar localizados.

Meio de localização dos profissionais	n (profissionais localizados)
Responderam <i>e-mail</i> com a palavra sim	284
Responderam a partir de carta enviada por correio postal (por telefone, <i>e-mail</i> e <i>site</i>)	12
Responderam o questionário no <i>site</i> sem ter recebido carta por <i>e-mail</i> ou correio tradicional (participante indicou “outras” formas de contato com a pesquisa)	3
Total	299

Quadro 4: Meio de localização dos participantes

Assim, o estudo localizou, no total, 299 terapeutas ocupacionais envolvidos, em suas práticas profissionais, com o processo de inclusão escolar. Destes, 127 (42,5%) responderam o questionário satisfatoriamente.

Foram recebidos 133 questionários, no entanto, 127 foram considerados satisfatórios para a análise dos dados uma vez que seis profissionais foram excluídos da análise, pois enviaram menos de 50% das questões respondidas.

Em relação ao modo de resposta do questionário, 76 terapeutas ocupacionais responderam ao questionário no *site*, o que representa 59,8% dos participantes e 51 enviaram em anexo por *e-mail*, 40,2%, como se observa na Figura 4:

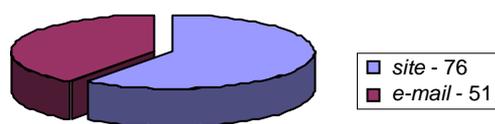


Figura 4: Meios de resposta ao questionário

3.3.5 Análise dos dados

O questionário permitiu a coleta de dados que puderam ser analisados quantitativa e qualitativamente. As análises realizadas foram:

- análise de cálculo de tamanho de amostras para confirmar a representatividade das amostras obtidas no estudo;
- análises descritivas exploratórias;
- análise de conteúdo - categorização das questões e itens abertos do questionário;
- análises de correlações entre variáveis específicas: Teste Qui-quadrado e Correlação de Spearman.

3.3.5.1 A representatividade da amostra obtida

Para identificar se: a) a amostra de profissionais localizados no estudo era mesmo representativa dos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo e b) a amostra obtida com o retorno dos questionários poderia representar a atuação dos terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar - como pretendido pelo estudo, foi realizado um cálculo de estimativa do tamanho da amostra que considera o número total da população, o nível de confiança e a margem de erro (BOLFARINE; BUSSAB, 2005). A seguir apresentam-se os cálculos e os resultados para cada amostra obtida.

- **Amostra de profissionais obtida no levantamento com todos os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo**

O tamanho da amostra calculado, necessário para estimar o total de terapeutas ocupacionais que atuam no processo de inclusão escolar no Estado de São Paulo, considerando a população total de 3.667 profissionais, com margem de erro de 5% e nível de confiança de 95%, seria de 347 profissionais (BOLFARINE; BUSSAB, 2005). Sendo 594 o

número de respostas recebidas, a amostra do presente estudo pode ser considerada representativa para a região que abarcou.

- **Amostra dos terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar obtida com o retorno dos questionários**

A partir do cálculo de estimativa do tamanho da amostra necessária para conhecer as características da atuação e as percepções de terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar no Estado de São Paulo, identificou-se que as respostas de 91 profissionais seriam suficientes. Este cálculo foi realizado com base na estimativa do número de profissionais que atuam na área, realizada a partir da porcentagem desses profissionais na amostra de terapeutas ocupacionais obtida (48%)¹², no nível de confiança de 95% e na margem de erro de 10% (BOLFARINE; BUSSAB, 2005).

O estudo obteve a resposta de 127 profissionais, caracterizando assim uma amostra representativa sobre a atuação e as percepções dos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo envolvidos com o processo de inclusão escolar.

3.3.5.2 Análise exploratória descritiva

Os dados obtidos com as questões fechadas dos questionários foram organizados e analisados a partir de uma abordagem exploratória descritiva que contribui para a identificação e caracterização dos participantes.

O *site* escolhido para a elaboração e disponibilização do questionário via *internet* – www.surveymonkey.com.br, oferece análises descritivas de todos os questionários respondidos na página da pesquisa. Os questionários respondidos por *e-mail* foram passados para o *site* e todos os 127 puderam ser analisados em conjunto.

¹² No primeiro cálculo realizado para estimar o tamanho da amostra de terapeutas ocupacionais necessária para localizar os profissionais envolvidos com o processo de inclusão escolar, o número total da população considerado foi 3.667. Para calcular o tamanho da amostra necessária para caracterizar a atuação dos profissionais localizados, o número total da população considerado foi estimado a partir da porcentagem destes profissionais identificada na primeira amostra obtida (48%) (BOLFARINE; BUSSAB, 2005).

Assim, utilizou-se dos recursos do *site* para a análise descritiva e em seguida foi realizada a interpretação dos resultados. As questões e itens abertos foram categorizados e analisados separadamente.

3.3.5.3 Análise de Conteúdo - categorização e interpretação de questões e itens abertos

O questionário apresentou três questões abertas cujas respostas foram submetidas a Análise de Conteúdo. Dentro desta técnica de investigação qualitativa se desdobram algumas modalidades (Análise Temática, Análise de Enunciação, Análise de Relações, Análise de Expressão, dentre outras), neste estudo foi utilizada a Análise Temática através da realização dos seguintes passos: a) leituras cuidadosas e exaustivas dos depoimentos (respostas); b) identificação de temas recorrentes; c) formação de categorias e d) tratamento dos resultados e interpretação (MINAYO, 2007).

O mesmo procedimento foi utilizado em algumas questões do questionário que traziam a opção “outros” e a solicitação de especificação, neste caso, em cada questão, as especificações dos participantes foram organizadas e analisadas, a fim de verificar o possível aparecimento de uma nova categoria que seria formada caso as respostas aparecessem citadas por mais de 10% dos terapeutas ocupacionais.

Os resultados das análises de conteúdo dos itens “outros” foram: a) as citações que se referiam ao mesmo tema foram agrupadas; b) nenhum grupo de citações atingiu o número mínimo para a criação de uma nova categoria; c) houve casos, ainda que raros, em que as citações não foram consideradas por não estarem claras sobre o significado pretendido pelo participante; d) houve casos, ainda que raros, em que as citações foram consideradas como referente a um dos itens sugeridos na questão.

3.3.5.4 Análise de Correlação

Foram realizados testes estatísticos para identificar possíveis correlações entre variáveis de interesse específico selecionadas no questionário. Nas análises foi utilizado o pacote estatístico SPSS (versão 13.0) para a realização dos testes “Qui-quadrado” e “Correlação de Spearman”.

4. RESULTADOS

A seguir apresentam-se os resultados das análises descritivas, de conteúdo e de correlação realizadas. Os resultados da análise exploratória descritiva e da análise de conteúdo de alguns itens serão apresentados considerando os seguintes temas abordados no questionário: a) atuação no processo de inclusão escolar; b) característica das crianças acompanhadas; c) atuação em equipe; d) obstáculos e desafios; e) atualização profissional e apoio teórico; f) perspectivas e reflexões. Posteriormente serão apresentados os resultados das análises de correlação de acordo com as variáveis analisadas e os resultados da análise de conteúdo da questão optativa.

4.1 Atuação no processo de inclusão escolar

A partir de análise descritiva dos dados coletados foi possível identificar características da atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.

É importante destacar que muitos dos participantes possuem mais de um emprego atual ou experiência anterior, a partir dos quais se relacionam ou se relacionaram com o processo de inclusão escolar de diferentes formas.

Apresentam-se na Tabela 7 dados referentes às diferentes formas de relação dos terapeutas ocupacionais com o processo de inclusão escolar.

TABELA 7: Relação do terapeuta ocupacional com o processo de inclusão escolar

De que forma sua atuação se relaciona com o processo de inclusão escolar?	Porcentagem (%)	Frequência (n)
A partir do atendimento em ambiente clínico (consultório, instituição) de crianças em processo de inclusão escolar	85%	108
Orientações esporádicas à escolas regulares	53,5%	68
Participação em equipe de apoio em escolas inclusivas regulares	48,8%	62
A partir da atuação em escola especial	40,2%	51
A partir da pesquisa na área da inclusão	27,6%	35
Contratação para atendimento especializado em Terapia Ocupacional em escola regular	18,1%	23
Outras	21,3%	27

N = 127 (sendo N o número total de participantes que responderam a questão)

Observa-se na Tabela 7 que a relação do terapeuta ocupacional com o processo de inclusão escolar a partir do atendimento em ambiente clínico foi citado por 85% (n=108) dos

participantes, enquanto, a partir da contratação para atendimento especializado em Terapia Ocupacional em escola regular apareceu em apenas 18,1% (n= 23) das respostas¹³.

As orientações esporádicas a escolas regulares e a participação em equipe de apoio nessas escolas indicam a forma de relação com a inclusão escolar de 53,5% (n=68) e 48,8% (n=62) dos participantes, respectivamente.

Na opção “outras” foram especificadas formas de relação dos terapeutas ocupacionais com o processo de inclusão escolar que não haviam sido apresentadas como opção na questão. Estas especificações estão apresentadas no Quadro 5.

Outras formas de relação com o processo de inclusão escolar	N
Ocupação de cargos públicos	12
Orientações frequentes à escolas regulares	6
Capacitação de professores/educadores que atuam com crianças com necessidades educacionais especiais	5
Orientação à escola especial	3
Aulas de graduação para Terapia Ocupacional e Pedagogia	2
Orientação a creches	2
Emissão de laudos técnicos	1
Acompanhamento terapêutico	1
Atendimento domiciliar	1

Quadro 5: **Outras formas de relação com o processo de inclusão escolar**

Observa-se, a partir das informações apresentadas no Quadro 5, que alguns aspectos da atuação do terapeuta ocupacional aparecem apontados por apenas um participante, no entanto, considera-se importante a demonstração destas indicações, pois elas indicam uma possibilidade real das práticas do terapeuta ocupacional no processo de inclusão.

Os participantes responderam sobre as formas de contato inicial com as crianças em processo de inclusão escolar e os resultados estão apresentados na Tabela 8.

¹³ Na Tabela 7, a soma das respostas resulta em um número maior que o número total de participantes, isso ocorre porque esta, como muitas outras questões do questionário, solicitava ao participante que indicasse todas as alternativas que lhe fossem verdadeiras dentro de uma questão.

TABELA 8: Contato com as crianças em processo de inclusão escolar

Como os casos de crianças em processo de inclusão escolar chegam até você?	%	N
Encaminhamento de outros técnicos/profissionais para a clínica/instituição	73,2%	93
Encaminhamento de escolas regulares para a clínica/instituição	63,8%	81
Queixas de pais de crianças atendidas na clínica/instituição	56,7%	72
Encaminhamento de escolas especiais para a clínica/instituição	39,4%	50
Através da escola regular para atuação na própria escola	29,9%	38
Através da escola especial para atuação na própria escola	26%	33
Outros	19,7%	25
N = 127		

Foi identificado que os casos de crianças em processo de inclusão escolar chegam até os terapeutas ocupacionais principalmente a partir do encaminhamento de outros técnicos/profissionais para a clínica/instituição (73,2%), seguido do encaminhamento de escolas regulares para a clínica/instituição (64%) e de queixas de pais de crianças atendidas na clínica/instituição (57%), reforçando o resultado que indica a relação do terapeuta ocupacional com a inclusão escolar, principalmente, a partir do atendimento em ambiente clínico.

No Quadro 6 estão destacadas as especificações dadas pelos participantes sobre “outros” meios de contato com as crianças.

Outros meios de contato com as crianças em processo de inclusão escolar	N
Através da avaliação e iniciativa do próprio terapeuta ocupacional para encaminhamento do seu paciente para a escola regular	5
Através do desenvolvimento de pesquisa	5
Através dos núcleos sócio-educativos e centros de referência da criança e do adolescente	2
Encaminhamento do Conselho Tutelar e/ou do Juizado da Infância e Adolescência	1
Encaminhamentos de outros técnicos e profissionais da mesma instituição	1
Queixas de outros parentes e cuidadores	1
Através da escola regular para atuação na escola especial	1
Discussão de casos com equipe da saúde da família	1
Encaminhamento de instituições que realizam atendimentos de reabilitação na área de deficiência visual.	1

Quadro 6: Outros meios de contato com as crianças em processo de inclusão escolar

Os participantes foram questionados sobre as ações que realizam no processo de inclusão escolar. Na Tabela 9 apresentam-se os resultados.

TABELA 9: Ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar

Ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais	%	N
Orientação à família em relação à escola e à inclusão	95,3%	121
Orientações gerais ao professor na escola regular	89,8%	114
Atividades em ambiente clínico/instituição para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar.	82,7%	105
Orientações gerais à escola regular	82,7%	105
Orientações específicas sobre uso de tecnologia assistiva e/ou mobiliário	78,7%	100
Treinamento de AVDs na clínica/instituição e orientação para essas atividades na escola regular	72,4%	92
Acolhimento e escuta da criança em processo de inclusão escolar na clínica/instituição	58,3%	74
Encaminhamento de alunos com necessidades educacionais especiais para atendimento clínico na rede pública ou particular	49,6%	63
Atividades na escola regular para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar	35,4%	45
Coordenação de grupo de acolhimento, reflexão, discussão e orientação sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com professores ou outros membros da escola regular	34,6%	44
Intervenção na dinâmica de sala de aula regular	34,6%	44
Intervenção na dinâmica de sala de aula em escola especial	33,1%	42
Acolhimento individual e escuta aos alunos em processo de inclusão escolar na escola regular	29,9%	38
Intervenção na dinâmica escolar em escola regular	29,9%	38
Coordenação de grupo de acolhimento, reflexão e discussão sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com familiares e/ou comunidade	27,6%	35
Intervenção na dinâmica escolar em escola especial	25,2%	32
Treinamento de AVDs na escola regular	19,7%	25
Intervenção em sala de apoio na escola regular	18,9%	24
Outras	18,1%	23
<i>N = 127</i>		

A partir das respostas dos participantes é possível constatar que as principais ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar são:

- orientação à família em relação à escola e à inclusão (95,3%);
- orientações gerais ao professor na escola regular (89,8%);
- atividades em ambiente clínico/instituição para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar (82,7%);
- orientações gerais à escola regular (82,7%);
- orientações específicas sobre o uso da tecnologia assistiva e/ou mobiliário (78,7%);
- treinamento de AVD (Atividade de Vida Diária) na clínica/instituição e orientação para essas atividades na escola regular (72,4%).

As ações menos citadas pelos participantes foram o treinamento de AVDs (19,7%) e a intervenção em sala de apoio (18,9%), ambos na escola regular.

Destaca-se no Quadro 7 “outras” ações identificadas e especificadas pelos participantes.

Outras ações que realizam no processo de inclusão escolar	N
Formação/capacitação de professores, equipe da escola e outros profissionais (graduandos de ensino superior) para atuação na inclusão escolar	6
Discussão periódica com todos os profissionais da equipe e/ou com a secretaria da saúde e com profissionais da saúde envolvidos	5
Confecção e adaptação de materiais pedagógicos e de órteses de membros superior e prescrição de cadeira de rodas na escola regular e escola especial	4
Organização e desenvolvimento de ações conjuntas com as escolas e com professores.	2
Coordenação de grupo de acolhimento, reflexão, discussão e orientação sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com professores ou outros membros da escola especial	1
Intervenção na dinâmica da equipe que atuam no processo de inclusão escolar	1
Pesquisa e reflexões em torno da inclusão escolar de crianças com necessidades especiais	1
Orientação a alunos das salas de aula onde haverá inclusão	1
Mapeamentos populacionais e devolutiva a órgãos responsáveis pelas políticas públicas de educação do município	1
Curadoria de eventos relacionados ao tema da inclusão	1
Atendimento sistematizado com grupos de profissionais das áreas de saúde e educação, em instituições e Unidade de Saúde da Família	1

Quadro 7: **Outras ações que os terapeutas ocupacionais realizam no processo de inclusão escolar**

Os principais locais onde os terapeutas ocupacionais realizam ações relacionadas à inclusão escolar estão apresentados na Tabela 10.

TABELA 10: **Locais onde são realizadas ações dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar**

Locais onde acontecem as ações	%	N
Ambiente clínico (consultório/instituição)	85,4%	105
Classe regular	50,4%	62
Escola especial	41,5%	51
Domicílio	33,3%	41
Local de recreação na escola regular (parque, pátio, quadra, etc)	27,6%	34
Classe de apoio em escola regular	22%	27
Outros locais na comunidade	18,7%	23
Outros	13,8	17
		<i>N = 123</i>

Dos 123 participantes que responderam a questão, 84,5% realizam ações relacionadas à inclusão escolar em ambiente clínico (consultório ou instituição). Na escola, a classe regular recebe a intervenção de metade dos participantes (50,4%) dos participantes, os locais de recreação de 27,6% e a classe de apoio de 22%. Ações realizadas em outros locais da comunidade apareceu em apenas 18,7% das respostas.

No Quadro 8 estão destacados “outros” locais onde são realizadas ações dos terapeutas ocupacionais considerando o processo de inclusão escolar.

Outros locais	n
Biblioteca	12
Sala dos professores ou diretores ou coordenadores na escola regular	6
Secretaria da educação	3
Universidade	2
Unidades básicas de saúde (UBS)	1
Sala de informática.	1
Refeitório	1

Quadro 8: Outros locais onde são realizadas as ações dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar

Foi solicitada a opinião dos participantes sobre a importância da atuação do terapeuta ocupacional, considerando o processo de inclusão escolar, nos seguintes contextos: clínica/instituição; escola; família e comunidade. Apresentam-se na Tabela 11 os resultados.

TABELA 11: Importância dos contextos de atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar

	Sem importância	Pouco importante	Importante	Bem importante	Muito Importante
Família	-	0,8% (n=1)	10,5% (n=13)	11,3% (n=14)	77,4% (n=96)
Escola	-	0,8% (n=1)	12,1% (n=15)	12,9% (n=16)	74,1% (n=92)
Clínica/Instituição	-	3,2% (n=4)	17,7 % (n=22)	10,5% (n=13)	68,5% (n=85)
Comunidade	-	2,4% (n=3)	21 % (n=26)	9,7% (n=12)	66,9% (n=83)

N = 124

Através dos dados da Tabela 11 é possível identificar um consenso entre os participantes ao considerarem de grande importância intervir nos quatro contextos apresentados, e as respostas indicaram que: 77,4% acham muito importante a atuação na família; 74,1% dos profissionais acham muito importante a atuação na escola; 68,5% muito importante a atuação na clínica/instituição e 66,9% muito importante na comunidade.

Procurou-se identificar o grau de satisfação dos profissionais com sua atuação em Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar. As respostas dos participantes estão esboçadas na Figura 5.

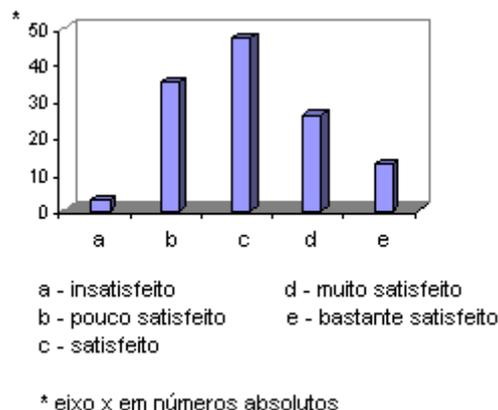


Figura 5: Trabalho em Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar – satisfação

Observa-se que dos 124 terapeutas ocupacionais que expressaram sua satisfação, 37,9% (n=47) disseram estar satisfeitos; 30,6% (n=38) pouco satisfeitos e insatisfeitos (n=35 e n=3, respectivamente); 31,5% (n=39) muito satisfeitos e bastante satisfeitos (n=26 e n=13, respectivamente).

Aqui, destaca-se que foi solicitado aos participantes identificar três razões relacionadas a seu grau de satisfação. Cada razão deveria ser indicada com apenas uma palavra. No entanto, este item foi excluído da análise uma vez que não foi possível compreender as razões dos participantes em apenas uma palavra como se pretendia.

4.2 Características das crianças acompanhadas

Em relação às crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, foi possível identificar algumas características como idade, principais necessidades especiais e renda familiar.

Na Tabela 12 apresentam-se os tipos de necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais.

TABELA 12: Necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar

Necessidades Especiais	%	n
Mentais	81,9%	104
Físicas	70,1%	89
Múltiplas	66,9%	85
Distúrbio de conduta	57,5%	73
Visuais	44,9%	57
Auditivas	23,6%	30
Superdotação ou altas habilidades	11%	14
Outras	14,2%	18
<i>N = 127</i>		

Observa-se que as principais necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar são aquelas relacionadas a deficiências intelectuais (81,9%). O acompanhamento de crianças com necessidades educacionais especiais relacionadas à deficiências físicas (70,1%), múltiplas (66,9%) e distúrbio de conduta (57,5%) também aparecem citadas por uma parcela significativa dos participantes. Já as crianças com necessidades educacionais especiais relacionadas à deficiência auditiva e altas habilidades aparecem como as menos acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais.

“Outras” necessidades especiais foram citadas pelos participantes e estão destacadas no Quadro 9.

Outras necessidades especiais	n
Dificuldade de aprendizagem	5
Transtorno global do desenvolvimento (TDM)	4
Transtorno de atenção e hiperatividade	3
Dificuldade de comunicação	2
Sofrimento psíquico	1
Prematuridade	1

Quadro 9: Outras necessidades especiais das crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar

A seguir, as Figuras 6 e 7 esboçam os resultados referentes à idade e renda familiar das crianças acompanhadas.

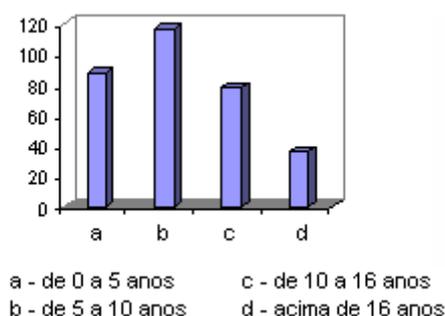


Figura 6: **Idade** (N=127)

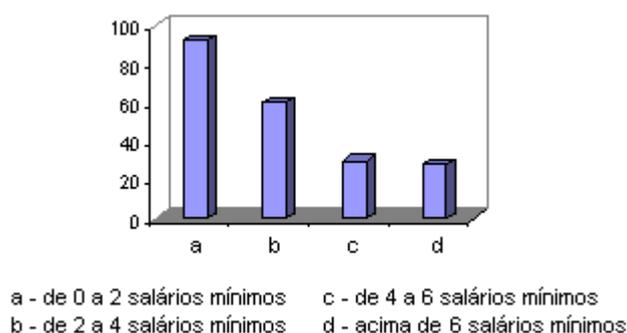


Figura 7: **Renda familiar** (N=127)

Observa-se na Figura 6 que os terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar acompanham crianças de 0 a 16 anos ou mais, sendo a faixa etária entre 6 a 10 anos a mais apontada, 92,1% (n=117). Disseram acompanhar crianças de 0 a 5 anos 69,3% (n=88) dos participantes e de 11 a 16 anos 61,4% (n=78).

Embora a estudo trate apenas das atuações com crianças, a opção “acima de 16 anos” foi apresentada aos participantes e sua ocorrência em 28,3% (n=36) das respostas sugere um considerável envolvimento do profissional com o processo de inclusão escolar de jovens e adultos.

Na Figura 7 apresentam-se as respostas referentes à renda familiar das crianças acompanhadas, esta é medida pela quantidade de salários mínimos que a família recebe a cada mês, tendo sido considerado o valor do salário mínimo corrente na época da coleta¹⁴.

¹⁴ Salário mínimo em vigor a partir de março de 2008: R\$415,00 (BRASIL, 2008)

Grande parte dos participantes, 77,3% (n=92), acompanha crianças com renda familiar entre zero e dois salários mínimos, enquanto a metade, 50,4% (n=60), se refere a crianças com renda familiar entre dois e quatro salários mínimos e um quarto, 23,5% (n=28), acompanha crianças com renda familiar acima de seis salários mínimos.

4.3 Atuação em equipe

Foi questionado aos terapeutas ocupacionais sobre a participação de profissionais e familiares em sua atuação e as principais ações que realizam juntos nos processo de inclusão escolar.

Uma das questões apresentadas no questionário foi: “Há participação de outro(s) profissional (ais) em sua atuação no processo de inclusão escolar?”. A maioria (97,6%) dos 125 participantes que responderam, confirmaram a participação de outros profissionais em sua atuação, conforme esboça a Figura 8.



Figura 8: **Participação de outros profissionais na atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar**

Na Tabela 13 estão apresentados os profissionais que atuam com os terapeutas ocupacionais na inclusão escolar.

TABELA 13: Profissionais que atuam com o terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar

Profissionais	%	n
Psicólogo	80,3%	98
Fonoaudiólogo	79,5%	97
Professor	75,4%	92
Pedagogo	63,1%	77
Diretor	56,6%	69
Fisioterapeuta	51,6%	63
Assistente social	42,6%	52
Outros	27,9%	34
<i>N = 116</i>		

Os profissionais mais apontados como atuantes no processo de inclusão escolar em conjunto com o terapeuta ocupacional foram o psicólogo (80,3%) e o fonoaudiólogo (79,5%), seguidos pelo professor (75,4%). O profissional menos indicado foi o assistente social, embora apareça em 42,6% das respostas.

“Outros” profissionais foram especificados pelos participantes e estão destacados no Quadro 10.

Outros profissionais envolvidos com a atuação do terapeuta ocupacional	n
Médico (psiquiatra, pediatra e especialidade não identificada)	12
Psicopedagogo	10
Coordenador ou orientador pedagógico	9
Professor ou monitor ou intérprete de braile e/ou libras	6
Educador físico	2
Professor ou instrutor de informática	2
Professor de expressão corporal e orientação e mobilidade	2
Diretor da escola especial	1
Auxiliar de enfermagem	1
Nutricionista	1
Orientador de alunos	1
Musicoterapeuta	1
Professor de artes	1
Equipe escolar (merendeiros, faxineiros, perueiro, inspetor)	1

Quadro 10: Outros profissionais envolvidos com a atuação do terapeuta ocupacional

Apresenta-se na Figura 9 os resultados em relação à participação da família na atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.



Figura 9: Participação da família na atuação dos terapeutas ocupacionais

A partir da observação da Figura 9, verifica-se que a família participa da atuação da maioria dos participantes (92,7%).

Foi questionado aos terapeutas ocupacionais com que objetivos acontecem os encontros com outros profissionais e a família, citados como participantes de sua atuação no processo de inclusão escolar. Para apresentação dos resultados será considerada a seguinte distribuição: a) profissionais da equipe técnica (psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta e assistente social); b) profissionais da escola (professor, pedagogo e diretor) e c) família.

A Tabela 14 apresenta os resultados referentes aos objetivos dos encontros dos terapeutas ocupacionais com os profissionais da equipe técnica.

TABELA 14: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com os profissionais da equipe técnica

	Explicar sobre a T.O.	Orientar	Avaliar casos e situações	Planejar o programa de intervenção	Desenvolver objetivos do programa	Relatar evolução /discutir caso	
	% (n)	% (n)	% (n)	%(n)	% (n)	%(n)	N
Psicólogo	23,2 (22)	18,9 (18)	63,2 (60)	76,8 (73)	71,6 (68)	92,6 (88)	95
Fonoaudiólogo	24,4 (22)	20 (18)	67,8 (61)	77,8 (70)	72,2 (65)	90 (81)	90
Fisioterapeuta	20,3 (14)	14,5 (10)	71 (49)	76,8 (53)	75,4 (52)	91,3 (63)	69
Assist. Social	26,5 (13)	16,3 (8)	65,3 (32)	61,2 (30)	63,3 (31)	85,7 (42)	49

Observa-se na Tabela 14 que 95 terapeutas ocupacionais disseram relacionar-se com o psicólogo, 90 com o fonoaudiólogo; 69 com o fisioterapeuta e 49 com o assistente social, no processo de inclusão escolar. Em todos os casos, o objetivo mais apontado para o encontro com o profissional da equipe técnica foi relatar a evolução do programa de intervenção e/ou discutir casos e os menos indicados foram dar orientações e explicar sobre a Terapia Ocupacional.

Destaca-se que muitos terapeutas ocupacionais disseram encontrar com os profissionais da equipe técnica para avaliar casos e situações e planejar e desenvolver o programa de intervenção, ainda que esses objetivos não tenham sido os mais apontados.

A seguir, na Tabela 15, são apresentados os resultados referentes aos objetivos dos encontros do terapeuta ocupacional com os profissionais da escola.

TABELA 15: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com os profissionais da escola

	Explicar sobre a T.O.	Orientar	Avaliar casos e situações	Planejar o programa de intervenção	Desenvolver objetivos do programa	Relatar evolução /discutir caso	
	% (n)	% (n)	% (n)	%(n)	% (n)	%	N
Professor	63,6 (70)	90 (99)	54,5 (60)	57,3 (63)	66,4 (73)	71,8 (79)	110
Diretor	72,6 (69)	65,3 (62)	42,1 (40)	36,8 (35)	40(38)	64,2 (61)	95
Pedagogo	51,3 (41)	51,3 (41)	63,8 (51)	68,8 (55)	81,3 (65)	88,8 (71)	80

Verifica-se que o professor foi um profissional indicado pela maioria dos terapeutas ocupacionais e o principal objetivo dos encontros com este profissional é dar orientação.

Já em relação ao diretor da escola, 72,6% dos participantes que disseram se relacionar com este profissional, apontaram que seus encontros acontecem para explicar sobre a Terapia Ocupacional.

Observa-se na Tabela 15 que o diretor apareceu indicado por 95 participantes, embora tenha sido apontado por apenas 69 como participante da atuação do terapeuta ocupacional (Tabela 13). Este fato pode sugerir que alguns profissionais se relacionam com o terapeuta ocupacional, mas não participam diretamente da sua atuação no processo de inclusão escolar.

Destaca-se que a orientação e a explicação sobre o trabalho da Terapia Ocupacional são motivos importantes para o encontro dos participantes com a equipe da escola, especialmente com o diretor e o professor.

Nesse sentido, é importante destacar que ações como orientar e explicar sobre a Terapia Ocupacional, quando não associadas a outras ações como avaliação, planejamento, desenvolvimento e discussão do plano de intervenção, não representam necessariamente atuação conjunta ou trabalho em equipe.

É possível observar ainda na Tabela 15 que os encontros dos terapeutas ocupacionais com o pedagogo acontecem principalmente para relatar a evolução do programa de intervenção e/ou discutir casos (88,8%), assim como foi observado com os profissionais da equipe técnica. O desenvolvimento do programa de intervenção também foi bastante indicado como um dos objetivos do encontro do terapeuta ocupacional com este profissional (81,3%).

Os principais objetivos dos encontros dos terapeutas ocupacionais com a família estão expostos na Tabela 16.

TABELA 16: Objetivo dos encontros do terapeuta ocupacional com a família

	Explicar sobre a T.O.	Orientar	Avaliar casos e situações	Planejar o programa de intervenção	Desenvolver objetivos do Programa	Relatar evolução /discutir caso	
	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	N
Família	73,6 (81)	86,4 (95)	38,2 (42)	41,8 (46)	47,3 (52)	55,5 (61)	110

Observa-se na Tabela 16 que os principais objetivos para o encontro dos terapeutas ocupacionais com a família são: dar orientações (86,4%) e explicar sobre a Terapia Ocupacional (73,6%).

Apresenta-se na Tabela 17, o resultado geral das principais ações realizadas pelo terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar, considerando o trabalho com os profissionais da equipe técnica, profissionais da escola e família.

TABELA 17: Principais ações realizadas pelo terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar considerando o trabalho com os profissionais da equipe técnica, profissionais da escola e a família.

Principais ações	%	n
Dar orientações ao professor	81,1%	99
Dar orientações aos familiares	77,8%	95
Relatar evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso com psicólogo	72,1%	88
Relatar evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso com fonoaudiólogo	66,3%	81
Explicar sobre o trabalho da Terapia Ocupacional para os familiares	66,3%	81
Relatar evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso com professor	64,7%	79
Planejar o programa de intervenção com o psicólogo	59,8%	73
Desenvolver objetivos do programa de intervenção com o professor	59,8%	73
Relatar evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso com pedagogo	58,2%	71
Planejar o programa de intervenção com o fonoaudiólogo	57,3%	70
N = 122		

Verifica-se que, no resultado geral, as ações mais indicadas pelos terapeutas ocupacionais foram dar orientação ao professor e ao familiar, seguidas por relatar evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso com psicólogo e com o fonoaudiólogo.

Foi perguntado aos participantes como é valorizada a atuação da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar pela equipe técnica e pelos membros da escola. As informações estão apresentadas nas Figuras 10 e 11 a seguir.

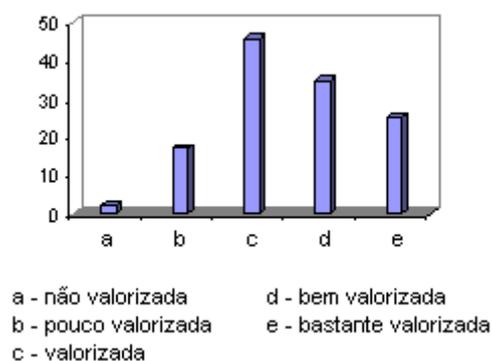


Figura 10: **Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica**

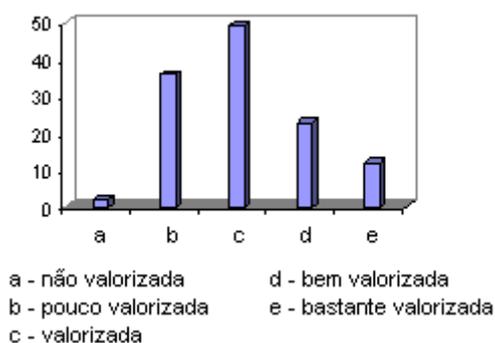


Figura 11: **Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola**

Em relação à valorização da atuação da terapia ocupacional pela equipe técnica, dos 125 terapeutas ocupacionais que responderam a questão, 36,8% (n=46) disseram ser valorizada, 48% (n=60) consideram ser bem valorizada e bastante valorizada e 15,2% (n=19) pouco valorizada e não valorizada.

Para valorização pelos membros da escola, foi indicado pelos 124 participantes que responderam essa questão como: valorizada por 39,5% (n=49) participantes, não valorizada e pouco valorizada por 32% (n=40) e bem valorizada e bastante valorizada por 28% (n=35).

4.4 Obstáculos e desafios na realização do trabalho do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar.

Foi solicitado aos terapeutas ocupacionais que indicassem os principais obstáculos e desafios encontrados na realização do seu trabalho no processo de inclusão escolar. Os resultados estão apresentados na Tabela 18.

TABELA 18: Obstáculos e desafios na realização do trabalho do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar

Obstáculos e desafios	%	n
Falta de preparação dos professores para receber alunos com necessidades especiais em suas salas de aula regulares	91,1%	112
Falta de preparação da equipe da escola regular para o processo de inclusão escolar	89,4%	110
Falta de recursos materiais (material para adaptação, dentre outros) na escola regular	65%	80
Limitações estruturais da escola regular para a atuação do terapeuta ocupacional na escola	61%	75
Limitação de tempo para a atuação do terapeuta ocupacional na escola regular	51,2%	63
Dificuldade da escola regular em receber orientação de terapeutas ocupacionais que atendem na clínica crianças incluídas	37,4%	46
Falta de cooperação dos familiares no trabalho da Terapia Ocupacional	26,8%	33
Falta de cooperação do professor no trabalho da Terapia Ocupacional	26%	32
Outros	22,8%	28

N = 123

A falta de preparação dos professores para receber alunos com necessidades especiais em suas salas de aula regulares (91,1%) e a falta de preparação da equipe da escola regular para o processo de inclusão escolar (89,4%) foram os maiores obstáculos identificados na atuação da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar pelos participantes. Já os menos apontados foram: a falta de cooperação do professor (26%) e dos familiares (26,8%) no trabalho da Terapia Ocupacional.

Apresenta-se no Quadro 11 “outros” obstáculos e desafios especificados pelos terapeutas ocupacionais.

Outros obstáculos e desafios	n
Desconhecimento da profissão Terapia Ocupacional e da atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar pela população em geral (especialmente pelos membros da escola e por profissionais da saúde) e a falta de divulgação da atuação do terapeuta ocupacional nessa área.	9
Questões políticas como: não valorização do processo de formação do professor para inclusão; falta de destinação de verbas para o processo de inclusão escolar; desinteresse governamental e falta de envolvimento e responsabilidade das Secretarias de Educação na realização de projetos viáveis e produtivos; mudanças frequentes nas políticas que dificultam a continuidade do trabalho; falta de um programa municipal que determine a presença de um terapeuta ocupacional nas escolas municipais.	5
Carência, na formação acadêmica, de enfoque para a atuação do terapeuta ocupacional na educação e falta de pesquisas e publicações científicas nessa área .	3
Falta da atuação do terapeuta ocupacional e dos profissionais envolvidos com a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no contexto e cotidiano da escola regular	2
Desconhecimento da população sobre os direitos constitucionais e de educação para todos	2
Restrição de algumas instituições que atendem crianças com necessidades educacionais especiais que não permitem o envolvimento direto de seus profissionais com a escola	1
Falta de envolvimento de toda a comunidade escolar	1
Salas de aulas muito cheias que não permitem ao professor dar atenção devida às individualidades de seus alunos	1
Postura assistencialista em relação às crianças com necessidades educacionais especiais	1
Falta de cooperação da equipe diretora da escola no trabalho da Terapia Ocupacional	1
Preconceito dos pais de outras crianças	1

Quadro 11: **Outros obstáculos e desafios**

4.5 Atualização profissional e apoio teórico para o desenvolvimento de ações na inclusão escolar

Foi questionado aos participantes se em suas práticas sentem necessidade de atualização teórica no tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar”: dos 123 participantes que responderam, 119 disseram que sim, conforme apresentado na Figura 12.



Figura 12: **Necessidade dos terapeutas ocupacionais de atualização teórica sobre o tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar”**

Questionou-se aos terapeutas ocupacionais se estavam satisfeitos com a quantidade de material teórico encontrada. Os resultados estão apresentados na Figura 13.

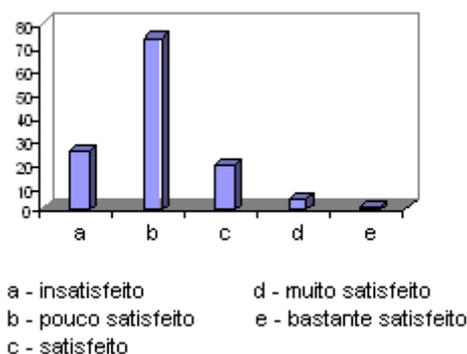


Figura 13: Quantidade de material teórico sobre o tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar” – satisfação

Observa-se na Figura 13 que os terapeutas ocupacionais não estão satisfeitos com a quantidade de material que encontram sobre o tema “Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar”, uma vez que, dos 122 participantes que responderam, 80,33% (n=98) disseram estar pouco satisfeitos ou insatisfeitos.

Neste sentido, os participantes indicaram onde encontram material teórico no tema em questão e as principais fontes indicadas estão representadas na Tabela 19.

TABELA 19: Fontes de material teórico para atualização

Onde você encontra material teórico para atualização?	%	N
Em publicações em outras áreas	77,5%	93
Em publicações na área de Terapia Ocupacional	67,5%	81
Em sites na <i>Internet</i> relacionados a outras áreas	65,8%	79
Em congressos, simpósios, seminários ou eventos de outras áreas	55,8%	67
Em sites na <i>Internet</i> relacionados à Terapia Ocupacional	52,5%	63
Em congressos, simpósios, seminários ou eventos da Terapia Ocupacional	45%	54
Outros	8,3%	10
		N = 120

Ao observar os dados da Tabela 19 é possível verificar que a localização de material teórico acontece principalmente em fontes relacionadas a outras áreas. As “outras” fontes citadas podem ser observadas no Quadro 12.

Outras fontes de material teórico	N
Trocas de experiências com outros profissionais	2
Em pós-graduação como especializações e aprimoramentos	2
Grupos de estudo	1
Cursos em instituições de atendimento especializado.	1

Quadro 12: **Outras fontes de material teórico**

4.6 Perspectivas futuras e reflexão sobre a ampliação da atuação da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar

Indagou-se aos participantes se existem ações que poderiam ser realizadas por terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, mas que ainda não são efetuadas ou são realizadas raramente, dos 120 terapeutas ocupacionais que responderam a questão, 67,5% (n=81) disseram “sim” e 32,5% (n=39) disseram “não” haver ações possíveis da Terapia Ocupacional na inclusão escolar que ainda não são realizadas ou são raramente. A Figura 14 esboça os resultados.

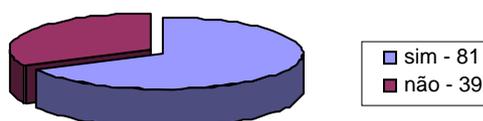


Figura 14: **Existem ações que poderiam ser realizadas por terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, mas que ainda não o são ou são raramente?**

Os profissionais que responderam sim à questão exposta anteriormente, especificaram algumas ações que poderiam ser realizadas ou realizadas com mais frequência pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar. Estão apresentadas na Tabela 20 as ações apontadas pelos participantes.

TABELA 20: Ações que poderiam ser mais frequentemente realizadas ou realizadas pelos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar

Que ações podem ser realizadas pelo terapeuta ocupacional no processo de inclusão escola que ainda não ocorrem ou ocorrem raramente?	%	n
Inserção no cotidiano das escolas, nas salas de aula e nas equipes do ensino regular	46%	35
Adaptações de ambientes, mobiliárias e de materiais e atividades didáticas e lúdicas, bem como a criação de estratégias para a utilização dos mesmos e planejamento, avaliação e implementação de recursos de tecnologia assistiva e comunicação alternativa.	26,3%	20
Orientação, apoio e trabalho em conjunto com professores e/ou formação/capacitação do professor	23,6%	18
Atuação na comunidade (conscientização e incentivo para participação no processo de inclusão escolar)	13,1%	10
Outras	48,6%	37
		<i>N = 76</i>

Observa-se na Tabela 20 que a quantidade de indicações no item “outras” supera a quantidade das respostas nos demais itens. Isso ocorre porque uma variedade de ações foi apontada e somente as categorias que somaram frequência maior que 10% foram consideradas para a análise.

As “outras” ações apontadas e categorizadas, porém que não atingiram frequência suficiente para a análise quantitativa, estão indicadas no Quadro 13.

Outras ações	n
Divulgação do trabalho da Terapia Ocupacional e do alcance de suas ações no processo de inclusão escolar	7
Orientação aos familiares e gestores	4
Transformação da atuação clínica do terapeuta ocupacional, com enfoque em patologias, para uma atuação mais voltada para a educação	3
Práticas colaborativas em equipes na escola (multidisciplinares ou transdisciplinares)	3
Orientação a todos os alunos da escola regular em relação à inclusão escolar	2
Avaliação e acompanhamento da inserção dos alunos na escola regular	2
Participação do terapeuta ocupacional nas políticas públicas (elaboração, avaliação).	2
Pesquisa na área	2
Reabilitação neuropsicológica	2
Transformação na formação do terapeuta ocupacional no sentido de uma ampliação da visão da inclusão escolar, para além da integração.	1
Formação de outros profissionais, além do professor, envolvidos com a escolarização inclusiva.	1
Consultorias	1
Orientações e treino de (AVD) Atividades de Vida Diária	1
Acompanhamento terapêutico	1
Desenvolvimento da comunicação alternativa e suplementar	1
Coordenação de equipes multidisciplinares	1
Atuação de terapeutas ocupacionais na rede de Atenção Básica de Saúde (SUS)	1
Promoção de brincadeiras em ambiente escolar	1
Dieta sensorial para o agrupamento - processamento sensorial	1

Quadro 13: Outras ações que poderiam ser realizadas ou mais realizadas no processo de inclusão escolar

4.7 Questão aberta - Sugestões sobre ações e implementações para a melhor efetivação da inclusão escolar no Brasil

Em uma questão aberta foi solicitado aos participantes que dessem sugestões sobre ações e implementações que poderiam ser realizadas para a melhor efetivação da inclusão escolar no Brasil, considerando quatro aspectos relacionados a esse processo: políticas públicas, cotidiano escolar, estudos e pesquisas e formação do terapeuta ocupacional. Estes aspectos foram abordados na questão através da apresentação de quatro itens que deveriam ser respondidos separadamente.

As respostas dos 111 participantes que contemplaram a questão foram submetidas à Análise de Conteúdo e os resultados estão apresentados a seguir.

4.7.1 Políticas Públicas

Os principais apontamentos dos terapeutas ocupacionais sobre ações e implementações nas políticas públicas para a efetivação da inclusão escolar estão apresentadas na Tabela 21, lembrando que em muitos casos um mesmo participante fez diferentes sugestões:

TABELA 21: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: políticas públicas

Ações e implementações sugeridas	%	n
Investimento na contratação e preparação continuada dos profissionais da escola regular para a inclusão, com destaque para a capacitação/formação dos professores.	51,3%	57
Direcionamento de recursos e investimento na preparação estrutural das escolas para a efetivação da inclusão escolar (salas de apoio, reestruturação ambiental, materiais, acessibilidade, etc)	47,7%	53
Investimento na contratação de terapeutas ocupacionais e outros profissionais de diferentes áreas para a formação de equipes técnicas de apoio à inclusão escolar.	46,8%	52
Operacionalização e fiscalização do que está previsto nos documentos oficiais e ampliação e revisão continuada da legislação específica com base na realidade das práticas escolares	16,2%	18
Criação de campanhas de esclarecimento e orientação à toda a população em relação a inclusão escolar, abordando temas como a legislação específica, o respeito à diversidade e a importância da participação de toda a comunidade nos processos sociais	10,8%	12
Outras	24,3%	27

N=111

Uma parcela significativa dos participantes (51,3%) acredita que para a efetivação do processo de inclusão escolar é necessário que se invista na contratação e preparação continuada dos profissionais da escola regular para a inclusão, com destaque para a capacitação/formação dos professores, do mesmo modo, identificou-se como importante o investimento na contratação de terapeutas ocupacionais e outros profissionais de diferentes áreas para a formação de equipes técnicas de apoio à inclusão escolar (46,8%). Outro ponto destacado pelos participantes é a importância de maior investimento na preparação estrutural das escolas (salas de apoio, reestruturação ambiental, materiais, acessibilidade, etc) (47,7%).

Aponta-se que neste estudo a avaliação de “alta ocorrência” de respostas foi realizada de forma diferenciada nas questões abertas e fechadas. Uma ocorrência tida como baixa em uma questão fechada pode ter sido considerada alta em uma questão aberta, uma vez que no último caso trata-se de respostas espontâneas, sem opções de escolha.

Aqui é ainda importante esclarecer que algumas respostas dos participantes foram categorizadas em um item diferente do escolhido, para que pudesse ser realizado um agrupamento de temas, facilitando assim a análise e apresentação dos dados. Em alguns casos, por exemplo, implementações sugeridas no item “cotidiano escolar” foram categorizadas no item “políticas públicas”, embora estivessem também diretamente ligadas ao cotidiano das escolas. Assim, a quantidade total de respostas para cada item não foi considerada e a porcentagem da ocorrência de cada tema foi calculada sobre o número total de respondentes da questão em geral (N=111).

Outras sugestões foram identificadas em menor frequência nas respostas e estão esboçadas no Quadro 14:

Outras ações e implementações	n
Maior investimento em todos os âmbitos da educação	3
Diretrizes e leis devem ser contextualizadas e elaboradas com a participação dos atores diretamente envolvidos com o cotidiano da inclusão nas escolas (profissionais, alunos e familiares)	3
Promoção de parcerias das Secretarias de Saúde e Educação para implementação de projetos nas escolas e formação de equipes multidisciplinares	3
Exclusão do termo “preferencialmente” dos documentos legais, que faz referência à educação das crianças com necessidades educacionais especiais na escola regular, e o estabelecimento da inclusão escolar como “obrigatória” a partir da entrada em creches e ensino infantil.	3
Programas de suporte e incentivo ao envolvimento das famílias das crianças com necessidades educacionais especiais no processo de inclusão escolar	3
Ampliação da defesa do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)	1
Inserção de disciplinas que discutam educação especial e inclusão escolar em cursos de formação superior como: Pedagogia, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Arquitetura e Medicina	1

Quadro 14: **Outras ações e implementações sugeridas para as políticas públicas**

4.7.2 Cotidiano Escolar

Os participantes sugeriram ações e implementações que poderiam ser implementadas no cotidiano das escolas para favorecer o processo de inclusão. As principais sugestões estão apresentadas na Tabela 22:

TABELA 22: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: cotidiano das escolas regulares

Ações e implementações sugeridas	%	n
Promoção de discussão com os profissionais da escola e todos os alunos sobre o processo de inclusão escolar, o convívio com a diferença e o respeito à diversidade, a fim de construir uma comunidade escolar mais inclusiva e disposta a colaborar na efetivação deste processo	16,2%	18
Transformações e adaptações nas propostas pedagógicas (currículos e dinâmicas de ensino) e investimento no desenvolvimento acadêmico de todos os alunos	12,6%	14
Outras	11,7%	13

N= III

Observa-se que a promoção de discussões com toda a comunidade escolar (profissionais e alunos) sobre a importância da inclusão escolar e do envolvimento de todos neste processo foi destacada por 16,2% dos participantes, seguida pela importância de transformações e adaptações curriculares (12,6%).

O Quadro 15 esboça outras sugestões que apareceram em menor frequência nas respostas:

Outras ações e implementações	n
Redução do número de alunos por sala de aula	9
Estabelecer uma comissão que seja responsável pela inclusão dentro de cada escola	1
Levantamento das necessidades dos terapeutas ocupacionais que atuam na escola e solicitação aos órgãos competentes	1
Atividades paralelas para os alunos incluídos	1
Redução da carga horária do professor	1

Quadro 15: Outras ações e implementações sugeridas para o cotidiano das escolas regulares

4.7.3 Estudos e Pesquisas

As sugestões feitas pelos participantes para ações e implementações voltadas para estudos e pesquisas relacionados ao tema inclusão escolar estão apresentadas na Tabela 23:

TABELA 23: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: estudos e pesquisas

Ações e implementações sugeridas	%	n
Maior investimento em estudos e pesquisas sobre os diferentes aspectos da inclusão escolar e na publicação dos resultados em diferentes meios de comunicação	25,2%	28
Mais pesquisas e estudos realizados a partir das práticas vivenciadas e com os atores diretamente envolvidos. Estes trabalhos devem ser especialmente voltados para a descrição e discussão dos resultados positivos e das possibilidades, bem como para a resolução de problemas identificados na realidade do processo de inclusão escolar	18,1%	20
Mais estudos e pesquisas e publicações científicas voltados às diferentes formas de relação da Terapia Ocupacional com a área	10,8%	12
Outras	30,6%	34
<i>N= 111</i>		

Como se observa na Tabela 23, os principais apontamentos dizem respeito: a) ao maior investimento em estudos e pesquisas sobre os diferentes aspectos da inclusão escolar e na publicação dos resultados em diferentes meios de comunicação (25,2%) e b) à ampliação de estudos realizados a partir de vivências práticas, com relatos de experiências bem sucedidas e apresentação de estratégias utilizadas na resolução de problemas identificados na realidade do processo de inclusão escolar (18,1%).

Outras sugestões para estudos e pesquisas que apareceram com menor frequência nas respostas estão apresentadas no Quadro 16:

Outras ações e implementações	n
Mais estudos realizados por profissionais de diferentes áreas envolvidos, considerando a atuação interdisciplinar	8
Desenvolvimento de pesquisas nas instituições de ensino voltadas para avaliação do andamento do processo de inclusão e identificação das necessidades das escolas e dos alunos	7
Desenvolvimento de pesquisas voltadas para o desenvolvimento de programas de capacitação dos profissionais envolvidos com a inclusão escolar	7
Desenvolvimento de pesquisas na área de inclusão identificando a visão dos alunos incluídos e dos outros alunos	3
Mais estudos e pesquisas realizados fora do contexto acadêmico ampliando o acesso e participação dos de professores e monitores da escola regular	2
Maior aplicação prática do que se conclui cientificamente	1
Mais facilidade de acesso ao ambiente de pesquisa acadêmico (mestrado, doutorado)	1
Desenvolvimento de pesquisas continuadas (longitudinais) na área.	1
Criação de mais cursos na área	1
Formação de grupos de estudos nas escolas	1
Pesquisas sobre instrumentos de avaliação da função escolar	1

Quadro 16: Outras ações e implementações sugeridas para estudos e pesquisas

4.7.4 Formação do terapeuta ocupacional

Por fim foi solicitado aos participantes que sugerissem ações e implementações relacionadas à formação do terapeuta ocupacional, considerando a contribuição deste profissional no processo de inclusão escolar. Os resultados estão apresentados na Tabela 24:

TABELA 24: Sugestões dos terapeutas ocupacionais para a melhor efetivação da inclusão escolar: formação em Terapia ocupacional

Ações e implementações	%	n
Inclusão de disciplinas na graduação relacionadas à educação, educação especial e inclusão escolar, que possibilitem um espaço de conhecimento e discussão sobre o tema e sobre as possibilidades de ação do terapeuta ocupacional na área	38,7%	43
Atuação do aluno de terapia ocupacional nas escolas durante a graduação, através de estágios e projetos	29,7%	33
Criação de cursos de pós-graduação (<i>lato e stricto sensus</i>) específicos sobre as ações da Terapia Ocupacional na educação e inclusão escolar	14,4%	16
Maior aprofundamento nos temas “inclusão social” e “educação” nas discussões durante a formação acadêmica	10,8%	12
Outras	13,5%	15

N= 111

Uma parcela significativa dos participantes (38.7%) identificou como importante a inclusão de disciplinas na graduação em Terapia Ocupacional, relacionadas à educação, educação especial e inclusão escolar, o mesmo aconteceu para o investimento na atuação do aluno nas escolas durante a graduação, através de estágios e projetos (29,7%).

Outras sugestões foram ainda apresentadas como demonstra o Quadro 17:

Outras ações e implementações	n
Maior valorização e divulgação em sites e livros do potencial do terapeuta ocupacional para atuar na inclusão escolar	6
Formação voltada para a compreensão de que o espaço da escola é diferente do espaço clínico e exige estratégias de ação diferenciadas	4
Maior preparação para a atuação em equipes interdisciplinares nas escolas	2
Maior abertura das revistas nacionais de Terapia Ocupacional para publicações nesta área.	1
Mais acesso dos alunos em formação a recursos existentes para a prática nesta área	1
Realização de congressos específicos sobre a Terapia Ocupacional na educação inclusiva	1

Quadro 17: Outras ações e implementações sugeridas para a formação em Terapia Ocupacional

4.8 Análises de Correlação - Relação entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis

Avaliou-se como importante analisar possíveis relações entre a percepção de satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e as seguintes variáveis apresentadas no questionário:

- faixa-etária;
- tempo de formação do profissional;
- tempo total de experiência em inclusão escolar;
- tipo de necessidade especial da população atendida;
- necessidade de atualização teórica;
- participação de outro(s) profissional(ais) na sua atuação no processo de inclusão escolar;
- participação de familiares na sua atuação profissional;
- grau de valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica;
- grau de valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola.

Para testar se o grau de satisfação com o trabalho de Terapia Ocupacional (variável dependente) apresenta-se diferente nos níveis das variáveis citadas acima, foi utilizado o “Teste Qui-quadrado”, visto que o nível de mensuração da variável dependente é ordinal com apenas 3 níveis (pouco satisfeito, satisfeito e muito satisfeito). Também foi utilizado o teste de “Correlação de Spearman” entre a variável dependente e as variáveis ordinais: idade do profissional, tempo de formação do profissional, tempo total de experiência do profissional, grau de valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica, grau de valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola. Em ambos os testes o nível de significância adotado foi de 5%, ou seja, foram considerados valores significativos aqueles menores que 0,05 ($p < 0,05$).

A seguir apresentam-se os resultados finais dos testes nas Tabelas 25 e 26:

TABELA 25: Resultado dos testes Qui-quadrado para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis

	Grau de satisfação		
	<i>Qui-quadrado</i>		
	<i>x²</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
Faixa etária	4,034	6	0,672
Tempo de formação	4,893	4	0,298
Tempo de experiência em inclusão escolar	5,229	4	0,265
Necessidade de atualização teórica	1,630	2	0,454
Participação de outro(s) profissional(ais) na sua atuação	1,306	2	0,520
Participação de familiares na sua atuação	3,526	2	0,174
Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica	18,099	4	0,001
Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola	16,027	4	0,003

*valores significativos para $p < 0,05$

TABELA 26: Resultado dos testes de Correlação de Spearman para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e outras variáveis (variáveis ordinais)

	Grau de satisfação	
	<i>Correlação de Spearman</i>	
	<i>r</i>	<i>P</i>
Faixa etária	0,146	0,106
Tempo de formação	0,164	0,069
Tempo de experiência em inclusão escolar	0,158	0,082
Necessidade de atualização teórica	-	-
Participação de outro(s) profissional(ais) na sua atuação	-	-
Participação de familiares na sua atuação	-	-
Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica	0,346	0,000
Valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola	0,328	0,000

*valores significativos para $p < 0,05$

A questão que identificou os tipos de necessidades especiais da população atendida também foi analisada, e neste caso cada item foi testado separadamente, como demonstra a Tabela 27:

TABELA 27: Resultado dos testes de Qui-quadrado para identificação de possíveis relações entre a satisfação dos participantes com seu trabalho em Terapia Ocupacional e tipos de necessidades especiais atendidas

	Grau de Satisfação		
	<i>Teste Qui-quadrado</i>		
	X^2	<i>gl</i>	<i>P</i>
Visuais	1,099	2	0,577
Auditivas	1,030	2	0,597
Físicas	0,005	2	0,998
Mentais	3,776	2	0,151
Múltiplas	4,069	2	0,131
Distúrbio de Conduta	1,014	2	0,602
Superdotação ou Altas Habilidades	1,000	2	0,710
Outras	0,615	2	0,830

*valores significativos para $p < 0,05$

Como pode ser observado nas Tabelas 25, 26 e 27, a satisfação dos participantes com o seu trabalho em Terapia Ocupacional não apresentam diferença significativa (Teste Qui-quadrado) ou correlação significativa (Correlação de Spearman) com a faixa etária dos mesmos, com o tempo de formação na profissão e o tempo de experiência total em inclusão escolar. Do mesmo modo não foram identificadas relações entre a necessidade de atualização teórica, a participação de outros profissionais e de familiares na atuação e as diferentes necessidades especiais atendidas pelos terapeutas ocupacionais e sua satisfação com o trabalho.

Os testes confirmaram, no entanto, diferença significativa (Teste Qui-quadrado) e correlação significativa (Correlação de Spearman) entre o valor que a equipe técnica e os membros da escola atribuem à atuação dos terapeutas ocupacionais, segundo a percepção dos participantes, e a satisfação dos mesmos com seu trabalho em Terapia Ocupacional, como esboçam as Figura 15 e 16 a seguir:

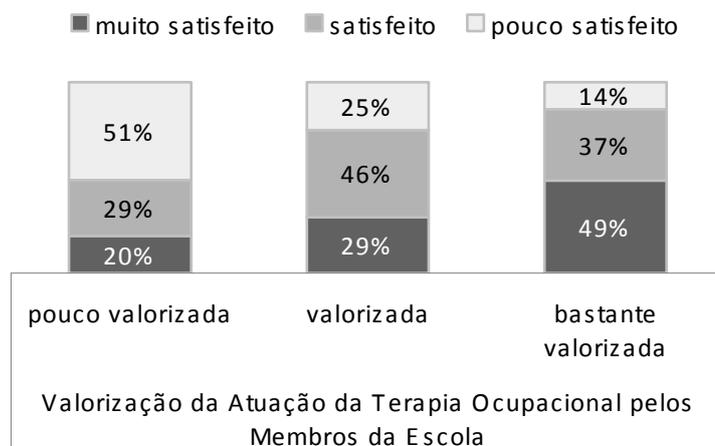


Figura 15: **Relação entre a valorização da atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica e a satisfação do terapeuta ocupacional com seu trabalho**

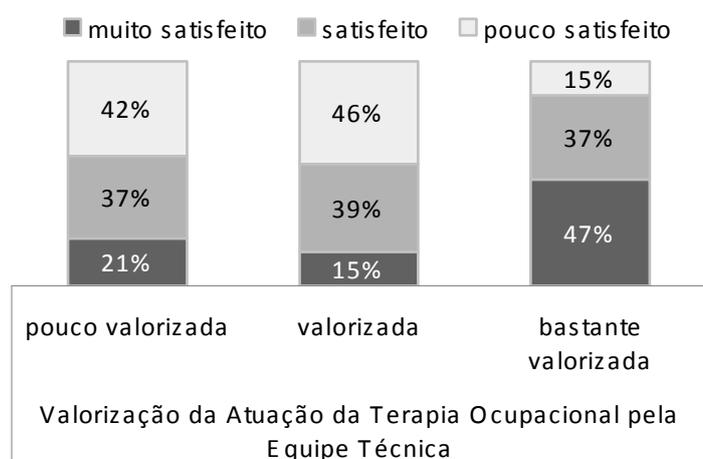


Figura 16: **Relação entre a valorização da atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola e a satisfação do terapeuta ocupacional com seu trabalho**

Os resultados demonstram que o maior grau de valorização percebido pelos terapeutas ocupacionais está relacionado com o maior grau de satisfação com sua atuação, bem como o menor grau de valorização percebido se relaciona com o menor grau de satisfação.

4.9 O sucesso nas intervenções – Depoimentos

No final do questionário respondido pelos terapeutas ocupacionais foi criado um espaço aberto e opcional em que o participante poderia descrever uma experiência profissional em Terapia Ocupacional relacionada ao processo de inclusão escolar que considerasse bem sucedida.

Considerando a extensão do questionário, era esperada pouca participação dos terapeutas ocupacionais na questão optativa, no entanto, acreditando-se na importância dos depoimentos de ações vivenciadas, o espaço aberto foi mantido. Dos 127 participantes, 70 se dispuseram a contar alguma experiência positiva no processo de inclusão escolar vivenciada a partir do trabalho como terapeuta ocupacional, considerando atuações individuais e em equipe.

As respostas foram submetidas à Análise de Conteúdo (Análise Temática) - a partir das leituras realizadas foi possível identificar temas recorrentes nos depoimentos e formar categorias, a saber: os sujeitos envolvidos com a ação do terapeuta ocupacional, as ações e os sucessos alcançados. A quantificação das respostas e a interpretação das categorias possibilitaram a identificação dos principais contextos habitados pelos terapeutas ocupacionais e diferentes formas de relação com o processo de inclusão escolar.

O depoimento traz consigo um forte traço de subjetividade e por isso várias foram as formas escolhidas pelos participantes para contar suas histórias. Dos 70 relatos obtidos, 7 não foram considerados, pois não descreviam ações ou situações práticas ou ainda não o descreviam de forma satisfatória: alguns participantes usaram o espaço como uma possibilidade de desabafo ou críticas, algumas descrições foram bastante resumidas e não foi possível identificar as ações do terapeuta ocupacional e outras não apresentavam conteúdo claro.

Dentre os 63 relatos considerados, 46 contemplaram todas as três categorias analisadas e 17 contemplaram pelo menos uma categoria - por exemplo: alguns participantes descreveram apenas as ações realizadas (APENDICE I).

4.9.1 Os sujeitos

Foi possível identificar na maioria das descrições dos participantes, sujeitos a quem se direcionavam as ações do terapeuta ocupacional e que protagonizaram experiências bem sucedidas no processo de inclusão escolar, muitos participantes descreveram o processo dividido com uma criança em especial ou crianças com necessidades especiais específicas (n=35), outros trouxeram seu relato de uma forma mais generalizadas: “...crianças de escolas especiais”, “...criança em processo de inclusão escolar”, “crianças que iniciaram tratamento quando bebês na clínica ou instituição...” (n=11). Foram ainda citados um adolescente e uma pessoa adulta, acompanhados desde a infância pelos participantes, e um grupo de adolescentes. Apenas um participante relatou sua intervenção como voltada à instituição como um todo: “...escola regular...”.

Nos casos em que houve a descrição de uma ou mais crianças¹⁵ (e ainda de adolescentes ou pessoa adulta) relacionadas ao processo de inclusão escolar, a identificação do sujeito foi possível através de um diagnóstico clínico (n=22): “...criança com paralisia cerebral atetóide...”, “...criança com Síndrome de Down, atendida desde os dois anos”, ou através da descrição de características da crianças (aspectos funcionais, educacionais, sociais e emocionais) acompanhada ou não de um diagnóstico (n=17): “...criança com paralisia cerebral do tipo tetraparesia espástica com componente atetóide e aspectos cognitivos preservados. Sem participação na escola, em função da gravidade do comprometimento motor”, “...criança com avaliação de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, não falava e tinha problemas para se expressar e em ser aceito em sala de aula. Pais alcoolistas”, “...criança com paralisia cerebral, quadro de tetraparesia. Em processo de alfabetização”, “Criança que não conseguia utilizar equipamentos tradicionais de posicionamento e funcionalidade de membros superiores”.

Dentre os diagnósticos clínicos citados, houve uma maior ocorrência de paralisia cerebral, como se observa no Quadro 18:

¹⁵ Houve um caso em que um mesmo participante em seu relato descreveu uma experiência com crianças com diagnósticos diferentes.

Diagnósticos clínicos	Ocorrência (n)
Paralisia cerebral	12
Síndromes com deficiência mental associada	6
Autismo	4
Atraso no desenvolvimento neuropsicomotor	4
Deficiência visual	2
Distúrbios emocionais e de comportamento	2
Deficiência física não especificada	2
Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade	1
Mielomeningocele	1
Microcefalia	1
Fissura labiopalatina	1

Quadro 18: **Diagnósticos clínicos citados pelos participantes nos depoimentos**

Em alguns casos em que foi citada a paralisia cerebral, esta foi apresentada como associada a outros diagnósticos como cegueira, deficiência intelectual¹⁶ e hiperatividade. Entre as síndromes, a mais citada foi a síndrome de Down (n=4), que apareceu associada também ao diagnóstico de hiperatividade em um caso.

4.9.2 Os contextos de atuação

Nos depoimentos foram identificados ações e aspectos abordados pelos terapeutas ocupacionais em sua atuação.

Acredita-se que ao destacar determinadas ações em um relato de caso bem sucedido o relator atribui um valor de efeito positivo sobre a intervenção ou atitude descrita. Nas descrições de sucesso no processo de inclusão escolar, por exemplo, as ações na escola regular apareceram destacadas por uma parcela representativa dos participantes que responderam a questão optativa - 69,8% (n=44). Tal resultado pode ser exemplificado pelos trechos a seguir: “...orientação e suporte à equipe da escola...”, “... trabalho em conjunto com as professoras da sala da aula regular e da sala de apoio”, “...adaptação de atividades realizadas em sala de aula para que a criança consiga desenvolvê-las”, “...acompanhamento da criança na escola durante o período de adaptação”.

¹⁶ O antigo termo *deficiência mental* foi utilizado no questionário enviado aos participantes, no entanto, foi feita uma correção no texto desta dissertação, substituindo o termo por *deficiência intelectual*, de acordo com a Declaração de Montreal sobre a Deficiência Intelectual (UNESCO, 2004).

É importante destacar que muitos depoimentos não foram considerados neste aspecto, uma vez que as intervenções não foram identificadas quanto ao local de realização e a atuação direta com a escola regular não ficou clara no relato.

O atendimento em ambiente clínico (consultório ou instituição) relacionado ao sucesso no processo de inclusão escolar apareceu destacado em 30,1% (n=19) dos casos: “...atendimento clínico...”, “...atendimento clínico em instituição, ainda que represente uma atuação limitada para a complexidade do processo de inclusão escolar”. Alguns relatos não traziam as intervenções de forma que pudessem ser identificadas quanto ao local de realização, assim algumas ações não foram considerados neste aspecto embora pudessem estar diretamente relacionadas. Além disso, é importante pontuar que os relatos que identificaram a atuação em ambiente clínico não eram, necessariamente, relatos que não identificavam a atuação na escola regular - “...atendimento clínico expandido para o contexto educacional”.

Os resultados obtidos nas questões fechadas do questionário identificaram uma ocorrência alta de acompanhamento em ambiente clínico relacionados ao processo de inclusão escolar, no entanto, as ações neste contexto não foram tão destacadas nos relatos de casos bem sucedidos quanto às ações na escola.

O destaque para intervenções com a família ou cuidadores apareceu também em 30,1% dos relatos (n=19). A mesma análise em relação aos destaques para o atendimento clínico é feita neste caso, uma vez que 95,3% de todos os participantes do estudo disseram realizar orientação à família em relação à escola e à inclusão e apenas uma pequena parcela daqueles que deram seu depoimento sobre casos bem sucedidos mencionaram este aspecto. Assim, o sucesso nos processos de inclusão escolar parece ser fortemente relacionado pelos participantes à atuação na escola - “*terapeuta ocupacional deve ter contato com a escola*”.

As intervenções na comunidade, relacionadas ao processo de inclusão escolar, não apareceram destacadas nos relatos dos participantes, embora este aspecto tenha aparecido com importante ou muito importante nas respostas no questionário.

Apareceram ainda citações isoladas e não especificadas de “...atuação política na área de educação inclusiva na prefeitura de um município” e “...atendimento domiciliar”.

Ainda que tenham sido solicitados a relatar um caso em que sua intervenção específica como terapeuta ocupacional tenha resultado em uma diferença realmente positiva nas possibilidades educacionais de uma criança, 22,2% (n=14) destacaram a importância do trabalho em equipe para que isso aconteça.

“Se eu puder supor que, em alguma situação eu tenha de alguma maneira contribuído para o bem estar ou o aprendizado de alguém, estou convencido de que tal circunstância foi sempre fruto de uma interação competente e prazerosa que tive a felicidade de estabelecer com todos os demais que se mobilizaram para obter este mesmo propósito. Afinal, o que seria das rosas, se não existissem os beija-flores?...”

4.9.3 As ações na escola

Na escola (creche, ensino infantil e fundamental) as principais ações especificadas e relacionadas ao sucesso no processo de inclusão escolar diziam respeito a orientações à escola em geral e à comunidade escolar (funcionários, professores e alunos); adequações e adaptações ambientais e intervenções em dinâmicas escolares.

- Suporte, orientação e acompanhamento do processo de inclusão na escola (n=36)

Os participantes citaram em seus relatos o apoio e as orientações (muitas não especificadas) à escola em geral, funcionários e alunos (n=12), como se observa nos exemplos a seguir:

“...apoio, orientação e capacitação à equipe escolar”

“...orientação aos colegas de grupo na relação com a criança”

Destacaram as orientações e capacitações aos professores (n=16):

“...oferecimento de um vídeo à professora para sensibilização em relação às potencialidades de seu aluno”

“...elaboração, implementação e avaliação de um programa de capacitação do professor para desenvolver e utilizar estratégias e atividades lúdicas, que promovam a independência da criança na atividade de vida diária de higiene e alimentação”

E citaram os acompanhamentos a crianças em fase de adaptação nas escolas regulares e ao processo de transferência de alunos de escolas especiais para escolas regulares (n=8):

“...encaminhamento de crianças de escolas especiais para classes regulares e posterior acompanhamento e suporte na adaptação à nova rotina”

“...acompanhamento terapêutico – terapeuta ocupacional como mediador, para que a escola encontrasse suas próprias ferramentas para sustentar a inclusão de uma criança com suas necessidades específicas”

- Intervenções no espaço físico, recursos materiais e na dinâmica escolar (n=20)

Os terapeutas ocupacionais destacaram suas ações relacionadas a adequações e adaptações do ambiente físico e materiais, com ênfase no desenvolvimento e implementação de recursos da tecnologia assistiva e da comunicação alternativa, nos casos bem sucedidos relatados (n=10), como se observa nos exemplos a seguir:

“...orientação e intervenção no que se refere à acessibilidade (...) utilização de mobiliário e equipamento específico, bem como uso de tecnologia assistiva de alto e baixo custo”

“...trabalho de implementação de comunicação suplementar ou alternativa e treinamento para utilização na escola”

Além disso, citaram suas intervenções na rotina e atividades escolares, especialmente em sala de aula, e nos processos pedagógicos (n=10):

“...adaptação de atividades realizadas em sala de aula para que a criança consiga desenvolvê-las”

“...discussão com os professores e intervenção na dinâmica de avaliação pedagógica”

4.9.4 As ações em ambiente clínico

As intervenções em ambiente clínico relacionadas ao processo de inclusão escolar foram menos destacadas e detalhadas pelos participantes ao falarem de casos bem sucedidos, no geral foi apenas mencionado o “*atendimento clínico*”, muitas vezes associado a intervenções na escola e com a família. No entanto, quando especificadas se referiram ao apoio no processo de inclusão escolar a partir de ações voltadas para o desenvolvimento neuripsicomotor e a avaliação e encaminhamento de crianças atendidas para a escola regular e para outros profissionais especialistas, como exemplificam os trechos a seguir a seguir:

“...atendimento clínico (coordenação motora, AVDs, atenção e concentração, etc)”

“...atendimento clínico (...) encaminhamento para psicologia, fonoaudiologia e psicopedagogia e encaminhamento para escola regular”

4.9.5 A intervenção com a família

Os destaques para a intervenção com a família nos relatos dos participantes também foram pouco especificados (n=19) e se referiram em sua maioria ao suporte e orientação. Exemplos:

“...orientação à família sobre o desenvolvimento global da criança e a educação na escola regular”

“...sugestão de atividades a serem realizadas pelos pais...”

4.9.6 As ações em equipe

A atuação em equipe, envolvendo discussões e criação e desenvolvimento de estratégias com outros profissionais envolvidos e com a família, no contexto escolar e clínico, foi citada por alguns participantes (n=14), como exemplificado a seguir:

“...atuação em conjunto com a família no atendimento clínico”

“...parcerias firmadas entre o professor do ensino regular, o professor de sala de recursos e o técnico responsável pelo atendimento da criança (no caso, um terapeuta ocupacional), intervenção conjunta, baseada na troca de informações e conhecimentos específicos e no acompanhamento constante da evolução apresentada”

4.9.7 Os resultados

Em seus depoimentos os terapeutas ocupacionais descreveram muitos resultados que indicaram o sucesso dos processos de inclusão com o apoio das intervenções da Terapia Ocupacional, isoladamente ou em equipe. Os resultados puderam ser divididos em cinco principais aspectos alcançados, como apresentado e exemplificado a seguir:

- Inclusão ou inserção na escola regular (n=33)

Muitos participantes mencionaram como o principal resultado alcançado a preparação e/ou capacitação da escola e dos professores para receber alunos com necessidades especiais e a efetivação da inclusão ou a inserção na escola regular (creches, escolas de ensino infantil e fundamental e universidades). Exemplos:

“...o programa (de capacitação) se mostrou eficaz em sua aplicação e os resultados observados apontaram para o aumento do preparo e do repertório do professor para trabalhar com as atividades de higiene e alimentação de seu aluno com baixa visão”

“...maior preparação estrutural e disponibilidade da escola para receber crianças com necessidades especiais”

“...inclusão em escola pública regular com participação em todas as propostas pedagógicas, o que contribuiu para a revisão do diagnóstico de autismo realizado pelo mesmo médico responsável”

- Maior participação e autonomia nas atividades escolares e socialização (n=24)

Ao destacarem resultados positivos os participantes apontaram a maior participação e autonomia das crianças nas atividades escolares, bem como a melhora nos relacionamentos interpessoais e na socialização, em função de transformações de comportamento e atitude tanto dos alunos acompanhadas quanto dos profissionais da escola e dos outros alunos, como se observa nos exemplos a seguir:

“...as crianças puderam desenvolver as mesmas atividades que os demais alunos de suas salas de aula, com participação positiva no grupo”

“...grande avanço na participação e independência na escola”

“...mudanças positivas no comportamento e na relação das pessoas da escola com a criança”

- Resultados positivos no desenvolvimento pedagógico e nas adequações e adaptações em sala de aula

Os terapeutas ocupacionais destacaram o sucesso na implementação da tecnologia assistiva e da comunicação alternativa e na adaptação de atividades pedagógicas, bem como na evolução em relação aos conteúdos acadêmicos, com destaque para a alfabetização (n=20). Exemplos:

“...após a utilização da órtese a criança apresentou evolução especialmente em função da possibilidade de uso do computador e avançou em duas séries no ensino fundamental”

“...a criança foi alfabetizada”

“...excelente resultado da criança na avaliação proposta pela Terapia Ocupacional”
(adaptação na avaliação pedagógica)

- Sensibilização, conscientização e discussão com familiares, alunos e profissionais envolvidos com educação especial e com o processo de inclusão escolar (n=8)

Exemplos:

“...ótima integração na turma, com destaque para a importância da inclusão para todos os alunos com a quebra de preconceitos e o aprendizado com a diversidade”

“...o professor começou a investir no processo de alfabetização do aluno, o que até então não vinha ocorrendo, pelo fato do aluno apresentar um severo comprometimento físico (função manual nula), o professor acreditava que o aluno não tinha possibilidades de aprender”

“...inclusão em escola pública regular com participação em todas as propostas pedagógicas, o que contribuiu para a revisão do diagnóstico de autismo realizado pelo mesmo médico responsável”

- Desenvolvimento neuropsicomotor (n=7)

Alguns participantes identificaram como um resultado positivo de suas intervenções em ambiente clínico e/ou na escola o desenvolvimento neuropsicomotor ou a “evolução clínica” das crianças em processo de inclusão escolar. Exemplo: *“...evolução na coordenação global, manual e percepção cognitiva”*

5. DISCUSSÃO

*“As informações são como as peças de um jogo de xadrez. O que importa é a dança das peças nos espaços vazios. Assim é o pensamento”
(Rubem Alves)*

O presente estudo buscou identificar a realidade das práticas dos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo no processo de inclusão escolar e procurou caracterizar a atuação desses profissionais e os aspectos que a envolvem, tais como: as crianças acompanhadas, o trabalho em equipe, as dificuldades e perspectivas.

A coleta dos dados foi realizada a partir da utilização de recursos da “tecnologia da informação e comunicação” – *e-mail* e *site*, e identificou-se uma boa aceitação dos participantes em relação a este método. Observa-se um aumento do acesso à *internet* na população brasileira nos últimos anos (IBGE/BRASIL, 2007a) o que possibilita uma maior utilização dos recursos da tecnologia da informação e comunicação para coleta de dados em pesquisas científicas no país. Acredita-se que as transformações nos métodos tradicionais de obtenção de dados, como a diminuição do envio de cartas pelo correio tradicional, podem ser positivas uma vez que as coletas de dados a partir da *internet* têm se mostrado mais ágeis e econômicas (SHEEHAN, 2001; DE MOURA; FERREIRA, 2005).

A quantidade de profissionais localizados no estudo, envolvidos de alguma forma com o processo de inclusão escolar, representou 8,7% do total de terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo.

Os resultados indicaram que os terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar são, principalmente, mulheres na faixa etária de 20 a 45 anos. Destaca-se que a porcentagem de homens identificados entre os participantes (3,1%) se iguala ao resultado do primeiro censo realizado pelo Crefito-3 com terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas do Estado de São Paulo, no qual foi apresentado que entre os 2.148 terapeutas ocupacionais identificados, 64 eram do sexo masculino (3,1%) (CREFITO-3, 2008b).

Os terapeutas ocupacionais, quando atuam na inclusão escolar, acompanham crianças de todas as idades, com destaque para a faixa etária de 6 a 10 anos, que foi apontada por quase todos os participantes deste estudo.

Embora o estudo focalize atuações com crianças, a opção “acima de 16 anos” foi apresentada aos participantes e sua ocorrência de 28,3% sugere um considerável envolvimento do terapeuta ocupacional com o processo de inclusão escolar de jovens e adultos. O enfoque da educação inclusiva no país engloba a educação de crianças, jovens e

adultos (PNE/BRASIL, 2000), mas observa-se que os estudos relacionados à atuação da Terapia Ocupacional na área tendem a destacar as intervenções com crianças. Assim, considera-se importante a realização de pesquisas que investiguem as ações dos terapeutas ocupacionais com jovens e adultos neste contexto.

Foi questionado aos participantes sobre a renda familiar das crianças atendidas e os resultados indicaram uma importante relação dos terapeutas ocupacionais com as crianças com baixa renda familiar (de zero a quatro salários mínimos), o que sugere uma forte aproximação deste profissional com o setor público, representado por instituições de atenção à saúde e escolas públicas (especiais e regulares).

Os participantes apontaram o acompanhamento de crianças com necessidades educacionais especiais relacionadas a diferentes deficiências, com destaque de maior frequência para as deficiências físicas e mentais e menor para deficiências auditivas e superdotação.

No Censo Escolar realizado no Brasil em 2006 (INEP/BRASIL, 2006b), entre os alunos com necessidades especiais matriculados em escolas regulares, há um grande destaque para a presença de deficiência intelectual (94.043), seguida pelas condutas típicas (73.780), baixa visão e cegueira (57.540), deficiência auditiva e surdez (35.845) e deficiência física (29.566), sendo as crianças com superdotação e altas habilidades menos apontadas (2.769). Considerando estes dados e os resultados obtidos neste estudo sobre deficiências relacionadas a necessidades educacionais especiais de crianças acompanhadas pelos terapeutas ocupacionais, destaca-se a possibilidade de haver um forte envolvimento destes profissionais com alunos com deficiência física e um relativamente baixo envolvimento com alunos com deficiência auditiva e surdez no processo de inclusão escolar.

Destaca-se ainda que o acompanhamento de crianças em situações de risco e vulnerabilidade não necessariamente relacionados a deficiências, que representa uma possibilidade importante de atuação da Terapia Ocupacional na educação, não recebeu destaque neste estudo e não foi claramente abordada no questionário. Tal fato se justifica pela sutil, ou ainda inexistente, presença de discussões voltadas para este aspecto tanto na literatura e legislação da inclusão escolar em geral quanto na literatura específica da Terapia Ocupacional nessa área e se reforça pela não manifestação dos participantes deste estudo nos espaços abertos do questionário sobre a atuação com crianças em situação de risco e vulnerabilidade neste contexto.

Segundo Documento do MEC elaborado por um grupo de trabalho composto por estudiosos e representantes do movimento de educação inclusiva no Brasil (SEESP/BRASIL,

2007b), embora esteja apresentada pela Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994, p.3) uma perspectiva conceitual que aponte para a organização de sistemas inclusivos que garanta a educação com qualidade de “todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras”, as políticas implementadas pelos sistemas de ensino não alcançaram toda a amplitude deste objetivo. Assim, acredita-se na importância da inclusão das crianças em situação de risco e vulnerabilidade, e das atuações voltadas a elas, nas discussões da Terapia Ocupacional e de todos os envolvidos na inclusão escolar, a fim de se combater a re-produção da exclusão neste processo. Aponta-se que estudos focalizando essa população também poderão contribuir para a compreensão do percurso dessas crianças e sobre a reflexão do alcance das políticas e práticas de inclusão escolar.

O estudo mostrou que os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo estão realizando suas práticas relacionadas ao processo de inclusão escolar principalmente nos contextos clínicos e escolares comuns, reforçando a afirmação de Bartalotti e De Carlo (2001, p. 114) de que “várias são as possibilidades de inserção do terapeuta ocupacional, que envolvem desde de o atendimento específico do aluno, em um contexto clínico, até, e principalmente, o acompanhamento desse aluno no espaço socioeducacional”.

Este resultado confirma alguns estudos internacionais que, da mesma forma, identificaram e discutiram a atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar em diferentes contextos, especialmente a clínica e a escola, tais como: Niehues et al, 1991; Kemmis; Dunn, 1996; Case-Smith; Cable, 1996; Weintraub; Kovshi, 2004.

No questionário, o ambiente clínico foi especificado aos participantes como consultórios e instituições e as atividades para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar são realizadas neste contexto pela maioria dos participantes. Tais resultados apóiam as considerações de Bartalotti e De Carlo (2001) que discutem que a atuação da Terapia Ocupacional está tradicionalmente relacionada à reabilitação, com práticas consolidadas voltadas para a minimização de seqüelas e dificuldades e para a promoção do desempenho funcional.

Essas práticas são importantes para a clientela que dela se beneficia, no entanto, a literatura indica que ao se relacionar com o processo de inclusão escolar, o terapeuta ocupacional não deve restringir suas ações ao ambiente clínico, estas devem ser contextualizadas com as práticas educacionais que envolvem o cotidiano escolar das crianças (BARTALOTTI; DE CARLO, 2001), assim como foi identificado nas práticas dos terapeutas ocupacionais deste estudo.

Ainda que a grande maioria dos participantes se relacione com a inclusão escolar a **partir** dos atendimentos em ambientes clínico, os resultados revelam que as ações dos terapeutas ocupacionais aparecem fortemente voltadas e realizadas na escola regular.

Tal observação é de grande relevância, uma vez que sugere um movimento dos terapeutas ocupacionais na direção da complementação do atendimento clínico através da relação com o contexto e cotidiano educacional.

Este resultado se diferencia daqueles obtidos por Weintarub e Kovshi (2004) quando investigaram a atuação dos terapeutas ocupacionais de Israel na inclusão escolar e identificaram que estes ainda se encontram muito voltados para o atendimento clínico dos alunos e pouco envolvidos com o contexto educacional.

Já nos Estados Unidos, pesquisas identificaram nas práticas dos terapeutas ocupacionais há alguns anos movimento semelhante ao identificado no presente estudo e concluíram que os serviços prestados por estes profissionais na área da educação se encontrava em evolução - de uma prática isolada e individual (clínica) para uma prática mais integrada com a escola (DUNN, 1991; BUNDY, 1991 apud CASE-SMITH, 1996).

Rocha, Castiglioni e Vieira (2001) discutiram a inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais e apontaram que no Brasil a experiência da Terapia Ocupacional neste contexto se encontrava restrita ao acompanhamento de alunos em escolas especiais ou em instituições relacionadas ao atendimento clínico, as quais preparavam os indivíduos para uma inserção social ainda pouco voltada para a escola comum. Os resultados do presente estudo não confirmam esta afirmativa e, deste modo, podem estar indicando novas formas de relação dos terapeutas ocupacionais com o processo de inclusão escolar, uma vez que se identificou uma importante focalização destes profissionais na inclusão escolar de seus clientes, bem como sua atuação na escola regular.

Além disso, considerando a Terapia Ocupacional como uma profissão tradicionalmente ligada à saúde, é possível que esteja se revelando uma nova tendência de atuação dos terapeutas ocupacionais, que vai ao encontro das transformações nacionais e mundiais propostas para a atenção e promoção de saúde (OMS, 1977; BRASIL, 1990). Tais transformações envolvem mudanças na atuação dos profissionais de saúde na direção de intervenções que atendam a população em sua integralidade através da comunicação entre os diversos setores de desenvolvimento social (saúde, educação, segurança, meio ambiente, lazer, etc) e em busca da ampliação da atuação para além da clínica (CAMPOS, 2006), assim como parece estar acontecendo com a atuação dos terapeutas ocupacionais envolvidos com a educação inclusiva.

Os resultados indicam, no entanto, um movimento que parece partir da conscientização dos profissionais e que busca a ampliação da atuação, mas que ainda precisa se expandir no cotidiano de suas ações para outros territórios. Além da intervenção com a família, na escola e na clínica, os participantes indicaram como importante a intervenção na comunidade - entendida aqui como uma extensão dos outros contextos considerados, porém, não citaram como freqüentes suas ações neste aspecto e não o destacaram em seus relatos de caso bem sucedidos.

No entanto, é importante considerar que a necessidade de revisão e transformação deste quadro foi apontada pelos participantes ao indicarem as ações na comunidade como uma intervenção que deve ser ampliada.

Em relação à intervenção na escola, as principais ações dos terapeutas ocupacionais dizem respeito à orientação dos professores e da escola em geral e orientações para adequação/adaptação de espaços físicos e recursos materiais.

Ao descreverem seus casos bem sucedidos no processo de inclusão escolar, os participantes destacaram suas intervenções e ações na escola, ainda que houvessem afirmado nas questões anteriores a importância e a forte atuação também na família e no ambiente clínico.

Esse resultado sugere que ao escrever sobre ações bem sucedidas no processo de inclusão escolar e destacarem suas intervenções diretamente relacionadas à escola regular, os terapeutas ocupacionais demonstram atribuir um alto valor à atuação deste profissional na escola para o sucesso da intervenção na inclusão, como pode ser observado pelo registro de um dos profissionais participantes do estudo: “...o terapeuta ocupacional, além de orientar, acompanha a criança de perto, intervêm nos ambientes que ela frequenta”.

Tal achado se assemelha aos resultados do estudo de Niehues et al (1991), que identificou nos relatos de casos bem sucedidos dos terapeutas ocupacionais envolvidos com a educação inclusiva a relação do sucesso de suas intervenções com ações realizadas no contexto escolar. No entanto, no estudo realizado no Estados Unidos embora os terapeutas ocupacionais conseguissem identificar sucesso em suas ações neste novo cenário, demonstravam não se sentirem ainda totalmente seguros quanto no contexto clínico tradicional. Desta forma, os autores identificaram dúvidas e ambivalências nos discursos dos participantes em relação a sua contribuição na escola e concluíram que a relação com um novo contexto forçava os terapeutas ocupacionais a ampliarem e transformarem sua visão e atuação além do modelo médico.

Nesta perspectiva, os dados analisados no presente estudo possibilitam a identificação de uma forte relação atribuída pelos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo entre a intervenção na escola e a efetiva contribuição para o processo de inclusão escolar, no entanto, acredita-se que estudos mais aprofundados nesta questão devam ser realizados para investigar possíveis conflitos relacionados às transformações práticas e paradigmáticas ocorridas no modo de atuar destes profissionais a partir da ampliação de seus contextos de ação (*settings*).

Ainda a respeito das ações específicas na escola identificadas neste estudo, a orientação sobre tecnologia assistiva e adequação e adaptação de espaços físicos e recursos materiais apareceram de forma significativa.

O trabalho do terapeuta ocupacional com a tecnologia assistiva na escola visa a autonomia e independência do aluno e a participação ativa nas atividades acadêmicas e sociais e envolve: a) a avaliação de suas necessidades, habilidades físicas, cognitivas e sensoriais, b) a avaliação da receptividade do indivíduo quanto à modificação ou uso da adaptação, sua condição sociocultural e as características físicas do ambiente onde será utilizada e c) as instruções e orientações necessárias para as pessoas envolvidas com o uso da tecnologia (PELOSI, 2005).

Destaca-se que nas questões fechadas do questionário, a opção dada aos participantes foi apresentada de forma limitada ao se referir apenas à “orientação sobre tecnologia assistiva e mobiliário”, o que não impediu, no entanto, que aparecessem outras ações deste profissional relacionadas a este aspecto nos espaços abertos, especialmente nos relatos de casos bem sucedidos, tais como: adaptações de materiais escolares para a realização de atividades em sala de aula; implementação de computador com teclado adaptado e treinamento do aluno e professor para a utilização; prescrição e confecção de órteses para melhor posicionamento e realização de atividades; adequação de mobiliários e utilização de equipamentos específicos para melhorar a acessibilidade; implementação de comunicação alternativa, entre outras.

Tais resultados confirmam as expectativas de alguns autores brasileiros da área que apontaram e discutiram o envolvimento do terapeuta ocupacional com a tecnologia assistiva como uma das “possíveis ações e intervenções” no processo de inclusão escolar (BARTALOTTI; DE CARLO, 2001; ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001; PELOSI, 2006, TOYODA, 2006, entre outros).

Segundo um participante, o trabalho com a tecnologia assistiva na escola é “*bastante significativo, pois viabiliza melhores condições de aprendizado aos alunos e melhores condições de ensino aos professores*”.

É importante salientar que o desenvolvimento deste trabalho pode ser realizado por diferentes profissionais como engenheiros, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, porém a atuação específica do terapeuta ocupacional enfatiza a função, ou seja, a realização de atividades significativas dentro do processo educacional, e desta forma, de acordo com Pelosi (p. 466, 2007), o terapeuta ocupacional pode ser “*o profissional apropriado para assumir o papel de especialista em tecnologia assistiva no trabalho de inclusão escolar*”. Assim, sabendo da importância da tecnologia assistiva para o sucesso da inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais, acredita-se que deve haver um maior investimento na contratação de terapeutas ocupacionais para atuar nas escolas regulares.

Na escola, outra importante vertente da atuação dos terapeutas ocupacionais identificada diz respeito à atuação com os professores e pôde-se notar que os participantes deste estudo não identificam a falta de disponibilidade e cooperação destes, bem como da família, como um obstáculo para o seu trabalho na inclusão escolar, assim como foi exemplificado pelos participantes em seus relatos: “*Observo boa aceitação familiar e escolar de todas orientações oferecidas...*”, “*A professora mostrou-se solícita...*”. Este resultado difere daquele encontrado por Prigg (2002) que verificou que para os terapeutas ocupacionais australianos envolvidos com a inclusão escolar de crianças no período de iniciação na escola regular uma das principais dificuldades se relacionava à falta de participação e cooperação dos professores e da equipe da escola.

No entanto, os participantes do presente estudo identificam a falta de preparação dos professores para receber alunos com necessidades educacionais especiais em suas salas de aula como um obstáculo e desafio importante para sua atuação. Acredita-se que este fato pode estar revelando a percepção dos terapeutas ocupacionais sobre a diferença entre não estar preparado e não querer cooperar, o que muitas vezes se confunde à medida que o despreparo do professor, ator essencial no processo de inclusão escolar (UNESCO, 2001), potencializa sentimentos de impotência e medo diante do desconhecido, de um desafio que não se sabe como enfrentar.

Para Rocha, Luiz e Zulian (2003) os professores sentem-se solitários e despotencializados em uma proposta que necessita de parceiros e apoio e, muitas vezes, por desconhecerem questões básicas sobre os alunos com necessidades educacionais especiais, sentem-se impotentes em sua ação como educador.

Neste sentido, as ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais com os professores verificadas neste estudo respondem a algumas das principais necessidades apontadas e discutidas na literatura em torno da questão da preparação dos educadores. Isto se confirma

no destaque atribuído em diferentes momentos nas respostas dos participantes à orientação, capacitação e trabalho em conjunto com os professores e nos exemplos relatados de intervenção com estes na escola, tais como: conscientização dos professores sobre as potencialidades das crianças, capacitação para utilização de tecnologia assistiva, adaptações em atividades e dinâmicas em sala de aula, entre outros.

O trabalho com a escola foi pensar juntas estratégias que favorecessem o potencial criativo do W. ... e também o potencial das professoras, que elas achavam insuficiente para dar conta do insucesso escolar de W., para propiciar o aprendizado, que tanto ele quanto elas desejavam...

Tais resultados reforçam a premissa de que o terapeuta ocupacional entende o fazer do professor como mais um foco de sua atuação no processo de inclusão escolar (BARTALOTTI, 2007) e possui uma enorme possibilidade de contribuir com a capacitação deste profissional para atuar na perspectiva inclusiva (ZULIAN et al, 2004).

Assim, essa discussão chama a atenção para a importância da participação da Terapia Ocupacional na preparação e fortalecimento da equipe escolar, uma vez admitida a necessidade de sensibilização e treinamento dos recursos humanos da escola para efetivamente prepará-la para incluir alunos com necessidades educacionais especiais (SASSAKI, 2002). E, nesse sentido, sugere-se o desenvolvimento de futuros trabalhos que invistam na investigação, desenvolvimento e divulgação do papel do terapeuta ocupacional na capacitação dos professores para atuarem na inclusão escolar.

Os dados coletados apontaram que outro obstáculo significativo para a atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar, além da falta de preparação dos professores, é a falta de preparação de toda a equipe da escola regular. Estes resultados confirmam muitos estudos e discussões que refletem sobre esta questão (MENDES, 2002; SASSAKI, 2002; FERREIRA, 2006; MAGALHÃES; STOER, 2006; MARTINS, 2006; RODRIGUES, 2006; ADABO; TOLEDO; ZULIAN, 2007, entre outros).

Em pesquisa desenvolvida por terapeutas ocupacionais a partir do acompanhamento de uma criança com seqüelas motoras após traumatismo crânio-encefálico em seu processo de re-inserção na escola regular, verificou-se que uma das maiores barreiras que se apresentavam não se relacionavam à questões físicas e arquitetônicas, nem mesmo às seqüelas advindas do acidente ocorrido, mas denunciavam a dificuldade dos profissionais da escola e da própria família em lidar com o sujeito deficiente. Para as autoras este aspecto interfere diretamente no

processo de reabilitação e inclusão por meio da Terapia Ocupacional (ADABO; TOLEDO; ZULIAN, 2007).

A questão do despreparo da equipe escolar e da escola como um todo parece remeter a uma discussão anterior que indaga sobre como a escola exerce seu papel na construção do respeito à diversidade. E, nesta direção, as propostas da educação inclusiva muitas vezes questionam “alguns dos fundamentos mais arraigados da escola tradicional: o caráter seletivo, a homogeneidade dos seus métodos de ensino e o fato de não ser sensível ao que os alunos são e querem” (RODRIGUES, 2006, p.317).

Um caso bem sucedido no processo de inclusão escolar relatado por um dos terapeutas ocupacionais participantes do estudo pode ilustrar essa discussão:

Acompanhei uma criança com síndrome de Down que cursava a terceira série do ensino fundamental que repetiria de ano porque nas avaliações do professor era incapaz de apreender os conteúdos pedagógicos em matemática. Após algumas discussões com os professores, foi proposto que a prova pudesse ocorrer através da encenação de uma feira em que a criança no caso seria o caixa (teria como função multiplicar os valores dos alimentos, somar, subtrair para dar o troco, e outras funções que incluíam os conceitos incorporados durante o ano). A criança tirou dez e ainda por cima repercutiu uma excelente discussão, porque outros alunos que tiravam notas altas nas provas convencionais, foram muito mal ao passar por esta experiência mais funcional do uso da matemática. Foi um excelente exemplo para a escola de como a inclusão pode favorecer a melhoria da qualidade da educação para todos.

Acredita-se que é preciso considerar a inclusão escolar, bem como a preparação dos professores e da própria escola, como um processo em construção. As medidas legislativas no Brasil nos últimos anos foram um passo importantíssimo para a inclusão escolar, mas esta será (está sendo) efetivamente construída a partir das práticas e das reflexões que surgem delas.

A escola preparada para a inclusão será a escola que emergirá dos esforços e da coragem dos atores diretamente envolvidos, ou seja, de toda a comunidade (RODRIGUES, 2006) e nessa perspectiva, alguns resultados apontam para a participação do terapeuta ocupacional neste movimento. Foi questionado aos participantes sobre ações no processo de inclusão escolar que deveriam ser realizadas ou mais frequentemente realizadas pela Terapia Ocupacional. Os principais apontamentos dizem respeito a ações que foram identificadas nas

respostas, ou seja, já fazem parte das práticas dos terapeutas ocupacionais. Desta forma, os participantes indicaram que alguns aspectos de sua atuação merecem ser ampliados.

Na opinião dos participantes deve haver, por exemplo, uma maior inserção do terapeuta ocupacional no cotidiano das escolas, nas salas de aula e nas equipes do ensino regular, embora o estudo tenha identificado um envolvimento significativo desses profissionais com o contexto escolar.

Esses resultados sugerem a reflexão de uma prática que pode estar indicando ações efetivas, intervenções que podem estar resultando em transformações positivas para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais e por isso são apontadas.

Ainda sob essa perspectiva, é interessante constatar que três das quatro principais ações que devem ser ampliadas, na visão dos participantes, vão diretamente ao encontro dos maiores obstáculos encontrados.

Além da maior inserção do terapeuta ocupacional nas escolas, foram apontadas as seguintes ações: a) adaptações de ambientes, mobiliárias e de materiais e atividades didáticas e lúdicas, bem como a criação de estratégias para a utilização dos mesmos e planejamento, avaliação e implementação de recursos de tecnologia assistiva e comunicação alternativa e b) orientação, apoio e trabalho em conjunto com os professores e formação/capacitação dos mesmos. Observa-se que todas essas intervenções auxiliam na preparação da escola e dos professores e na construção do processo de inclusão escolar.

Nesse sentido, as implementações nas políticas públicas, cotidiano escolar, pesquisas e formação do terapeuta ocupacional na área da educação inclusiva sugeridas pelos participantes também se relacionam com desafios identificados pelos mesmos.

Em relação às políticas públicas, por exemplo, os participantes acreditam que deve haver maiores investimentos: a) na contratação e capacitação dos profissionais das escolas regulares, especialmente do professor; b) na preparação estrutural das escolas e c) na contratação de profissionais técnicos para equipes de apoio, com destaque para o terapeuta ocupacional.

Assim, os terapeutas ocupacionais demonstram uma reflexão sobre a realidade do processo de inclusão escolar e identificam a participação da Terapia Ocupacional como uma alternativa eficiente de apoio.

Estes resultados chamam a atenção para o fato de que, embora a legislação aponte para a tendência e a prioridade política de capacitar os professores e a escola para receber os alunos em com necessidades educacionais especiais (LBD/BRASIL, 1996a; PNE/BRASIL, 2000), políticas públicas e programas mais enfáticos nesta direção precisam ainda ser

elaboradas e concretizadas, considerando o terapeuta ocupacional como um profissional colaborador deste processo.

Ressalta-se neste ponto a urgência da elaboração e efetivação de tais políticas e programas no Brasil, uma vez que o último Censo Escolar realizado em 2008 no país identificou um crescimento significativo das matrículas da educação especial nas classes comuns do ensino regular (BRASIL, 2009). Segundo o Ministério da Educação estão matriculados em classes comuns 375.772 estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2009) e é preciso que o sistema educacional de ensino esteja preparado para oferecer a esses alunos o que lhes é de direito.

Acredita-se ser importante o investimento na atuação de terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar, à medida que, com base nos dados aqui apresentados, esses profissionais já se encontram envolvidos com a preparação das escolas e dos professores e identificam suas ações como fator contribuinte importante neste aspecto.

Segundo Sasaki (2008), para a implementação do conceito de equiparação de oportunidades para todos é preciso haver uma adequação da sociedade à diversidade, a partir da re-avaliação e re-construção dos seguintes aspectos: comportamento das pessoas (acessibilidade atitudinal); ambiente físico (acessibilidade arquitetônica); produtos, serviços e procedimentos (acessibilidade metodológica, instrumental e programática) e meios de informação (acessibilidade comunicacional).

Desta forma, reafirma-se que o terapeuta ocupacional envolvido com o processo de inclusão escolar tenha muito a contribuir - e já está contribuindo, como foi revelado pelos resultados deste estudo, para a preparação e adequação das escolas (acessibilidade arquitetônica, metodológica, instrumental e programática), bem como para a informação e conscientização com vistas no desmonte de atitudes discriminatórias e pré-conceituosas (acessibilidade comunicacional e acessibilidade atitudinal).

Porém, embora tenha sido identificada uma forte atuação dos terapeutas ocupacionais na escola, essa participação acontece principalmente a partir do atendimento clínico e ainda muito pouco a partir da contratação específica para a atuação na escola ou para a participação nas equipes de apoio. Assim, há uma alternativa de participação deste profissional na inclusão escolar ainda pouco aproveitada e, considerando o tempo de dedicação e o envolvimento maior que se tem nas escolas nessas perspectivas de trabalho, uma atuação que pode ser ainda mais efetiva.

A orientação à família foi outra ação fortemente identificada nas respostas dos participantes e segundo De Carlo e Bartalotti (2001) na educação inclusiva esta relação é tão importante quanto a ação direta no contexto educacional do aluno. Este resultado aqui encontrado confirma estudos e discussões sobre a importância da atenção à família no processo de inclusão escolar.

Prigg (2002) na Austrália, por exemplo, buscou identificar as principais ações realizadas por terapeutas ocupacionais que acompanham crianças em processo de iniciação na escola regular e destacou o suporte da família como uma das três intervenções mais importantes.

Parette, Vanbiervliet e Hourcade (2000) afirmam que para um maior índice de sucesso na utilização de tecnologia assistiva na inclusão escolar é essencial que haja orientação e participação da família das crianças que utilizam este recurso em todos os processos da intervenção.

No presente estudo, foi possível destacar nas respostas dos participantes as ações relacionadas a orientações aos familiares sobre a educação na escola regular e o processo de inclusão escolar, bem como sobre atividades a serem realizadas pelos pais e/ou cuidadores para favorecer este processo.

Os profissionais da saúde, entre eles o terapeuta ocupacional, em geral são procurados pelas famílias em função dos quadros clínicos e dificuldades vivenciadas por crianças com necessidades especiais e, neste contexto, estes profissionais acabam muitas vezes sendo responsáveis pelo encaminhamento das crianças para a escola regular e destacam-se como importantes interlocutores entre esta e a família (RORIZ; AMORIM; FERREIRA, 2005). Alguns participantes exemplificaram este papel na relação com os pais ao destacarem nos relatos de casos ações que contribuíram para o sucesso das crianças acompanhadas:

Atendia uma criança autista de 7 anos que nunca havia tido contato com outras crianças e nem mesmo com outros ambientes, por conta da super proteção dos pais. Com o passar dos tempos fui apresentando a idéia da inclusão social e educacional do mesmo, de início os genitores foram contra e nem mesmo deram muita importância às orientações. Mas após muito insistir, juntos procuramos diversas escolas que estivessem dispostas a abraçar o nosso projeto de inclusão.

Além disso, na atuação com os pais, o terapeuta ocupacional pode facilitar a expressão e o enfrentamento das dificuldades, dos sentimentos e das emoções que permeiam a proposta

da inclusão escolar (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003), e ainda construir junto com a família um meio social que permita a criança viver situações ricas em experiências e oportunidades (BARTALOTTI; DE CARLO, 2001), assim como foi destacado por uma participante:

Acredito que, primeiramente, é preciso preparar a família para aceitar esse processo, que pode ser doloroso, permeado por conflitos pessoais e por preconceitos, mas que trará como resultado o amadurecimento da criança, tanto no aspecto relacional quanto no referente às habilidades acadêmicas.

Aqui cabe ainda ressaltar outro aspecto importante da atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar, mas que não apareceu destacado pelos participantes deste estudo - o papel de facilitador do processo de “empoderamento” das pessoas com necessidades especiais e seus familiares na luta por seus direitos e na conquista de uma participação ativa e política sobre sua condição de vida. Segundo Sasaki (2008) as mudanças sociais para a melhor qualidade de vida e equiparação de oportunidades para todos virão também como resultado do aumento de poder e independência – “empoderamento”, das pessoas que se sentem diretamente lesadas em seu direito à igualdade, uma vez que, a partir do exercício de seu poder elas exigem a adequação da sociedade às suas necessidades.

O terapeuta ocupacional envolvido com o processo de inclusão escolar está diretamente relacionado ao processo de “empoderamento” de seus “alunos-clientes” e deve atuar com as crianças também com o intuito de colaborar na formação de cidadãos conscientes e participativos nas decisões que afetam sua vida e buscar o fortalecimento dos familiares e cuidadores nesse mesmo processo.

No entanto, embora este represente um aspecto da intervenção da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar de grande importância, acredita-se que possa não estar sendo ainda muito valorizado pelos terapeutas ocupacionais em suas práticas, uma vez que intervenções e discussões neste sentido não aparecem destacadas nas respostas dos participantes deste estudo. Hipotetiza-se que tal fato pode acontecer, em muitos casos, porque os terapeutas ocupacionais exercem tais investimentos no “empoderamento” tão natural e cotidianamente, que não o destacam como uma ação específica.

As famílias de crianças com necessidades educacionais especiais que possuem acesso limitado à informação crítica e a serviços de apoio e suporte tendem a apresentar uma postura mais passiva diante da educação e inclusão de seus filhos (HANSON, 1998), representando ainda um modelo de passividade muitas vezes copiado por essas crianças.

Deste modo, o trabalho do terapeuta ocupacional nesse sentido toma uma dimensão política que se direciona para a potencialização da ação/participação social e transformadora das pessoas com necessidades especiais e seus familiares. Assim, considera-se importante o desenvolvimento de estudos mais aprofundados e detalhados nesta direção, que discutam o alcance político do trabalho do terapeuta ocupacional com crianças em processo de inclusão escolar.

Os resultados deste estudo demonstraram que na atuação dos terapeutas ocupacionais há a participação de profissionais de diferentes áreas e da família, esse fato sugere fortemente uma tendência a um trabalho em equipe e vai ao encontro da afirmação de Furtado (1999, p.47) de que “a riqueza da abordagem da Terapia Ocupacional está exatamente nesta possibilidade de se conectar com vários saberes e resultar numa prática interdisciplinar quase sempre”.

Segundo o Documento Subsidiário da Educação Inclusiva (PAULON; FREITAS; PINTO, 2006) voltado para a transformação das escolas públicas brasileiras em espaços inclusivos, são competências da equipe interdisciplinar que atua na inclusão escolar: a) realizar o levantamento de necessidades específicas da escola; b) elaborar programas de assessoramento a escolas; c) orientar e supervisionar os Agentes de Apoio à Educação Inclusiva; d) orientar e acompanhar as famílias dos alunos com necessidades educacionais especiais incluídos na rede regular de ensino.

Os dados analisados revelam que a participação da Terapia Ocupacional na inclusão escolar apresenta-se diretamente relacionada a estas propostas. Os terapeutas ocupacionais deste estudo, ao demonstrarem que atuam fortemente nas orientações às famílias, as escolas e aos professores e fazem cada vez mais parte do cotidiano escolar, compartilhando suas ações com diferentes atores envolvidos, chamam a atenção para a importância da presença deste profissional nas equipes interdisciplinares de apoio à educação inclusiva.

A partir disso, confirma-se o potencial da Terapia Ocupacional em contribuir juntamente com outras profissões, na identificação de demandas específicas da escola e na elaboração e acompanhamento de projetos de acessoria ao processo de inclusão escolar.

Na perspectiva da atuação em equipe, com o conhecimento de que a atuação voltada para a inclusão escolar requer um encontro e comunicação entre diferentes saberes – considerando aqui os saberes técnicos, escolares, familiares e pessoais do aluno, acredita-se ser de grande relevância a investigação sobre as diferentes formas de se produzir e conduzir estes encontros para que possam ocorrer do modo mais construtivo e satisfatório possível.

A atuação dos participantes deste estudo na inclusão escolar acontece com representantes de diversas áreas (psicólogos, fisioterapeutas, professores e diretores da escola regular, entre outros). O mesmo foi identificado no estudo de Kemmis e Dunn (1996) ao investigarem o trabalho realizado por terapeutas ocupacionais em escolas regulares com base no modelo de consultoria colaborativa.

Conforme os resultados verificados no presente estudo, os profissionais que mais compartilham ações com o terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar são o psicólogo, o fonoaudiólogo e o professor, confirmando mais uma vez uma atuação que conjuga aspectos clínicos e educacionais dos alunos, considerando as especificidades destes profissionais.

Em relação às ações realizadas com a família, professores e diretor, observa-se que “orientar” é mais apontado que “avaliar”, “planejar” e “desenvolver” o programa de intervenção. Quando realizada uma leitura a partir dos modelos de atuação dos terapeutas ocupacionais na inclusão escolar, esses resultados sugerem um trabalho com características mais próximas ao modelo de monitoramento que ao modelo de consultoria colaborativa (CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004).

Segundo Case-Smith, Rogers e Johnson (2001) o monitoramento é muito utilizado em ações como posicionamento da criança em sala de aula e na implementação da tecnologia assistiva, o que pode, especialmente no último caso, ser confirmado neste estudo.

No entanto, outros resultados sobre o trabalho com diferentes profissionais sugerem uma aproximação das práticas dos terapeutas ocupacionais também ao modelo de consultoria colaborativa quando, por exemplo, identifica-se uma ocorrência significativa na realização de ações como “avaliação”, “planejamento” e “desenvolvimento” do programa de intervenção com os profissionais da equipe técnica, o pedagogo e até mesmo com o professor.

Acredita-se que a união de diferentes pontos de vista e conhecimentos pode resultar na criação conjunta de estratégias mais completas e eficientes no contexto educacional (CASE-SMITH; CABLE, 1996; KAMMES; DUNN, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001; WHALEN, 2003; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004; TOYODA et al, 2007). Nesse sentido, algumas ações identificadas na atuação dos participantes vão ao encontro de estudos e discussões que apresentam a importância da atuação colaborativa entre terapeutas ocupacionais, equipe técnica e escolar (especialmente o professor) para o aumento da efetividade da atuação na inclusão escolar.

Contudo, considerando também a forte aproximação das práticas dos terapeutas ocupacionais ao modelo diretivo ou modelo médico, a partir das ações realizadas em ambiente clínico (CASE-SMITH; CABLE, 1996; CASE-SMITH; ROGERS; JOHNSON, 2001, WEINTRAUB; KOVSHI, 2004), conclui-se que as identificações realizadas neste estudo sugerem práticas dos terapeutas ocupacionais que se aproximam de modelos e possibilidades diferentes e complementares de atuação no processo de inclusão escolar, confirmando alguns estudos internacionais que encontraram resultados semelhantes e discutiram a importância da utilização das diferentes formas de atuar para a produção de um serviço completo e construtivo na educação inclusiva (NIEHUES, et al, 1991; CASE-SMITH; CABLE, 1996; KAMMES; DUNN, 1996; WEINTRAUB; KOVSHI, 2004).

Segundo Rourk (1996, p.698), “para ir ao encontro das necessidades individuais de uma variedade de alunos com necessidades especiais, a prática ideal na escola deve envolver a utilização de mais de um modelo de atuação”.

Porém, destaca-se que não foi identificado neste estudo como se dá a relação dos terapeutas ocupacionais com cada modelo de atuação. Embora os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo estejam utilizando diferentes perspectivas de atuação em suas práticas, não é possível, por exemplo, identificar precisamente se algum modelo está sendo priorizado.

Investigações nesta direção foram realizadas por Case-Smith e Cable (1996) nos Estados Unidos e por Weintraub e Kovshi (2004) em Israel. O primeiro estudo considerou dois modelos de intervenção – o modelo diretivo (clínico – fora do contexto escolar) e o modelo integrativo (participação nas atividades escolares e consultoria – no contexto escolar) e identificou que: os terapeutas ocupacionais passavam 47% do tempo de atenção a crianças em processo de inclusão escolar em ações fora do contexto escolar (modelo diretivo) e 53% do tempo realizando ações integradas ao contexto escolar (modelo integrativo). No segundo estudo, as autoras consideraram três modelos de atuação - modelo diretivo, monitoramento e consultoria, e identificaram que os terapeutas ocupacionais envolvidos com a inclusão escolar dedicavam a maior parte do tempo (76,9%) em ações relacionadas ao modelo diretivo. No tempo restante eles realizavam ações relacionadas ao modelo de consultoria com os familiares, equipe da escola e professores (16,1%) e orientações (monitoramento – 7%).

Pesquisas com esta abrangência podem ser interessantes por possibilitarem identificar com mais exatidão se algum modelo de atuação está sendo mais utilizado pelos profissionais e os motivos que levam a esta realidade, bem como discutir as vantagens e desvantagens de diferentes formas de atuar.

Nos estudos citados anteriormente, por exemplo, os autores concluíram que a escolha, planejamento e utilização de diferentes formas de atuar devem se realizar de modo singular, considerando as especificidades de cada caso e tendo em vista a importância dos diferentes modelos de atuação (CASE-SMITH; CABLE, 1996), mas também destacaram a importância das transformações nos modos tradicionais de se relacionar com a educação, que priorizam utilização dos modelos de atuação diretivos (clínicos) e pouco se relacionam com a escola (WEINTRAUB; KOVSHI, 2004)

Assim, uma vez identificado neste estudo que os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo estão atuando em diferentes contextos e se relacionando com diferentes modelos de atuação em suas ações na inclusão escolar, sugere-se a ampliação da discussão sobre essas diferentes formas de intervenção com vista na identificação mais aprofundada de como esses modelos constituem a atuação do terapeuta ocupacional no Brasil.

Destaca-se, por fim, que a discussão feita aqui, através dos modelos de atuação encontrados na literatura internacional, não tem a intenção de classificar as práticas dos participantes deste estudo, mas sim de iniciar uma discussão nesse sentido.

A análise sobre as relações dos terapeutas ocupacionais e outros profissionais (membros da equipe escolar e equipe técnica) ainda revelou a correlação entre a satisfação dos participantes do estudo com seu trabalho e a valorização que percebem de seus colegas de trabalho em relação à atuação da Terapia Ocupacional. Hipotetiza-se que a maneira como a atuação da Terapia Ocupacional na inclusão escolar é vista e valorizada por outros profissionais, ou ainda outras pessoas envolvidas, exerce forte influência na satisfação do terapeuta ocupacional com o trabalho nesta área, assim como aparece no desabafo de um participante:

O trabalho é restrito, e muitas vezes o reconhecimento não é dado e isto se torna o trabalho mais difícil, mas acredito que faço o melhor dentro das minhas possibilidades.

Posto isso, confirma-se a relevância da continuidade de estudos como o aqui apresentado, que revelem as possibilidades, alcance e sucessos das práticas dos terapeutas ocupacionais em suas áreas de abrangência e sugere-se que sejam aprofundadas as investigações e discussões sobre o reconhecimento da importância da atuação da Terapia Ocupacional na inclusão escolar pelos outros atores envolvidos neste processo.

Finalmente, destaca-se que a presença de pós-graduação foi um elemento significativo identificado entre os participantes deste estudo, uma vez que 89,76% disseram

ter pelo menos uma pós-graduação (*lato* ou *stricto sensu*). Este resultado sugere uma alta ocorrência de complementação da formação entre os terapeutas ocupacionais envolvidos com o processo de inclusão escolar.

Hipotetiza-se a grande busca por pós-graduação identificada no estudo esteja relacionada à necessidade encontrada pelos terapeutas ocupacionais de completar a formação oferecida nos cursos de graduação no tema “inclusão escolar” e áreas afins. Esta hipótese encontra ressonância com o estudo de Garcia (1999) que, ao analisar a prática de cinco terapeutas ocupacionais na educação especial, identificou na fala dos participantes a falta de respaldo acadêmico em educação especial durante a formação em Terapia Ocupacional. Tais resultados podem sugerir uma possível lacuna na formação do terapeuta ocupacional em temas relacionados à inclusão escolar.

Para esta hipótese os próprios participantes apresentaram em suas respostas uma possível solução, ao apontarem que deve haver maior investimento na construção de espaços de conhecimento e discussão sobre o tema e sobre as possibilidades de ação da Terapia Ocupacional na área através da inclusão de disciplinas na graduação relacionadas à educação, educação especial e inclusão escolar.

Tal medida pode inclusive contribuir com pesquisas e discussões teóricas na área, uma vez que foi identificada uma forte insatisfação dos participantes com o material teórico encontrado sobre a Terapia Ocupacional na inclusão escolar e verificou-se que as principais fontes de estudo teórico para os terapeutas ocupacionais são publicações e eventos em outras áreas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo identificou e apresentou características representativas da atuação dos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo no processo de inclusão escolar e procurou problematizar e discutir as ações, opiniões e perspectivas destes profissionais neste contexto. Foram levantados indicadores importantes sobre o tema investigado e acredita-se que estes representem uma gama de possibilidades para estudos futuros de aprofundamento na área.

Foi possível observar um movimento dos terapeutas ocupacionais partindo do atendimento em ambiente clínico para outros contextos relacionados ao cotidiano e realidade de seus pacientes/clientes. É possível que estes resultados estejam refletindo mudanças importantes na atuação da Terapia Ocupacional, uma vez que representam transformações nos conceitos de “atividade” e “*setting* terapêutico”, elementos fundamentais na profissão. Nesta perspectiva, ressalta-se a importância da realização de mais estudos investigativos sobre a realidade das ações dos terapeutas ocupacionais em diferentes áreas.

Avalia-se como significativa a busca e localização dos profissionais envolvidos com a inclusão escolar realizada neste estudo e as análises e identificações desenvolvidas a partir da realidade de suas práticas. Reforça-se esta relevância na medida em que se observa que a literatura da área no Brasil tem discutido sobre o tema com base mais nas “possibilidades” de ação da Terapia Ocupacional que em levantamentos mais aprofundados da realidade nesse contexto. Ressalta-se a importância de estudos que investigam a realidade e cotidiano das práticas profissionais, por esta metodologia possibilitar esboçar um quadro das ações realmente efetuadas, seu alcance, sucessos, dificuldades, potenciais e tendências.

Observou-se um alto número de respostas à questão aberta em que foi solicitado aos participantes a apresentação de um caso bem sucedido da atuação como terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar. Considerando a extensão do questionário e a sugestão da questão como optativa, acredita-se que este resultado possa estar representando uma necessidade de se falar sobre o acerto, sobre as possibilidades reais de contribuição do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar, da ação que é mobilizada e compartilhada por esse profissional e que gera ressonâncias positivas.

Assim, este estudo é considerado relevante também por dar voz aos profissionais de terapia ocupacional e possibilitar a expressão de suas ações e acredita-se na importância da realização de outras pesquisas nesse sentido.

Por fim, a partir dos resultados do presente estudo destaca-se o potencial colaborativo do terapeuta ocupacional na educação inclusiva e sugere-se que estudos e programas sejam

desenvolvidos por profissionais da área e pelas instâncias públicas a fim de explorar e utilizar os conhecimentos da Terapia Ocupacional na efetivação da inclusão escolar no Brasil.

“Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim”

(Mikhail Bakhtin)

ADABO, L.; TOLEDO, M.; ZULIAN, M.. Uma visão da Terapia Ocupacional na inclusão escolar de um paciente com seqüelas de traumatismo crânio-encefálico. **XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba**. São José dos Campos, 2007. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/INIC_07/trabalhos/saude/inic/INICG00752_01C.pdf>. Acesso em: 15/02/2009.

ALVES, D.; BARBOSA, K.. Experiências educacionais inclusivas: refletindo sobre o cotidiano escolar. In: ROTH, B. (ORG.). **Experiências educacionais inclusivas. Programa Educação Inclusiva: Direito à diversidade**. Brasília, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial, 2006. p.15-24.

APLING, R.; JONES, L.. Individuals with Disabilities Education Act (IDEA): Analysis of Changes Made by P.L. 108-446. **Congressional Research Service. The Library of Congress**. U.S.A. 2005. Disponível em: <<http://www.resna.org/taproject/library/idea/rl32716.pdf>>. Acesso em: 05/02/2008.

ASHTON, T.. Technology Assistive. **Journal of Special Education Technology**. v. 15, n. 1, 2000. Disponível em: <http://jset.unlv.edu/15.1/asseds/ashton.html>. Acesso em: 25/10/2006.

BARTALOTTI, C.. A concepção de educação especial de terapeutas ocupacionais e suas implicações na prática profissional. 1995. 164f. **Dissertação**. Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP. 1995.

BARTALOTTI, C.; DE CARLO, M.. A Terapia Ocupacional e os processos socioeducacionais. In: DE CARLO, M.; BARTALOTTI, C..(Orgs.). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001. p. 99-116.

BARTALOTTI, C.. A inclusão social da pessoa com deficiência e o papel da Terapia Ocupacional. **Rev. Cidadania e Justiça**, v. 7, n. 13, p. 169-177. 2004.

_____. Deficiência Mental. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Org.). **Terapia Ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 295-298.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W.. **Elementos de Amostragem**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. 290p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei Orgânica do Sistema Único de Saúde – SUS. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=169>. Acesso em: 25/01/2009.

_____, Ministério da Educação e da Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996**. Brasília, DF. 1996a. Disponível em: <<http://www.rebidia.org.br/direduc.html>>. Acesso em: 19/09/2006.

_____. **Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996**. Bioética. Brasília, DF. 1996b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>> Acesso em: 21/02/2008.

_____, Ministério da Educação e da Cultura. **Plano Nacional de Educação Decretado pelo Congresso Nacional**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 19/09/2006.

_____, Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil. Comitê Gestor da *Internet* no Brasil. **Cartilha para Segurança na Internet**. 2006a. Disponível em: <<http://cartilha.cert.br/>>. Acesso em: 19/08/2008.

_____, Ministério da Educação e da Cultura. **Censo Escolar 2006 – INEP/SEESP**. 2006b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/index>>. Acesso em: 20/02/2009.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD): Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. IBGE. Rio de Janeiro, 2007a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>>. Acesso em: 19/09/2008.

_____, Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2007b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 29/07/2008.

_____. **Medida Provisória nº 421 de 29 de Fevereiro de 2008**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <www.conlegis.planejamento.gov.br>. Acesso em: 10/09/2008.

_____. Ministério da Educação e da Cultura. **Censo Escolar 2008**. Brasília, DF, Secretaria de Educação Especial, 2009. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11965>. Acesso em: 02/02/2009.

CAMPOS, G.. Clínica e saúde coletiva compartilhadas: teoria Paidéia e reformulação ampliada do trabalho em saúde. In: CAMPOS, et al (Orgs.) **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Fiocruz, 2006. p. 53-92.

CASE-SMITH, J.; CABLE, J. Perceptions of occupational therapists regarding service delivery models in school-based practice. **The Occupational Therapy Journal of Research**, v. 16, n. 1, p. 23-44, 1996.

CASE-SMITH, J.; ROGERS, J.; JOHNSON, J.. School-based occupational therapy. In: CASE-SMITH, J. (Org.). **Occupational Therapy for Children**. Ohio, USA: 2001. p. 757-779.

CAVALCANTE, R.. A inclusão do aluno com necessidades especiais na sala de aula do ensino regular: o papel do professor. **Temas sobre Desenvolvimento**, v.9, n. 52, p.31-5, 2000.

CLARK, G.; MILLER, L.. Providing effective occupational therapy services: data-based decision making in school-based practice. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 50, n. 9, p. 701-708, 1996.

COPLEY, J.; ZIVIANI, J.. Barriers to the use of assistive technology for children with multiple disabilities. **Occupational Therapy International**. v.11, n. 4, p. 229-243, 2004.

COZBY, P. **Métodos de Pesquisa em Ciência do Comportamento**. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 2003. 454p.

CREFITO 3. **Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Terceira Região**. Web.GOV. 2008a. Disponível em: <<http://www.crefito.com.br/>>. Acesso em: 10/03/2008.

_____. **Análise dos Dados Obtidos no I Censo dos Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais do Estado de São Paulo**. São Paulo, SP. 2008b. Disponível em: <<http://www.crefito.com.br/>>. Acesso em: 10/07/2008.

CRUZ, D.; DIMOV, T.. Uma discussão com docentes acerca das contribuições da Terapia Ocupacional na educação especial. **Temas sobre desenvolvimento**. v.14, n. 80-81, p.40-46, 2005.

DE MOURA, M.; FERREIRA, M.. Elaboração de projetos de pesquisa (Parte 1). **Projetos de Pesquisa**: elaboração, redação e apresentação. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. p. 17-79.

DE VITTA, F.. O trabalho do terapeuta ocupacional com crianças com retardo no desenvolvimento neuropsicomotor no Estado de São Paulo. 1997. 105f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, S.P. 1997.

DUTRA, F. et al.. Atuação da fisioterapia e da Terapia Ocupacional na escola. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. (Orgs.). **Escola Inclusiva**, São Carlos, S.P.: EdUFScar, 2002. p. 179-186.

FERREIRA, W. Inclusão x exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente. In: RODRIGUES, D.(Org.). **Inclusão e Educação**: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus, 2006. p. 211-238.

FONSECA, V.. Tendências futuras da educação inclusiva. In: STOBAUS, C.; MOSQUERA, J. (Org.). **Educação Especial**: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 41-63.

FURTADO, E.A. Conversando sobre identidade profissional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.10, n.2/3, mai./dez., p.46-8, 1999.

GARCIA, C.. O Terapeuta Ocupacional na Escola Especial: como os profissionais caracterizam a prática. 1999. 98f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, S.P. 1999.

GHIRARDI, M.. Educação inclusiva, processos psicológicos e a Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.11, n.1, jan./abr., p. 13-6, 2000.

GOMES, C.. Necessidades educacionais especiais: concordância de professores quanto á inclusão escolar. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 14, n. 79, p. 23-31, 2005.

HANSON, M. et al. The culture of inclusion: Recognizing diversity at multiple levels. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 13, n. 1, p. 185-209., 1998.

IARSKAIA-SMIRNOVA, E.. Creating Future Together: Problems and Perspectives of

Inclusive Education in Russia. **International Policy Fellowships**. Rússia, 2002. Disponível em: <<http://pdc.ceu.hu/archive/00001758/01/iarskaia-smirnova.pdf>>. Acesso em: 214/02/2008.

JURDI, A.; BRUNELLO, M.; HONDA, M.. Terapia Ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.15, n.1, jan./abr., p.26-32, 2004.

JURDI, A.; AMIRALAN, M.. A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar. **Estudos de Psicologia**. v.23, n. 2, abr./jun., p. 191-202, 2006.

KEMMIS, B.; DUNN, W. Collaborative consultation: the efficacy of remedial and compensatory interventions in school contexts. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 50, n. 9, p. 709-717, 1996.

KAMPWIRTH, T.. **Collaborative Consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems**. New Jersey: Merryl Prentice Hall, 2003. 384p..

KLIEWER, C.; FITZGERALD, L.. International Education. **Teachers College Record**, v. 106, n. 12, p. 2301-2311, 2004.

LEWIN, M.. **Understanding Psychological Research**. Florida: Krieger Publishing Company Malabar, 1987. 452p..

MAGALHÃES, A.; STOER, S.. Inclusão social e a “escola reclamada”. In: RODRIGUES, D.(Org.). **Inclusão e Educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 65-84.

MANZINI, E.. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D; BAPTISTA, C.; VICTOR, S.. (Orgs.) **Pesquisa e Educação Especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006. p. 361-386.

MARTINS, L.. Formação de professores numa perspectiva inclusiva. In: MANZINI, E.J. (Org). **Inclusão e Acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006. p. 17-27.

MAZZOTTA, M.. **Educação Escolar: comum ou especial?** São Paulo: Pioneira, 1987. 124p..

MEDEIROS, M. **Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social**. São Carlos, S.P.: EdUFSCAR, 2003. 176p..

MENDES, E.. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M.; MARINS, S. (Orgs.). **Escola Inclusiva**, São Carlos, S.P.: EdUFScar, 2002. p. 61-85.

MINAYO, M.. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10° ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 407p..

MU, K.; ROYEEN, C.. Interprofessional vs. interdisciplinary services in school-based occupational therapy practice. **Occupational Therapy International**, v. 11, n. 4, p. 244-247, 2004.

MU, K.; FRANCK, L.; KONZ, C. Attitudes of entry level occupational therapy doctoral students towards inclusion for students with disabilities. **Australian Occupational Therapy Journal**. Disponível em: Online Early, <doi: 10.1111/j.1440-1630.2006.00590.x.2006>. Acesso em: 05/10/2006.

NIEHUES, A. et al. Making a difference: occupational therapy in the public schools. **The Occupational Therapy Journal of Research**. v.11, n.4, jul./ago., p. 195-212, 1991.

OMOTE, S.. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, Set.-Dez., v.10, n.3, p.287-308, 2004.

OMS. **International Conference on Primary Health Care**. Washington: Unicef/WHO, 1978. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/icd/hq/ICPHC/ICPHC_ALA_78.10.pdf>. Acesso em: 02/02/2009.

ORR, C.; SCHKADE, J. The impact of the classroom environment on defining function in school-based practice. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.51, n.1, p.64-69,1997.

PARETTE,P.; VANBIERVLIET, A.; HOURCADE, J.. Family –centered decision making in assistive technology. **Journal of Special Education Technology**. v. 15, n. 1., 2000. Disponível em: < <http://jset.unlv.edu/15.1/parette/first.html>>. Acesso em: 17/10/2008.

PAULON, S.; FREITAS, L. PINTO, G.. **Documento Subsidiário à Política de Inclusão**. Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial. 2005. 48p.

PELOSI, M.. O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva. **Cad. de Ter. Ocup. da Ufscar**, São Carlos, v.13, n. 1, p. 39-45, 2005.

_____. Por uma escola que ensine e não apenas escolha recursos e estratégias para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. (Org). **Inclusão e Acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006. p. 121-132.

_____. Comunicação Alternativa e Suplementar. CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Org.). **Terapia Ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p.462-468.

PETRECHEN, E.. Inclusão escolar e a atuação de professores de deficientes mentais no Estado de São Paulo. 2006. 154 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, S.P. 2006.

PIRES, J.. Por uma ética da inclusão. In: MARTINS et al.(Orgs.). **Inclusão: Compartilhando Saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. cap.1.

PRIGG, A.. Experiences and perceived roles of occupational therapists working with children with special learning needs during transition to school: A pilot study. **Australian Occupational Therapy Journal**. v. 49, p.100–111, 2002.

QUARENTEI, M.. Terapia Ocupacional e a produção de vida. **Conferência de Encerramento do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional**. Digitado. Porto Alegre, RS, 2001. 13 p..

RICHARDSON, R.. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Atlas, 2007. 334 p. Reimpressão.

ROCHA, E.; CASTIGLIONI, M.; VIEIRA, R.. A inclusão da criança com deficiência na escola comum: reflexões sobre o papel da Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v.12, n 1/3, jan/dez., p. 8-14, 2001.

ROCHA, E.; LUIZ, A.; ZULIAN, M.. Reflexões sobre as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional nos processos de inclusão escolar. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v.14, n.2, maio/ago, p. 72-8, 2003.

RODRIGUES, D.. Dez idéias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In: RODRIGUES, D.(Org.). **Inclusão e Educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 299-318.

RORIZ, T.. Inclusão/exclusão social e escolar de crianças com paralisia cerebral sob a óptica dos profissionais de saúde. 143f. **Dissertação** (Mestrado em Saúde Mental). Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, S.P.. 2005.

RORIZ, T.; AMORIM, K; FERREIRA, M.. Inclusão social/escolar de pessoas com necessidades especiais: múltiplas perspectivas e controversas práticas discursivas. **Psicol. USP**, v.16, n.3, set., p. 167-194, 2005.

ROURK, J.. Roles for school-based occupational therapists: past, presente, future. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.50, n.9, p.698-700, 1996.

SAWAIA, B.. O sofrimento ético-político como categoria de análise de exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 97-119.

SASSAKI, R.. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4. ed.. Rio de Janeiro: WVA, 2002. 176p.

_____. Inclusão: autonomia, independência e empoderamento. **Rev. Nac. de Reab. Reação**, v. 11, n. 61, mar-abr, p. 10-16, 2008.

SELTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S.. **Métodos de Pesquisa em Relações Sociais**. Medidas na Psicologia Social. São Paulo: EPU, 1987. 2.v.. 240p..

SHEEHAN, K.. E-mail Survey Response Rates: A Review. **Journal of Computer-Mediated Communication**. v.6, n.2, p. 1-17. 2001. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol6/issue2/index.html>>. Acesso em:15/04/2008.

SKLIAR, C.. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. In: DAVID RODRIGUES (Org.). São Paulo: Summus, 2006. p. 15-34.

SOARES, L.. **Terapia Ocupacional: Lógica do capital ou do trabalho?** Retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980. São Paulo: Hucitec, 1991. 217p.

STORCH, B.; ESKOW, K. Theory application by school based occupational therapists. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.50, n.8, p.662-668, 1995.

SURVEY MONKEY.COM. **Survey Monkey**: Powerfull tool for creating web surveys. 2008. Disponível em: <http://www.surveymonkey.com/Home_CompanyInfo.aspx>. Acesso em: 10/03/2008.

SWINTH, Y.; SPENCER, K.; JACKSON, L.. **Occupational therapy: Effective school-based practices within a policy context. (COPSSE Document Number OP-3)**. Gainesville, Florida: University of Florida, Center on Personnel Studies in Special Education. 2007. 34p. Disponível em: http://www.coe.ufl.edu/copsse/docs/OT_CP_081307/1/OT_CP_081307.pdf> Acesso em: 29/07/2008.

TOYODA, C. et al. O contexto multidisciplinar da prática da Terapia Ocupacional frente ao paradigma da inclusão escolar. **Cad. de Ter. Ocup. da Ufscar**, São Carlos, v.15, n. 2, julho, p. 121-130, 2007.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educacionais Especiais. Espanha. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 10/10/2006.

_____. **International Bureau of Education**. Paris, 2001. Disponível em: <<http://www.unesco.org/education/educprog/sne>> . Acesso em: 15/09/2008.

_____. **Declaração Mundial sobre a Deficiência Intelectual**. OPS/OMS. Montreal, Canadá, 2004. Disponível em: <http://www.defnet.org.br/decl_montreal.htm>. Acesso em: 13/05/2009.

VAUGHAN-JONES, S.; PENMAN, M.. Establishing a place: Occupational therapy involvement within special education in New Zealand. **New Zealand Journal of Occupational Therapy**, v. 51, n. 2, p.11-16, 2004.

WHALEN, S. Effectiveness of Occupational Therapy in the School Environment. **CanChild Centre for Childhood Disability Research**, 2003. Disponível em: <<http://www.canchild.ca/Default.aspx?tabid=121>>. Acesso em: 14/03/2008.

WEINTRAUB, N.; KOVSHI, M. Changing practice patterns of school-based occupational therapists in Israel. **Occupational Therapy International**, v. 11, n. 1, p. 40-51, 2004.

YORK, J et al. Integrating support personnel in the inclusive classroom. In: STAINBACK; S.; STAINBACK, W. (Orgs.). **Curriculum Considerations in Inclusive Classrooms: facilitating learning for all students**. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 1992. p.101-16.

ZULIAN, M. et al. A Terapia Ocupacional em processos interdisciplinares da educação especial. In: Omote, S. (Org). **Inclusão: Intenção e realidade**. Marília: Fundepe, 2004. p. 201-211.

APÊNDICE A – Carta aos juízes para avaliação do questionário**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

São Carlos, 28 de novembro de 2007.

Informações Gerais,

Vimos através desta solicitar sua contribuição para avaliar o questionário a ser aplicado pela pesquisadora Paula Tatiana Cardoso em sua pesquisa intitulada “*Inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais*”.

Essa pesquisa pretende identificar as ações e realidade das práticas desenvolvidas pelo Terapeuta Ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais. Objetiva também identificar, sob a ótica dos terapeutas ocupacionais, outras estratégias, perspectivas e ações que considerem fazer parte de seu papel profissional e que poderiam ser realizadas considerando-se a ação de equipes multidisciplinares e o processo de inclusão escolar.

Os participantes serão terapeutas ocupacionais regularmente cadastrados no Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e que realizam práticas com crianças incluídas em escolas regulares e/ou diretamente nas escolas ou equipes de apoio à inclusão escolar.

Os dados serão analisados a partir do *Discurso do Sujeito Coletivo*: uma técnica da pesquisa qualitativa que visa construir, a partir das falas colhidas nas entrevistas, um discurso que represente determinado grupo social.

Todos os procedimentos de ética serão respeitados.

Espera-se que o instrumento (questionário) tenha perguntas claras, objetivas, pertinentes ao tema proposto e à população alvo e que possibilite o alcance dos objetivos do estudo.

Procedimento

- Você deverá preencher a área de identificação profissional com o intuito de caracterização dos avaliadores/juízes.

- Para facilitar sua análise, a cada item a ser avaliado receberá as opções: “concordo”, que deverá ser preenchido quando a pergunta estiver clara e pertinente ao entrevistado alvo e à proposta do estudo e “discordo”, quando esses critérios não forem atingidos. Neste caso, haverá uma área disponível para suas sugestões de mudança.

- Ao final de cada tópico há uma linha em branco onde você poderá acrescentar questões que julgar pertinentes e que não foram abordadas no questionário (*Sugestões adicionais*).

- Qualquer dúvida, coloque-me a disposição através do email: paulatcar@yahoo.com.br ou do telefone: xxx

Seguem abaixo a área de identificação profissional e o questionário, obrigada!

APÊNDICE B – Questionário final enviado por e-mail

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
Terapeuta Ocupacional Pesquisadora: Paula Tatiana Cardoso**

Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais

Questionário

1. Formulário de identificação geral:

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade:

() de 20 a 25 anos () de 36 a 45 anos
() de 26 a 35 anos () de 46 a 55 anos
() acima de 55 anos

Tempo de formação:

() de 0 a 2 anos () de 10 a 15 anos
() de 2 a 5 anos () de 15 a 20 anos
() de 5 a 10 anos () mais de 20 anos

Sobre pós-graduação, assinale se possuir:

() aprimoramento. Área: _____
() residência. Área: _____
() especialização. Área: _____
() mestrado. Área: _____
() doutorado. Área: _____
() pós-doutorado. Área: _____
() aperfeiçoamento profissional (cursos de até 150 horas). Área: _____

Se houver algum curso que você tenha feito na área de educação inclusiva e que julga relevante, por favor cite:

Atividade profissional atual:

a) local: _____
b) caracterização geral (atividades que são de sua responsabilidade, clientela, outros profissionais envolvidos): _____
c) tempo de atuação: _____

Experiência(s) profissional(ais) com crianças e adolescentes que estão ou estiveram em processo de inclusão escolar:

a) local: _____
b) caracterização geral (atividades que são de sua responsabilidade, clientela, outros profissionais envolvidos): _____
c) tempo de atuação: _____

 a) local: _____

b) caracterização
 geral: _____

c) tempo de atuação: _____

Outras: _____

Tempo total de Experiência em Inclusão Escolar:

() de 0 a 2 anos () de 2 a 5 anos () de 5 a 10 anos ou mais

Considerando as ações que você, como terapeuta ocupacional, realiza ou realizou nos últimos dois anos e estão vinculadas à inclusão escolar em escolas regulares de crianças com necessidades educacionais especiais, por favor, responda às questões abaixo.

2. Terapia Ocupacional e Inclusão Escolar

A. Atuação

1. De que forma sua atuação se relaciona com a inclusão escolar? (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

() a partir do atendimento em ambiente clínico (consultório, instituição) de crianças em processo de inclusão escolar

() a partir da atuação em escola especial

() contratação para atendimento especializado em terapia ocupacional em escola regular

() participação em equipe de apoio em escolas inclusivas regulares

() a partir da ocupação de cargo administrativo

() a partir da pesquisa na área da inclusão

() orientações esporádicas à escolas regulares

() outros: _____

2. Como os casos de crianças com necessidades educacionais especiais em processo de inclusão escolar chegam até você?(marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

() encaminhamento de escolas regulares para a clínica/instituição

() encaminhamento de escolas especiais para a clínica/instituição

() encaminhamento de outros técnicos/profissionais para a clínica/instituição

() através da escola regular para atuação na própria escola

() através da escola especial para atuação na própria escola

() queixas de pais de crianças atendidas na clínica/instituição

() outros: _____

3. Quais são as principais características da população atendida? (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- faixa etária: () 0 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 16 anos () acima de 16 anos

- necessidades especiais: () visuais

() auditivas

() físicas

() mentais

() múltiplas

() distúrbio de conduta

() superdotação ou altas habilidades () outras: _____

- **classe (econômica – renda familiar):** SM atual: R\$415,00

- até dois salários mínimo atual (SM) de quatro a seis SM atual
 de dois a quatro SM atual acima de seis SM

- **outras informações que considerar relevantes:** _____

4. Assinale todas atividades que você realiza em sua atuação como terapeuta ocupacional que estão relacionadas ao processo de inclusão escolar: (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- orientações gerais à escola regular
 orientações gerais ao professor na escola regular
 orientação à família em relação à escola e à inclusão
 orientações específicas sobre uso de tecnologia assistiva e/ou mobiliário
 atividades em ambiente clínico/instituição para o *desenvolvimento* de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar
 atividades na escola regular para o *desenvolvimento* de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar
 acolhimento individual e escuta aos alunos em processo de inclusão escolar na escola regular
 acolhimento e escuta da criança em processo de inclusão escolar na clínica/instituição
 treinamento de AVDs na clínica/instituição e orientação para essas atividades na escola regular
 treinamento de AVDs na escola regular
 coordenação de grupo de acolhimento, reflexão, discussão e orientação sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com professores ou outros membros da escola regular
 coordenação de grupo de acolhimento, reflexão e discussão sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com familiares e/ou comunidade
 intervenção na dinâmica de sala de aula regular
 intervenção na dinâmica de sala de aula em escola especial
 intervenção na dinâmica escolar em escola regular
 intervenção na dinâmica escolar em escola especial
 intervenção em sala de apoio na escola regular
 encaminhamento de alunos com necessidades educacionais especiais para atendimento clínico na rede pública ou particular

É muito importante você apontar atividades que realiza e que não estão elencadas acima. Se for o caso, por favor, complete o item a seguir.

Outras: _____

5. Assinale o(s) local(is) em que são realizadas as atividades descritas no item anterior: (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- clínica (consultório/instituição) local de recreação na escola regular (parque, pátio, quadra, etc)
 escola especial biblioteca
 classe de apoio em escola regular domicílio
 classe regular outros locais na comunidade
 outros: _____

6. Qual sua satisfação pessoal com seu trabalho de terapia ocupacional no processo de inclusão escolar?

- insatisfeito pouco satisfeito satisfeito muito satisfeito bastante satisfeito

Indique com uma palavra três razões associadas ao grau de sua satisfação:

- a) _____
 b) _____
 c) _____

7. Em sua prática profissional, você sente necessidade de atualização teórica no tema *terapia ocupacional no processo de inclusão escolar*?

- sim não

Se sim, onde você encontra material teórico para atualização? (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)?

- em publicações na área de Terapia Ocupacional
 em publicações em outras áreas
 em congressos, simpósios, seminários ou outros eventos da Terapia Ocupacional
 em congressos, simpósios, seminários ou outros eventos de outras áreas
 em *sites* na internet relacionados à Terapia Ocupacional
 em *sites* na internet relacionados à outras áreas
 outros: _____

8. Qual sua satisfação em relação à quantidade de material teórico encontrado no tema específico *terapia ocupacional no processo de inclusão escolar*?

- insatisfeito pouco satisfeito satisfeito muito satisfeito bastante satisfeito

B. Equipe

1. Há participação de outro(s) profissional(ais) em sua atuação no processo de inclusão escolar?

- sim não

Se sim, assinale as opções abaixo:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> professor da escola regular | <input type="checkbox"/> psicólogo |
| <input type="checkbox"/> fisioterapeuta | <input type="checkbox"/> assistente social |
| <input type="checkbox"/> fonoaudiólogo | <input type="checkbox"/> diretor da escola regular |
| <input type="checkbox"/> pedagogo | <input type="checkbox"/> outro. Especifique: _____ |

2. Há participação de familiares em sua atuação profissional?

- sim não

Se sua resposta foi sim para pelo menos uma das duas questões anteriores, por favor responda a questões a seguir, senão passe para a questão seguinte:

3. Com que propósitos acontecem seus encontros com os seguintes membros da equipe? (Marque um X na célula equivalente à sua resposta)

	Explicar sobre o trabalho da T.O.	Dar orientações	Avaliar casos e situações	Planejar o programa de intervenção	Desenvolver metas/objetivos do programa de intervenção	Relatar a evolução do programa de intervenção e/ou Discutir caso
Diretor da Escola						
Professor						
Psicólogo						
Fisioterapeuta						
Fonoaudiólogo						
Assistente Social						
Familiares						
Pedagogo						
Outros (especifique): _____						

4. Na sua opinião, no processo de inclusão escolar, como é valorizada a atuação da Terapia Ocupacional pela equipe técnica:

não é valorizada pouco valorizada valorizada bem valorizada bastante valorizada

5. Na sua opinião, no processo de inclusão escolar, como é valorizada a atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola:

não é valorizada pouco valorizada valorizada bem valorizada bastante valorizada

C. Obstáculos/Desafios

1. Selecione o(os) principal(ais) obstáculos e desafios encontrados na realização do seu trabalho como terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar (Por favor, marque todas as alternativas que forem verdadeiras para você)

- dificuldade da escola regular em receber orientação de terapeutas ocupacionais que atendem na clínica crianças incluídas
- limitações estruturais da escola regular para a atuação do terapeuta ocupacional na escola
- limitação de tempo para a atuação do terapeuta ocupacional na escola regular
- falta de cooperação do professor no trabalho da Terapia Ocupacional
- falta de cooperação dos familiares no trabalho da Terapia Ocupacional
- falta de recursos materiais (material para adaptação, dentre outros) na escola regular
- falta de preparação dos professores para receber alunos com necessidades especiais em suas salas de aula regulares
- falta de preparação da equipe da escola regular para o processo de inclusão escolar
- outros: _____
- _____
- _____

D. Perspectivas e Sugestões

1. Pensando no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais, como você avalia a atuação do terapeuta ocupacional nos seguintes contextos:

A questão a seguir é opcional! Agradeço imensamente sua disponibilidade em participar do estudo e peço que, antes de enviar, assinale o seu consentimento no termo presente na última página.

Por favor, apresente ou descreva uma situação em que você, em sua atuação profissional como terapeuta ocupacional, tenha avaliado sua intervenção como um sucesso, uma diferença realmente positiva nas possibilidades educacionais de uma criança.

Muito obrigada por sua colaboração!!!!

Lembrando que, os resultados da pesquisa poderão ser enviados aos participantes (após no mínimo seis meses do recebimento dos questionários) a partir de solicitação via email (paulatcar@gmail.com), bem como material teórico referente à inclusão escolar e à atuação do terapeuta ocupacional nesse processo.

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPANTES (TERAPEUTAS OCUPACIONAIS)

Nome da pesquisa: Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais

Pesquisadoras responsáveis:

Paula Tatiana Cardoso

Tel: xxx

Email: paulatcar@gmail.com

Thelma Simões Matsukura

Tel: xxx

e-mail: thelma@power.ufscar.br

Informações ao participante: Trata-se de um estudo com terapeutas ocupacionais envolvidas no processo de inclusão escolar. Os objetivos são identificar as ações e realidade das práticas desenvolvidas pela terapia ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais e identificar, sob a ótica dos terapeutas ocupacionais, outras estratégias, perspectivas e ações que considerem fazer parte de seu papel profissional e que poderiam ser realizadas considerando-se a ação de equipes multidisciplinares e o processo de inclusão escolar. Os dados serão obtidos através da aplicação de um único questionário que focaliza características da atuação profissional do terapeuta ocupacional considerando o processo de inclusão escolar. Este estudo é bastante importante, pois busca identificar, divulgar e potencializar o trabalho do terapeuta ocupacional através de estudo científico. Por meio desta pesquisa, as práticas da terapia ocupacional no processo de inclusão escolar podem ser mais sistematizadas e compreendidas, contribuindo assim para a construção do conhecimento na área e na fundamentação das ações desenvolvidas. Não se aplica a possibilidade de ressarcimento financeiro ou indenização aos participantes da pesquisa.

Caso seja necessária qualquer informação adicional, favor entrar em contato com a pesquisadora pelos seguintes telefones (se preciso fazendo a ligação a cobrar): xxx ou xxx; ou pelo email: paulatcar@gmail.com

Eu _____, RG _____, estou ciente da pesquisa que está sendo realizada com terapeutas ocupacionais envolvidas no processo de inclusão escolar. Estou de acordo com minha participação. Declaro estar ciente: a) do objetivo do projeto; b) da segurança de não ter minha identidade revelada no estudo ou em qualquer publicação referente ao mesmo; c) de ter liberdade de recusar a participar da pesquisa.

_____ (cidade), ____ de _____ de 2008.

APÊNDICE C – Pergunta enviada pelo Crefito-3 a todos aos terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo

Caro colega Terapeuta Ocupacional,

Sou Paula Cardoso, terapeuta ocupacional e mestranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, e estou realizando um estudo sobre a atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.

Neste primeiro momento, preciso saber quantos terapeutas ocupacionais no Estado de São Paulo **se relacionam ou se relacionaram nos dois últimos anos em suas práticas, de alguma forma, com o processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais** e sua colaboração é indispensável para o levantamento deste número com confiabilidade.

Assim, venho por meio desta carta, através do CREFITO-3, convidá-lo a participar de minha pesquisa. O estudo pretende divulgar e discutir o alcance e importância do trabalho da Terapia Ocupacional no cenário da inclusão escolar e você pode colaborar com este objetivo através de sua participação, tão essencial, respondendo a pergunta a seguir:

Você, em sua atuação como terapeuta ocupacional, está envolvido de alguma forma com o processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais?

Sim

Não

Por favor, colabore enviando um email para paulatcar@gmail.com apenas com a palavra *sim* ou a palavra *não*, correspondente à sua resposta à pergunta acima.

Desde já agradeço a atenção e colaboração.

Atenciosamente,

Paula Cardoso

Contato:

Paula Cardoso

Tel: xxx

APÊNDICE D – Informações sobre os envios dos e-mails realizados pelo Crefito-3

- **Primeiro disparo**

Foram selecionados pelo Crefito-3 no primeiro disparo 2.842 *e-mails* dos quais 2.028 foram enviados com sucesso e 814 tiveram problemas para serem enviados.

Segundo informações fornecidas pelo Conselho, para o envio dos *e-mails* foi utilizado um programa de computador - "O Carteiro" - versão 2.2., que importava os endereços eletrônicos válidos da lista do Crefito-3 (*mailing*), processava os *e-mails* e os enviava em várias tentativas - variação entre 10 e 12 tentativas. Durante os processos realizados pelo programa alguns *e-mails* eram descartados do envio por problemas de configuração e leitura.

Dentre 814 *e-mails* não enviados encontram-se os *e-mails* bloqueados pelo *anti-spam*. Chegaram até o endereço eletrônico do pesquisador 106 *e-mails* retornados pelo *anti-spam*, que puderam ser reenviados com sucesso. Sendo assim, foram enviadas, com sucesso, o total de 2.134 cartas eletrônicas no primeiro disparo;

- **Segundo disparo**

Para o segundo disparo foi solicitado ao Crefito-3 que retirasse os endereços eletrônicos de 291 nomes/endereços que já haviam respondido. No entanto, somente 188 endereços foram retirados do segundo disparo por problemas de formatação dos endereços - segundo foi esclarecido pelo responsável pelos envios no Crefito-3.

Assim, 2.654 *e-mails* foram selecionados no segundo disparo: 1.680 foram enviados com sucesso; 974 não puderam ser enviados com sucesso; 12 retornaram ao pesquisador como bloqueado pelo *anti-spam* e foram reenviados com sucesso. Assim, a partir do segundo disparo, 1.692 *e-mails* foram enviados;

- **Terceiro disparo**

O mesmo procedimento do segundo disparo foi realizado no terceiro, desta vez com a solicitação da retirada de 453 endereços que já haviam respondido à pergunta inicial da pesquisa, mas novamente um número inferior de endereços foi retirado com sucesso – 335 endereços. Foram selecionados 2.507 endereços eletrônicos para o terceiro disparo: 1.665 foram enviados com sucesso; 842 não tiveram sucesso no envio e 8 retornaram ao pesquisador como bloqueado pelo *anti-spam* e puderam ser reenviados. Assim, 1.673 *e-mails* foram enviados no terceiro disparo, como demonstra o Quadro 4:

	Disparo 1	Disparo 2	Disparo 3
Endereços selecionados	2.842	2.654	2.507
<i>E-mails</i> enviados com sucesso	2.028	1.680	1.665
<i>E-mails</i> não enviados	814	974	842
<i>E-mails</i> bloqueados pelo <i>anti-spam</i> e reenviados	106	12	8
Total de <i>e-mails</i> enviados com sucesso	2.134	1.692	1.673

Fonte: Crefito-3 em 17/06, 08/07 e 31/07 de 2008.

Quadro 4: **Resultados numéricos dos disparos realizados pelo Crefito-3**

Relatório de envio dos e-mail pelo Crefito-3 – Programa utilizado: “O Carteiro” - versão 2.2.

TABELA 1: Primeiro envio realizado pelo Crefito-3

DISPARO	Horário Inicial	Horário Final	Tempo de envio	E-mails a enviar	E-mails processados	E-mails enviados	erros	tempo de envio excedido
1	15:58:04	16:12:38	00:14:34	2842	2799	1305	1408	86
2	16:12:38	16:21:32	00:08:54		1497	392	1060	45
3	19:05:04	19:15:09	00:10:05	1111	1040	136	874	30
4	19:15:09	19:22:47	00:07:38		923	53	838	32
5	19:22:47	19:32:04	00:09:17		864	4	815	45
6	19:32:04	19:38:32	00:06:28		877	5	846	26
7	19:38:32	19:45:02	00:06:30		881	9	847	25
8	19:45:02	19:52:11	00:07:09		870	7	839	24
9	19:52:11	19:56:41	00:04:30		876	11	847	18
10	19:56:41	20:02:37	00:05:56		859	4	820	35
11	20:02:37	20:07:18	00:04:41		861	6	839	16
12	20:07:18	20:13:17	00:05:59		848	96	731	21

TABELA 2: Segundo envio realizado pelo Crefito-3

DISPARO	Horário de início	Horário do fim	tempo de envio	E-mails a enviar	E-mails processados	E-mails enviados	erros	tempo de envio excedido
1	16:00:00	16:15:08	00:15:08	2654	2599	1133	1359	107
2	16:15:08	16:27:33	00:12:25		1452	316	1058	78
3	16:27:33	16:37:24	00:09:51		1161	52	1042	67
4	16:37:24	16:45:45	00:08:21		1109	30	1026	53
5	16:45:45	16:54:41	00:08:56		1068	8	1007	53
6	16:54:41	17:02:09	00:07:28		1075	15	1006	54
7	17:02:09	17:08:58	00:06:49		1066	95	933	38
8	17:08:58	17:16:49	00:07:51		958	14	910	34
9	17:16:49	17:23:59	00:07:10		945	11	906	28
10	17:23:59	17:33:21	00:09:22		936	6	869	61

TABELA 3: Terceiro envio realizado pelo Crefito-3

DISPARO	Horário de início	Horário do fim	tempo de envio	E-mails a enviar	E-mails processados	E-mails enviados	erros	tempo de envio excedido
1	10:47:31	11:05:15	00:17:44	2507	2416	1067	1260	89
2	11:05:15	11:15:21	00:10:06		1391	387	942	62
3	11:15:21	11:25:31	00:10:10		981	26	917	38
4	11:25:31	11:29:18	00:03:47		164	0	145	19
5	11:29:18	11:36:14	00:06:56		987	9	943	35
6	11:36:14	11:45:48	00:09:34		956	7	915	34
7	11:45:48	11:54:48	00:09:00		957	86	833	38
8	11:54:48	12:04:36	00:09:48		868	31	797	40
9	12:04:36	12:12:44	00:08:08		852	31	798	23
10	12:12:44	12:19:25	00:06:41		825	21	783	21

APÊNDICE E – Carta enviada por e-mail junto ao questionário

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial**

São Carlos, ___ de _____ de 2008.

Prezado(a) colega Terapeuta Ocupacional,

Como já apresentado anteriormente, sou Paula Cardoso e estou pesquisando a atuação dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar. Pretendo através deste estudo identificar e tornar conhecida a prática do terapeuta ocupacional neste contexto, a fim de demonstrar a importância do nosso trabalho e nossas dificuldades na área.

A primeira etapa da coleta de dados já foi realizada quando foi solicitado em email anterior, enviado pelo Creftio 3, responder sim ou não para indicar se você atua com crianças em processo de inclusão escolar. Recebi seu email com a resposta *SIM*. Venho agora agradecer sua participação tão importante até aqui e pedir a continuação da mesma, imprescindível para a concretização do estudo, através do preenchimento de um questionário em que sua atuação poderá ser melhor apresentada. O questionário segue em anexo e também está disponibilizado em um *site* na internet.

É muito importante para nós que você tente responder o questionário!!!

Assumo aqui o compromisso de: a) aos participantes que responderem ao questionário retornar os principais resultados obtidos neste estudo através de seu endereço eletrônico, mediante solicitação e, b) aos interessados, enviar referências bibliográficas referentes ao tema *terapia ocupacional na inclusão escolar*, mediante solicitação.

Se você deseja participar desta fase da pesquisa, por favor, responda e envie o questionário preenchido. Informo que o tempo aproximado para o preenchimento é de 30 minutos. As opções de envio do questionário respondido são:

- Responder o questionário enviado neste email, **em anexo**, e enviá-lo para o endereço deste email (paulatcar@gmail.com)
- Acessar o *site* a seguir, responder o questionário lá disponibilizado e enviá-lo pelo próprio *site*: http://www.surveymonkey.com/s.aspx?sm=zpJDlkxTkK7nNUse6vQWãQ_3d_3d, (**basta clicar em cima do endereço que irá diretamente para o questionário**)
- Solicitar via email (paulatcar@gmail.com) o envio do questionário por correio postal (neste caso é preciso informar seu endereço).

É importante lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e você, terapeuta ocupacional, tem total liberdade em se recusar a participar. Os dados serão analisados em conjunto e não haverá identificação dos participantes, que não terão qualquer tipo de riscos ou gastos financeiros.

Por favor, cada um deve escolher uma forma de envio e responder ao questionário apenas uma vez. Para que seja possível a análise dos dados coletados dentro do prazo estabelecido, peço especial atenção aos participantes para que retornem o questionário preenchido até dia ___ de _____ de 2008.

Agradeço a atenção e me coloco a disposição para maiores informações.
Atenciosamente,

Paula Tatiana Cardoso

Qualquer dúvida, não deixe de entrar em contato: Tel: xxx / Email: paulatcar@gmail.com

APÊNDICE F – Questionário disponibilizado na internet

A Ação de Terapeutas Ocupacionais na Inclusão Escolar

Exit this survey

1. Apresentação

Prezado(a) colega Terapeuta Ocupacional,

Sou Terapeuta Ocupacional e estou desenvolvendo um projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de São Carlos. Minha pesquisa, "Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais", pretende colaborar com o campo da terapia ocupacional através da identificação das ações e realidade das práticas desenvolvidas, no processo de inclusão escolar, por terapeutas ocupacionais no Estado de São Paulo.

Venho pedir a colaboração, imprescindível para a realização do estudo, de todos os terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo que em sua atuação profissional se relacionam de alguma forma com o processo de inclusão escolar. A participação na pesquisa acontece a partir do preenchimento e envio do questionário que segue abaixo.

O questionário deve ser respondido e enviado apenas por terapeutas ocupacionais que realizam ou realizaram nos últimos dois anos práticas que se relacionam de alguma forma com o processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais (de forma direta – ex: atuação em escola inclusiva, ou indireta – ex: atendimento clínico de criança em processo de inclusão escolar, orientação à escola da criança, etc). Para enviar basta, depois de responder ao termo de consentimento, responder as questões aqui no próprio site e clicar na palavra "Enviar" que aparece no final do questionário.

Assumo aqui o compromisso de:

- a) aos participantes que responderem ao questionário, retornar os principais resultados obtidos neste estudo através de seu endereço eletrônico, mediante solicitação dos mesmos, via email (paulatcar@gmail.com).
- b) aos interessados, enviar referências bibliográficas referentes ao tema terapia ocupacional na inclusão escolar, mediante solicitação dos mesmos, via email (paulatcar@gmail.com)

É importante lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e você, terapeuta ocupacional, tem total liberdade em se recusar a participar. Os dados serão analisados em conjunto e não haverá identificação dos participantes, que não terão qualquer tipo de riscos ou gastos financeiros.

Por favor, cada profissional deve responder ao questionário apenas uma vez. Para que seja possível a análise dos dados coletados dentro do prazo estabelecido, peço especial atenção aos participantes para que retornem o questionário preenchido até dia 15 de julho de 2008.

Agradeço a atenção e me coloco a disposição para maiores informações.

Atenciosamente,
Paula Tatiana Cardoso

Qualquer dúvida, não deixe de entrar em contato:
Paula Tatiana Cardoso
Tel: 16 81422142 /16 33069769
Email: paulatcar@gmail.com

1. Antes de iniciar o preenchimento do questionário gostaríamos de saber como você chegou até este site, por favor assinale a alternativa que se refere ao seu caso:

- Cheguei até o site através de uma carta recebida em minha casa com o link para a participação na pesquisa
- Cheguei até o site através de um email com o link para a participação na pesquisa
- Outros

Próxima

2. Termo de Consentimento

***1. Estou ciente da pesquisa que está sendo realizada com terapeutas ocupacionais envolvidas no processo de inclusão escolar. Estou de acordo com minha participação. Declaro estar ciente: a) do objetivo do projeto; b) da segurança de não ter minha identidade revelada no estudo ou em qualquer publicação referente ao mesmo; c) de ter liberdade de recusar a participar da pesquisa. De acordo com o texto acima concordo em participar desta pesquisa (o seu consentimento é essencial para o preenchimento do questionário):**

Sim

Não

Anterior

Próxima

3. Formulário de identificação geral

1. Nome: (esta questão é opcional, caso não queira se identificar passe para a próxima, obrigada!)

2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. Idade:

4. Tempo de formação:

5. Sobre pós-graduação, assinale se possuir:

aprimoramento

residência

especialização

mestrado

doutorado

pós-doutorado

aperfeiçoamento profissional (cursos de até 150 horas)

Se você assinalou uma ou mais pós-graduação por favor especifique abaixo a área de cada uma:

6. Se houver algum curso que você tenha feito na área de educação inclusiva e que julga relevante, por favor cite:

7. Atividade profissional atual:

- Local:

- Caracterização geral (atividades que são de sua responsabilidade, clientela, outros profissionais)

envolvidos):

- Tempo de atuação:

8. Experiência(s) profissional(ais) com crianças e adolescentes que estão ou estiveram em processo de inclusão escolar:

A) - Local:

- Caracterização geral (atividades que são de sua responsabilidade, clientela, outros profissionais envolvidos):

- Tempo de atuação:

B) - Local:

- Caracterização geral (atividades que são de sua responsabilidade, clientela, outros profissionais envolvidos):

- Tempo de atuação:

C) - outras:

9. Tempo total de Experiência em Inclusão Escolar:

Considerando as ações que você, como terapeuta ocupacional, realiza ou realizou nos últimos dois anos e estão vinculadas à inclusão escolar em escolas regulares de crianças com necessidades educacionais especiais, por favor, responda às questões seguintes.

[Anterior](#)

[Próxima](#)

4. Questionário - Atuação

1. De que forma sua atuação se relaciona com o processo de inclusão escolar? (marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- a partir do atendimento em ambiente clínico (consultório, instituição) de crianças em processo de inclusão escolar
- a partir da atuação em escola especial
- contratação para atendimento especializado em terapia ocupacional em escola regular
- participação em equipe de apoio em escolas inclusivas regulares
- a partir da ocupação de cargo administrativo
- a partir da pesquisa na área da inclusão
- orientações esporádicas à escolas regulares
- outros (por favor especifique)

2. Como os casos de crianças com necessidades especiais em processo de inclusão escolar chegam até você?(marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> encaminhamento de escolas regulares para a clínica/instituição | <input type="checkbox"/> através da escola regular para atuação na própria escola |
| <input type="checkbox"/> encaminhamento de escolas especiais para a clínica/instituição | <input type="checkbox"/> através da escola especial para atuação na própria escola |
| <input type="checkbox"/> encaminhamento de outros técnicos/profissionais para a clínica/instituição | <input type="checkbox"/> queixas de pais de crianças atendidas na clínica/instituição |
| <input type="checkbox"/> outros (por favor especifique) | |

3. Sobre as principais características da população atendida, marque todas as opções que forem verdadeiras para você.

A) Faixa Etária:

- 0 a 5 anos 6 a 10 anos 11 a 16 anos acima de 16 anos

4. Sobre as principais características da população atendida, marque todas as opções que forem verdadeiras para você.

B) Necessidades Especiais

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> visuais | <input type="checkbox"/> mentais | <input type="checkbox"/> superdotação ou altas habilidades |
| <input type="checkbox"/> auditivas | <input type="checkbox"/> múltiplas | |
| <input type="checkbox"/> físicas | <input type="checkbox"/> distúrbio de conduta | |
| <input type="checkbox"/> outras (por favor especifique) | | |

5. Sobre as principais características da população atendida, marque todas as opções que forem verdadeiras para você.

C) Classe Econômica (renda familiar - SM atual: R\$415,00):

- até dois salários mínimo atual (SM) de quatro a seis SM atual
- de dois a quatro SM atual acima de seis SM atual

Sobre as principais características da população atendidas, se você julgar que existem outras informações relevantes que não foram abordadas nas questões acima, por favor cite-as aqui:

6. Assinale todas atividades que você realiza em sua atuação como terapeuta ocupacional que estão relacionadas ao processo de inclusão escolar:(marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- orientações gerais à escola regular
- orientações gerais ao professor na escola regular
- orientação à família em relação à escola e à inclusão
- orientações específicas sobre uso de tecnologia assistiva e/ou mobiliário
- atividades em ambiente clínico/instituição para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar em ambiente clínico/instituição
- atividades na escola regular para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-motoras da criança em processo de inclusão escolar
- acolhimento individual e escuta aos alunos em processo de inclusão escolar na escola regular
- acolhimento e escuta da criança em processo de inclusão escolar na clínica/instituição
- treinamento de AVDs na clínica/instituição e orientação para essas atividades na escola regular
- treinamento de AVDs na escola regular
- coordenação de grupo de acolhimento, reflexão, discussão e orientação sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com professores ou outros membros da escola regular
- coordenação de grupo de acolhimento, reflexão e discussão sobre questões referentes ao processo de inclusão escolar com familiares e/ou comunidade
- intervenção na dinâmica de sala de aula regular
- intervenção na dinâmica de sala de aula em escola especial
- intervenção na dinâmica escolar em escola regular
- intervenção na dinâmica escolar em escola especial
- intervenção em sala de apoio na escola regular
- encaminhamento de alunos com necessidades educacionais especiais para atendimento clínico na rede

pública ou particular

outras. É muito importante que sejam apontadas atividades que você realiza e que não estão elencadas nas opções acima. Se for o caso, por favor, cite essas atividades:

7. Assinale o(s) local(is) em que são realizadas as atividades descritas no item anterior:(marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> clínica (consultório/instituição) | <input type="checkbox"/> classe de apoio em escola regular |
| <input type="checkbox"/> local de recreação na escola regular (parque, pátio, quadra, etc) | <input type="checkbox"/> domicílio |
| <input type="checkbox"/> escola especial | <input type="checkbox"/> classe regular |
| <input type="checkbox"/> biblioteca | <input type="checkbox"/> outros locais na comunidade |
| <input type="checkbox"/> outros (por favor especifique) | |

8. Qual sua satisfação pessoal com seu trabalho de terapia ocupacional no processo de inclusão escolar?

9. Indique, com apenas uma palavra, três razões associadas ao grau de sua satisfação respondida na questão anterior:

Razão 1

Razão 2

Razão 3

10. Em sua prática profissional, você sente necessidade de atualização teórica no tema terapia ocupacional no processo de inclusão escolar?

sim não

11. Se você respondeu sim na questão anterior, onde você encontra material teórico para atualização?(marque todas as opções que forem verdadeiras para você)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> em publicações na área de Terapia Ocupacional | <input type="checkbox"/> em congressos, simpósios, seminários ou outros eventos de outras áreas |
| <input type="checkbox"/> em publicações em outras áreas | <input type="checkbox"/> em sites na internet relacionados à Terapia Ocupacional |
| <input type="checkbox"/> em congressos, simpósios, seminários ou outros eventos da Terapia Ocupacional | <input type="checkbox"/> em sites na internet relacionados à outras áreas |
| <input type="checkbox"/> outros (por favor especifique) | |

12. Qual sua satisfação em relação à quantidade de material teórico encontrado no tema específico terapia ocupacional no processo de inclusão escolar?

[Anterior](#)[Próxima](#)

5. Equipe

1. Há participação de outro(s) profissional(ais) em sua atuação no processo de inclusão escolar?

sim

não

2. Se você respondeu sim na questão anterior, por favor assinale nas opções abaixo os profissionais que trabalham com você no processo de inclusão escolar, se respondeu não passe para a próxima questão:

professor

assistente social

pedagogo

psicólogo

fonoaudiólogo

fisioterapeuta

diretor da escola

outro (por favor especifique)

3. Há participação de familiares em sua atuação profissional?

sim

não

4. Se sua resposta foi sim para pelo menos uma das duas questões anteriores (questão 1 e 3), por favor responda essa questão, senão passe para a seguinte.

Com que propósitos acontecem seus encontros com os seguintes membros da equipe? (Marque um X na célula equivalente à sua resposta)

	Explicar sobre o trabalho da T.O.	Dar orientações	Avaliar casos e situações	Planejar o programa de intervenção	Desenvolver metas/objetivos do programa de intervenção	Relatar a evolução do programa de intervenção e/ou discutir caso
Diretor da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Psicólogo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fisioterapeuta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fonoaudiólogo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assistente Social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pedagogo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

outros (por favor especifique)

5. Na sua opinião, no processo de inclusão escolar, como é valorizada a atuação da Terapia

Ocupacional pela equipe técnica:

6. Na sua opinião, no processo de inclusão escolar, como é valorizada a atuação da Terapia Ocupacional pelos membros da escola:

Anterior

Próxima

6. Obstáculos/Desafios

1. Selecione o(os) principal(ais) obstáculos e desafios encontrados na realização do seu trabalho como terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar (Por favor, marque todas as alternativas que forem verdadeiras para você)

- dificuldade da escola regular em receber orientação de terapeutas ocupacionais que atendem na clínica crianças incluídas
- limitações estruturais da escola regular para a atuação do terapeuta ocupacional na escola
- limitação de tempo para a atuação do terapeuta ocupacional na escola regular
- falta de cooperação do professor no trabalho da Terapia Ocupacional
- falta de cooperação dos familiares no trabalho da Terapia Ocupacional
- falta de recursos materiais (material para adaptação, dentre outros) na escola regular
- falta de preparação dos professores para receber alunos com necessidades especiais em suas salas de aula regulares
- falta de preparação da equipe da escola regular para o processo de inclusão escolar
- outros (por favor especifique)

[Anterior](#)[Próxima](#)

7. Perspectivas e Sugestões

1. Pensando no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais, como você avalia a atuação do terapeuta ocupacional nos seguintes contextos:

Avaliação (escolha uma opção)

Na clínica/instituição

Na escola

Na família

Na comunidade

2. Na sua opinião, existem atividades que podem ser realizadas pelo terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar que ainda não ocorrem ou ocorrem raramente?

sim

não

Se sim, por favor, cite-as:

3. Em sua opinião, que ações e implementações poderiam ser realizadas para a melhor efetivação do processo de inclusão escolar no Brasil nos seguintes aspectos:

Políticas públicas:

Cotidiano escolar:

Estudos, pesquisas:

Formação do terapeuta ocupacional:

Outros:

Anterior

Próxima

8. Questão Opcional

A questão a seguir é opcional.

1. Por favor, apresente ou descreva uma situação em que você, em sua atuação profissional como terapeuta ocupacional, tenha avaliado sua intervenção como um sucesso, uma diferença realmente positiva nas possibilidades educacionais de uma criança.

[Anterior](#)[Próxima](#)

9. Agradecimento

Agradeço imensamente sua disponibilidade em participar do estudo lembrando que, os resultados da pesquisa poderão ser enviados aos participantes (após no mínimo seis meses do recebimento dos questionários) a partir de solicitação via email (paulatcar@gmail.com), bem como material teórico referente à inclusão escolar e à atuação do terapeuta ocupacional nesse processo.

Muito Obrigada!!!

[Anterior](#)[Enviar](#)

APÊNDICE G – Página da pesquisa na internet restrita ao pesquisador

SurveyMonkey - My Surveys

Página 1 de 1



SurveyMonkey.com
because knowledge is everything

Logged in as "paulatcar" [Log Off](#)

[Home](#)
[Create Survey](#)
[My Surveys](#)
[Address Book](#)
[My Account](#)
[Help Center](#)

Current Folder: [-- View All Surveys --](#) [Manage Folders](#)
Title Search: [Search](#)

Survey Title [sort]	Created [sort]	Modified [sort]	Design	Collect	Analyze [sort]	Clear	Delete
A Ação de Terapeutas Ocupacionais na Inclusão Escolar	Tue, 6/3/08 10:55 AM	4 minutes ago			123		
Pesquisa Teste	Sun, 6/1/08 6:26 PM	78 days ago			2		

[We're Hiring!](#)
[Spam Policy](#)
[Terms of Use](#)
[Privacy Statement](#)
[Opt Out/Opt In](#)
[Contact Us](#)

Copyright ©1999-2008 SurveyMonkey.com. All Rights Reserved. No portion of this site may be copied without the express written consent of SurveyMonkey.com. 37

APÊNDICE H – Carta enviada por correio postal

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial**

São Carlos, ____ de _____ de 2008.

Prezado(a) colega Terapeuta Ocupacional,

Sou Terapeuta Ocupacional e estou desenvolvendo um projeto de mestrado intitulado **“Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais”** que pretende colaborar com o campo da terapia ocupacional através da identificação das ações e realidade das práticas desenvolvidas por terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar.

Venho, através do Crefito-3, convidar todos os **terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo envolvidos com o processo de inclusão escolar de alguma forma** (de forma direta – ex: atuação em escola inclusiva, ou indireta – ex: atendimento clínico de criança em processo de inclusão escolar, orientação à escola da criança, etc) a participar da minha pesquisa.

Caso este seja o seu caso, é muito importante que você participe, pois sua colaboração é indispensável para o levantamento dos dados com confiabilidade.

O estudo pretende divulgar e discutir o alcance e importância do trabalho da Terapia Ocupacional no cenário da inclusão escolar e os profissionais envolvidos podem colaborar respondendo a um questionário.

Estamos enviando os questionários por cartas eletrônicas (*e-mails*) para os terapeutas ocupacionais associados ao Crefito-3. No entanto, não foi possível enviar para você desta forma (*e-mail* inválido). Por isso venho, através desta carta, pedir que tente participar de nosso estudo solicitando o questionário.

Assumo aqui o compromisso de: a) aos participantes que responderem ao questionário retornar os principais resultados obtidos neste estudo através de seu endereço eletrônico e, b) aos interessados, enviar referências bibliográficas referentes ao tema *terapia ocupacional na inclusão escolar*, mediante solicitação dos mesmos.

O questionário pode ser solicitado das seguintes formas:

- Através de solicitação via *e-mail* (paulatcar@gmail.com) ou telefone xxx – **a ligação pode ser feita a cobrar**) para que seja enviado o questionário via *e-mail* ou via correio postal (no caso de solicitação via correio postal é preciso informar o endereço ao pesquisador);

- Através do acesso ao *site*:

http://www.surveymonkey.com/s.aspx?sm=zpJDlkxTkK7nNUse6vQWaQ_3d_3d

Neste caso basta responder o questionário lá disponibilizado e enviá-lo pelo próprio *site*. Para facilitar o acesso o endereço do *site* (este acima exposto) pode ser também solicitado por *e-mail*.

Agradeço a atenção e me coloco a disposição para maiores informações.

Atenciosamente,

Paula Tatiana Cardoso

<p>Qualquer dúvida não deixe de entrar em contato pelo <i>e-mail</i>: paulatcar@gmail.com ou pelos telefones: xxx</p>

APÊNDICE I – Análise de Conteúdo: quadros de categorização dos depoimentos dos terapeutas ocupacionais (questão aberta optativa)

Estudos de Caso		
População atendida	Ações	Resultados
Criança com paralisia cerebral do tipo tetraparesia espástica com componente atetóide e aspectos cognitivos preservados. Sem participação na escola, em função da gravidade do comprometimento motor	<ul style="list-style-type: none"> - avaliação e intervenção com a criança, a família e a professora - adaptações para preensão do lápis, argola para abrir e fechar estojo, régua com ventosas para fixá-la na mesa, papel fixado com fita durex, manopla para posicionar um membro superior e permitir maior movimento no outro e posicionamento da criança na atividade 	- a criança tornou-se mais ativa em seu processo na escola
Adulta com paralisia cerebral atetóide	- atendida desde bebê	- seguimento escolar até a universidade
Criança com paralisia cerebral atetóide	- adaptação simples	- conseguiu desenvolver a escrita
Criança em processo de inclusão escolar	<ul style="list-style-type: none"> - avaliação inicial da postura de uma criança em processo de inclusão escolar e consequente avaliação das posturas nas carteiras de todos os alunos da sala de aula - intervenção na sala de aula com todos os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - adequação das condições de postura sentada de todos os alunos - sensibilização dos alunos, que puderam perceber que todos podem precisar de ajuda para estar melhor na escola
Criança (cinco anos) com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - orientação à família e à escola; - adaptação de atividades realizadas em sala de aula para que a criança consiga desenvolvê-las - sugestões de condutas para favorecer a socialização e independência do aluno 	- boa aceitação familiar e escolar de todas as orientações oferecidas
Criança com deficiência física	- oferecimento de um vídeo à professora para sensibilização em relação às potencialidades de seu aluno	- intervenção positiva da professora em sua sala de aula com todos os alunos – vivência, sensibilização e discussão
Criança prematura com paralisia cerebral, diparética, com quadro de escoliose, hemitórax esquerdo mais comprometido que direito, alteração na percepção figura e fundo	<ul style="list-style-type: none"> - orientação à família e à escola - transferência para uma escola com mais estrutura para a inclusão - intervenção clínica no consultório 	<ul style="list-style-type: none"> - evolução na coordenação global, manual e percepção cognitiva - mudanças positivas no comportamento e relação das pessoas da escola com criança
Criança (seis anos) com Síndrome de Cornelia de Lange - criança é apegada a uma só pessoa, demora para se sentir segura na escola, é arredia com os alunos, agride,	- orientação e suporte à equipe da escola, em especial à professora	<ul style="list-style-type: none"> - tranquilização da equipe da escola, em especial da professora - grande avanço no desenvolvimento global da criança e na participação e

chora, tem uma limitação importante no contato social, pouca verbalização, entre outros		independência na escola - melhora na relação dos outros alunos com a criança
Criança com Síndrome de Down, atendida desde os dois anos	- atendimento clínico (coordenação motora, AVDs, atenção e concentração, etc) - orientação à família sobre o desenvolvimento global da criança e a educação na escola regular	- a família avaliou que a atuação da terapeuta ocupacional com a criança desde o princípio foi importante no processo de inclusão escolar.
Criança, atendida durante seis anos, com síndrome genética não identificada, alterações na coordenação motora, déficit cognitivo e ausência de fala	- atendimento clínico - orientação à família sobre a educação em escola regular - acompanhamento do processo de iniciação da criança na escola regular e discussão de conteúdos e estratégias de ensino junto com as professoras e com a diretora durante todo o tempo de atuação com a criança	- a partir da inclusão na escola houve ampliação na comunicação da criança (com gestos e pequenas expressões verbais), adequação de comportamentos sociais à sua faixa etária e aquisição de conteúdos acadêmicos - ótima integração na turma, com destaque para a importância da inclusão para todos os alunos com a quebra de preconceitos e o aprendizado com a diversidade
Criança (doze anos) atendida há dois anos. Queixas de apatia, falta de participação nas atividades na escola, dificuldade de aprendizagem e suspeita de depressão	- atendimento individual - orientações à família - orientações e trabalho em conjunto com as professoras da sala da aula regular e da sala de apoio	- melhora em aspectos como espontaneidade, auto-estima, criatividade e envolvimento em diferentes atividades, dentro e fora da escola - maior independência em relação aos pais em atividades sociais
Criança com autismo	- início de acompanhamento em uma creche com os principais objetivos relacionados à estimulação e socialização	- boa evolução apresentada pela criança, que está em uma escola regular
Criança com paralisia cerebral, quadro de tetraparesia. Em processo de alfabetização.	- trabalho de implementação de comunicação suplementar ou alternativa e treinamento para utilização na escola - orientação aos profissionais da escola - orientação, discussão e desenvolvimento de estratégias com a professora sobre as atividades pedagógicas realizadas pela criança *todas as ações realizadas em conjunto com uma fonoaudióloga	- implementação da comunicação suplementar ou alternativa - apoio ao professor
Criança com Síndrome de Down, com possibilidade de repetir a terceira série do ensino fundamental por apresentar dificuldades com conteúdos específicos de matemática, segundo avaliação dos professores	- discussão com os professores e intervenção na dinâmica de avaliação pedagógica – foi realizada uma prova prática em que os conteúdos foram avaliados em uma situação do dia-a-dia - avaliação e discussão sobre o desempenho de toda a turma na prova prática	- excelente resultado da criança na avaliação proposta pela Terapia Ocupacional e discussão com toda a escola provocada também pelo fato de alunos com ótimos desempenhos em provas tradicionais não apresentarem

		o mesmo na prova prática – práticas de inclusão escolar voltadas para a melhor qualidade de ensino de todos os alunos
Criança com paralisia cerebral e quadro de hiperatividade	- integração sensorial e técnicas de relaxamento	- melhora na concentração
Criança com diagnóstico de neurose grave, acompanhada durante os dois primeiros anos do ensino fundamental	- desenvolvimento de estratégias de intervenção em conjunto com uma psicóloga, a professora, a coordenadora pedagógica e a supervisora da escola	- a criança foi alfabetizada e efetivamente incluída na sala de aula
Criança com quadro clínico delicado e estabilizado (não especificado)	- orientação à escola quanto às atividades que poderiam ser realizadas pela criança	- maior participação e melhora no comportamento da criança na escola
Adolescente com microcefalia acompanhado desde a infância. Apresentava inicialmente comportamentos sociais inadequados com conseqüências graves e prognóstico educacional negativo	- orientação à família e à escola - trabalho voltado para o reconhecimento de letras e construção de palavras	- atualmente tem uma participação social positiva e independente e está alfabetizado
Criança com autismo, atendida desde os sete anos, sem contato com ambientes sociais fora da família devido à superproteção dos pais	- orientação à família - orientação e supervisão à escola - acompanhamento da criança na escola durante o período de adaptação	- estuda na escola regular há três anos e está bem adaptado
Criança com avaliação de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, não falava e tinha problemas para se expressar e em ser aceito em sala de aula. Pais alcoolistas	- orientação à família e à escola - acompanhamento da criança em sala especial na escola regular, em período oposto ao das aulas em sala regular	- em seis meses a criança passou a frequentar somente a sala regular, apresentando melhor desempenho acadêmico e maior participação nas atividades em sala de aula, além de melhora na relação com os outros alunos e com a professora
Criança (oito anos) com paralisia cerebral do tipo atetóide	- implementação de um computador com teclado adaptado em sala de aula - treinamento da criança e da professora da sala regular. Realizado em conjunto com uma professora da Educação Especial que atua em salas de recursos do município	- foi possível inserir o recurso na dinâmica da sala de aula - criança apresentou avanço em seu processo de escolarização, com respostas mais adequadas às solicitações da professora
Criança com autismo	- trabalho para incluir a criança na rede municipal de ensino regular com apoio de todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem	- inclusão na escola regular e alfabetização parcial
Criança com cegueira total	- ações para adequação do ambiente escolar - orientação à escola	- melhor adaptação às atividades escolares e no acesso aos vários ambientes da escola, como: banheiro, sala de aula e pátio - a diretora da escola pôde

		esclarecer dúvidas quanto ao desempenho da aluna e o modo mais adequado de agir no favorecimento da independência da mesma
Grupo de adolescentes com fissura labiopalatina	- ações em grupo com o objetivo de inserção no meio social e escolar e melhora na auto-confiança e auto-estima, além de desenvolvimento da postura física, articulação da fala e desinibição.	- alguns adolescentes já saíram do grupo e estão no mercado de trabalho, outros na universidade e os que continuam apresentam depoimentos pessoais e da família sobre a melhora no rendimento escolar
Criança com grave transtorno de desenvolvimento	- acompanhamento terapêutico – terapeuta ocupacional como mediador, para que a escola encontrasse suas próprias ferramentas para sustentar a inclusão de uma criança com suas necessidades específicas	- escola pôde apropriar-se de fato da permanência e participação da criança na escola, tornando-se desnecessária a continuação do acompanhamento terapêutico
Criança (doze anos) com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, atendida desde os oito anos. Histórico de fracasso escolar	- avaliação psicomotora - encaminhamento para psicologia, fonoaudiologia e psicopedagogia - encaminhamento para escola regular - atendimento clínico	- criança atualmente na 4ª série do ensino fundamental municipal e alfabetizada - continua a ser atendida na clínica pelos profissionais necessários, porém está incluído na sala de aula comum - especificamente nos atendimentos de Terapia Ocupacional a criança evoluiu progressivamente ao longo destes anos
Criança com paralisia cerebral atetóide, apresentando uma deficiência física severa	- orientação para o uso de ponteira	- o professor começou a investir no processo de alfabetização do aluno, o que até então não vinha ocorrendo, pelo fato do aluno apresentar um severo comprometimento físico (função manual nula), o mesmo acreditava que o aluno não tinha possibilidades de aprender
Criança (cinco anos) com Síndrome de Down, quadro de hiperatividade e dificuldades de no relacionamento com os colegas da sala de aula regular	- atendimento clínico - orientação à professora e à assistente que acompanhava a criança na escola	-evolução em aspectos como concentração, disciplina e relacionamento social na escola
Crianças da educação infantil	- atuação em sala de aula e em diferentes espaços da escola (pátio, refeitório, parque, etc) - trabalho com psicomotricidade na escola	- reação positiva dos alunos e professores com o trabalho realizado - evolução de algumas crianças em aspectos como:

		desenvolvimento motor e cognitivo, comunicação e independência em AVDs
Criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade com predomínio de distração e dislexia. Sem sucesso no processo de alfabetização em classe especial	- avaliação do quadro clínico da criança e atendimento em Terapia Ocupacional - encaminhamento para fonoaudiologia - orientação à família e à escola	- criança está em sala regular e apresenta melhora em sua performance acadêmica
Criança (cinco anos) com coreo-atoxia (pc?)	- inclusão em creche regular	- inclusão escolar
Criança que não conseguia utilizar equipamentos tradicionais de posicionamento e funcionalidade de membros superiores	- desenvolvimento de órtese	- após a utilização da órtese a criança apresentou evolução especialmente em função da possibilidade de uso do computador e avançou em duas séries no ensino fundamental
Criança com Síndrome de Down, atendida desde o primeiro ano de idade	- atuação em conjunto com a mãe - atendimento clínico e inserção na escola regular	- criança preparada para inserção na escola regular
Aluno de uma escola especial	- transferência para uma escola regular	- inserção na escola regular
Criança com diagnóstico inicial de autismo severo	- atendimento domiciliar	- inclusão em escola pública regular com participação em todas as propostas pedagógicas, o que contribuiu para a revisão do diagnóstico de autismo realizado pelo mesmo médico responsável
Crianças com cegueira total e paralisia cerebral	- adaptação de mobiliário e materiais utilizados na sala de aula	- as crianças puderam desenvolver as mesmas atividades que os demais alunos de suas salas de aula, com participação positiva no grupo
Criança em processo de inclusão	- sugestão de atividades a serem realizadas pelos pais e professores	- resultados positivos alcançados pela criança na escola
Criança com baixa visão (cinco anos) e professor do ensino regular	- elaboração, implementação e avaliação de um programa de capacitação do professor para desenvolver e utilizar estratégias e atividades lúdicas, que promovam a independência da criança na atividade de vida diária de higiene e alimentação: a) a elaboração do programa de capacitação envolveu o estudo aprofundado das habilidades e capacidades da criança, do repertório inicial do professor e da rotina da sala de aula e da escola; b) a implementação ocorreu por meio de assessoria colaborativa e monitoramento em encontros constituídos de dinâmicas	- o programa se mostrou eficaz em sua aplicação e os resultados observados apontaram para o aumento do preparo e do repertório do professor para trabalhar com as atividades de higiene e alimentação de seu aluno com baixa visão

	interativas com o professor	
Crianças em processo de inclusão escolar	<ul style="list-style-type: none"> - parcerias firmadas entre o professor do ensino regular, o professor de sala de recursos e o técnico responsável pelo atendimento da criança (no caso, um terapeuta ocupacional), intervenção conjunta, baseada na troca de informações e conhecimentos específicos e no acompanhamento constante da evolução apresentada - orientação e apoio à família - sala de recursos como um fator indispensável, mas não como um elemento dissociado da sala de aula do ensino regular - o terapeuta ocupacional, além de orientar, acompanha a criança de perto, intervém nos ambientes que ela frequenta 	<ul style="list-style-type: none"> - vários casos bem sucedidos, especialmente quando as famílias são receptivas às orientações e não apresentavam atitude de superproteção com a criança
Criança com deficiência múltipla: paralisia cerebral e deficiência intelectual – com quadro de tetraparesia, com espasticidade e dificuldades importantes no controle corporal, quase nenhuma movimentação ativa e presença de reflexos patológicos e contato visual precário. Atendida desde os quatro anos.	<ul style="list-style-type: none"> - inclusão escolar a partir da inserção em uma creche: a) apoio, orientação e capacitação à equipe escolar; b) intervenção no cotidiano da creche; d) atuação na creche em conjunto com a educadora diretamente responsável pela criança; e) orientação aos colegas de grupo na relação com a criança 	<ul style="list-style-type: none"> - excelentes resultados no envolvimento e capacitação da educadora - evolução no desenvolvimento neuropsicomotor e social da criança - inclusão na creche
Crianças em processo de inclusão escolar	<ul style="list-style-type: none"> - intervenção no processo de inclusão escolar através da utilização de recursos da própria escola (exemplos: mesas, cadeiras, almofadas, lista telefônica, faixas de tecido, etc) 	<ul style="list-style-type: none"> - sucesso em todos os casos. Exemplo: com simples adaptações, as crianças deixaram a cadeira de rodas e conseguiram sentar-se nas mesmas cadeiras que os colegas e participar das atividades propostas para o grupo
Crianças com deficiência visual	<ul style="list-style-type: none"> - apoio nos processos de alfabetização e aprendizado do método Braille (leitura e escrita): intervenções em aspectos como coordenação motora fina, estimulação tátil, memória, sequenciação, postura, entre outros 	<ul style="list-style-type: none"> - resultados positivos no processo de aprendizagem
Crianças com paralisia cerebral e crianças com mielomeningocele	<ul style="list-style-type: none"> - inúmeras visitas escolares - orientações à família, diretores, professores, médicos e demais integrantes da equipe quanto à importância da inclusão da criança com necessidades especiais na escola regular - orientação e intervenção no que se refere à acessibilidade, adaptações, reformulação da rotina de atividades escolares, utilização de mobiliário e equipamento específico, bem 	<ul style="list-style-type: none"> - sucesso no processo de inclusão escolar após a intervenção da terapia ocupacional - evolução na autonomia da criança na escola - satisfação da família e da escola com as intervenções do terapeuta ocupacional - maior preparação estrutural e

	como uso de tecnologia assistiva de alto e baixo custo.	disponibilidade da escola para receber crianças com necessidades educacionais especiais
Escola regular	- utilização de recursos e conceitos da comunicação alternativa.	- construção de um ambiente inclusivo na escola
Crianças com deficiência física	- atuação no processo de inclusão na escola regular	- inclusão escolar
Crianças de uma escola especial	- mobilização e atuação para inclusão dos alunos na rede regular de ensino através principalmente da conscientização de professores sobre a importância deste processo	- inclusão escolar de vários alunos e amenização da discriminação em relação às pessoas com necessidades especiais
Crianças de escolas especiais	- atuação no processo de inclusão das crianças em escolas regulares - orientação às famílias	- inclusão escolar de várias crianças - aceitação da família em relação à inclusão em escola regular
N=46		

Relatos Gerais	
Ações	Resultados
- encaminhamento de crianças de escolas especiais para classes regulares e posterior acompanhamento e suporte na adaptação à nova rotina - orientação aos professores e familiares	-
- crianças que iniciaram tratamento quando bebês na clínica ou instituição e foram sempre para o ensino regular	- sucesso da maioria dos processos de inclusão escolar
- processos de inclusão escolar nos CEIs (Centro de Educação Integrada)	- todas as crianças com menos de três anos foram incluídas com sucesso
- atuação em equipe interdisciplinar (terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e pedagogo) - acompanhamento semanal ambulatorial à criança que está em inclusão - orientação aos cuidadores e professores - indicação e treinamento para a confecção e utilização na escola de recursos e atividades adaptadas - discussão dos casos com os professores	-
- atuação em um Centro de Referência da Infância e da Adolescência (Cria), em que a escola e a instituição de saúde se encontram para tentar pensar formas de atuação para a inclusão escolar: na perspectiva deste trabalho acredita-se que a escola e os profissionais que nela trabalham podem (dentro de suas possibilidades) criar estratégias para receber as crianças atendidas na instituição sem a participação direta do profissional de saúde neste processo.	- vários casos bem sucedidos de inclusão escolar
- utilização de tecnologia assistiva	- trabalho bastante significativo, pois viabiliza melhores condições de aprendizado aos alunos e melhores condições de

	ensino aos professores
- atendimento clínico em instituição, ainda que represente uma atuação limitada para a complexidade do processo de inclusão escolar	- melhor desempenho nas atividades escolares: melhor posicionamento e postura e melhor desempenho nas atividades gráficas.
- intervenções nas escolas de forma voluntária, sem a solicitação das mesmas	- melhora no cotidiano escolar da criança - reconhecimento da importância e mobilização da família pela intervenção da terapia ocupacional na escola
- acompanhamento de alunos nas escolas regulares através de visitas às escolas	- favorecimento na permanência dos alunos na escola
- acompanhamento do processo de adaptação na escola regular - orientação à professores - atendimento individual com a criança em processo de inclusão escolar	-
- investimento na relação afetiva do terapeuta ocupacional com a criança e nas atividades terapêuticas	- faz com que a criança passe a acreditar, arriscar, ousar, mudar, o que ajuda a aprender, a afirmar o seu potencial, o que faz toda a diferença nas suas possibilidades educacionais
- atendimento clínico expandido para o contexto educacional	- terapeuta ocupacional deve ter contato com a escola: apresenta-se muito eficaz e importante, porém ainda existem muitas barreiras para esse tipo de atuação
- atuação política na área de educação inclusiva na prefeitura de um município	-
- transferência de crianças de uma escola especial para uma creche municipal	-
- orientação à professores	- benefícios aos alunos em processo de inclusão escolar
- atuação em equipe	- contribuição para o bem estar e aprendizado
- atuação em equipe: adaptação postural e de mobiliário com a fisioterapia; desenvolvimento de comunicação alternativa com a fonoaudiologia, a família e os professores e confecção de adaptações para as atividades com o apoio dos professores, diretores e toda a equipe da escola	- grande maioria das crianças realmente incluídas com sucesso nas escolas regulares
<i>N = 17</i>	

ANEXO A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

Via Washington Luís, km. 235 - Caixa Postal 676

Fones: (016) 3351.8109 / 3351.8110

Fax: (016) 3361.3176

CEP 13560-970 - São Carlos - SP - Brasil

propq@power.ufscar.br - <http://www.propq.ufscar.br/>

CAAE 0083.0.135.000-07

Título do Projeto: Inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais: práticas e perspectivas de Terapeutas Ocupacionais

Classificação: Grupo III

Pesquisadores (as): Paula Tatiana Cardoso, Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura (orientadora)

Parecer Nº. 98/2008

1. Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em ___/___/___ e ao término do estudo.

2. Avaliação do projeto

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) analisou o projeto de pesquisa acima identificado e considerando os pareceres do relator e do revisor DELIBEROU:

As pendências apontadas no Parecer nº 267/2007, de 9 de Novembro, foram satisfatoriamente resolvidas.

O projeto atende as exigências contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

3. Conclusão:

Projeto aprovado

São Carlos, 12 de março de 2008.


Prof. Dra. Cristina Paiva de Sousa
Coordenadora do CEP/UFSCar

ANEXO B – Aprovação da pesquisa para colaboração do Crefito-3

Aprovação de uso da Mala Direta do CREFITO-3

Quarta-feira, 16 de Janeiro de 2008 16:00

De: "CREFITO-3/COMPRAS" <stommasatti@crefито3.org.br>

Para: paulatcar@yahoo.com.br

Cc: "'Ouvidoria/CREFITO-3'" <ouvidoria@crefито3.org.br>

Bom Dia Dra Paula Tatiana Cardoso,

Conforme contato telefônico, informo que a sua solicitação foi autorizada pela Diretoria do CREFITO-3 com as seguintes condições:

O material será postado pela Agência Tutóia dos Correios;

- O CREFITO-3 não cobrará pelo serviço, entretanto a Agência Tutóia dos Correios **cobrará** a etiquetagem, o manuseio e a postagem.
- Os questionários respondidos serão encaminhados ao CREFITO-3 e estarão a sua disposição para retirá-los.
- Informações como CPF, RG, nome e endereço **não serão disponibilizados sob hipótese nenhuma.**

Na data de hoje a quantidade de Terapeutas Ocupacionais com inscrição definitiva no estado de São Paulo é de 2.841 e a quantidade de Terapeutas Ocupacionais com Licença Temporária de Trabalho no estado de São Paulo é de 455.

Para informações sobre a postagem, por favor, entre em contato com o Sr. Motta ou a Srta. Camila da Agência Tutóia dos Correios pelo telefone 3889-0555 ramal 22.

Em caso de dúvida, por favor, entre em contato.

Atenciosamente,

Sidney Santos

Departamento de Compras

Tel 11 5591-2235 / Fax 11 5591-2234

<http://www.crefito.com.br>

ANEXO C – Contrato realizado com a Agência Tutóia dos Correios



AGÊNCIA TUTÓIA

CONTRATO DE SERVIÇOS POSTAIS

CONTRATANTE: Dra. Paula Tatiana Cardoso, com sede na capital de São Carlos/SP, a Rua Gardênias, 10 inscrita no CPF sob nº _____, doravante denominada simplesmente **CONTRATANTE**.

CONTRATADA: **Tutóia Express Serviços Postais Ltda.**, sociedade comercial brasileira, com sede na capital de São Paulo, à Rua Tutóia, nº 811, inscrita no CNPJ sob nº 00.011.835/0001-47, na qualidade de concessionária de serviço público da EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - EBCT, doravante simplesmente designada de **ACF-Tutóia**, tem entre si justo e contratado o que se segue:

1. **CLÁUSULA PRIMEIRA - OBJETO**

- 1.1. O presente contrato tem por objeto a prestação de serviços postais, visando o recebimento, tratamento e envio ao Centro de Triagem Oficial dos Correios, a qual a **ACF-Tutóia** está jurisdicionada, de todos os objetos e correspondências a nós confiados, para que seja efetuada a sua distribuição, em âmbito nacional e internacional.
- 1.2. Para a postagem dos objetos recebidos da **CONTRATANTE**, será obrigatória a apresentação da Solicitação de Postagem, impressa através de nosso site www.agtutoia.com.br, com login e senha personalizados. Em caso de divergência a maior será postada a quantidade consignada na Solicitação, ficando à disposição da **CONTRATANTE** os objetos excedentes. Nas divergências a menor, serão considerados os objetos em poder da **CONTRATADA**.
- 1.3. Todo objeto encaminhado para postagem deverá seguir padrões ECT conforme descrito abaixo, não cabendo ressarcimento por danos ocorridos com embalagem fora de padrão.
 - Metais preciosos: a embalagem deverá ser constituída de caixa de metal resistente ou madeira, com pelo menos um centímetro de espessura ou de sacos duplos sem costura. Caso seja usada caixa de madeira chapeada, sua espessura poderá ser limitada a cinco milímetros, contanto que as arestas de tais caixas sejam reforçadas por meio de cantoneiras;
 - Objetos de vidro ou outros objetos frágeis: a embalagem deverá ser constituída de caixa de metal, madeira ou papelão resistente, cheia de papel, palha ou outro material protetor ou similar, de forma a impedir choques ou atritos durante o transporte, quer entre os objetos e as paredes da caixa;
 - Líquidos ou corpos facilmente liquidificáveis: deverão ser colocados em recipientes hermeticamente fechados (garrafas, frascos, potes, caixas, etc.), os quais serão acondicionados em caixas especiais (metal, madeira, plástico ou papelão ondulado resistente);
 - Corpos gordurosos dificilmente liquidificáveis (ungüentos, sabão mole, resina, etc.): deverão ser acondicionados em uma primeira embalagem (caixa, saco de pano, matéria plástica, etc.) e colocados dentro de caixa metálica, de madeira ou de qualquer outro material suficientemente resistente para impedir o escoamento do conteúdo;
 - Pós secos corantes (azul anilina): deverão obrigatoriamente estar contidos em caixa de metal resistente, colocados por sua vez em caixa de madeira ou de papelão ondulado e de boa qualidade, com serragem ou outras substâncias absorventes e protetora em duas embalagens;
 - Pós secos não corantes: estes produtos deverão ser acondicionados em caixa de metal, madeira ou papelão;
 - Objetos de uma só peça constituídos de metal, madeira, couro ou outra substancia resistente: poderão ser expedidos sem envoltório;
 - Objetos pontiagudos ou cortantes: deverão ter as pontas e os gumes convenientemente resguardados.

**2. CLÁUSULA SEGUNDA - OBRIGAÇÕES DA CONTRATADA**

- 2.1. Despachar todos os objetos recebidos, no mesmo dia da recepção.
- 2.2. Comunicar qualquer alteração das Tarifas Postais, remetendo à CONTRATANTE cópia da Tabela Oficial.

3. CLÁUSULA TERCEIRA - PREÇOS

- 3.1. Pela prestação dos Serviços contratados, o CONTRATANTE pagará os preços postais calculados, com base na Tarifa Postal vigente na data da postagem, conforme tabela oficial dos Correios.
- 3.2. Para a cobrança dos valores mencionados no item anterior desta CLÁUSULA, será emitida fatura todas as quinzenas calendário, a qual compreende do dia 1º até o dia 15, para as faturas emitidas dia 16, e o dia 16 até o último dia do mês, para as faturas emitidas dia 1º, do mês subsequente.
- 3.3. É incluído na fatura o custo da cobrança bancária e outras despesas administrativas, atualmente estipulado em R\$ 5,00 (cinco reais).
- 3.4. Para a retirada da correspondência a ser postada, haverá o custo de R\$ 2,00 por coleta, reajustáveis todo primeiro dia do ano. Caso o CONTRATANTE atinja e supere o faturamento mensal equivalente a 2.400 portes da carta comercial, terá essa taxa isentada no mês seguinte para 1 (uma) coleta diária, permanecendo esse valor para as coletas extras.

4. CLÁUSULA QUARTA – PAGAMENTO

- 4.1. O pagamento da prestação dos serviços deverá ser efetuado, mediante a liquidação das faturas, cujos vencimentos ocorrem 07 dias após sua apresentação.
- 4.2. Ocorrendo atraso no pagamento, o valor devido deverá ser acrescido de multa de 2% (dois por cento) e juros de 1% (um por cento) ao mês, além das demais cominações legais.

5. CLÁUSULA QUINTA - PRAZO DE VIGENCIA

- 5.1. O presente contrato vigorará por 30 (trinta) dias, podendo ser prorrogado por tempo indeterminado, a partir de sua assinatura.

6. CLÁUSULA SEXTA - RESCISÃO

- 6.1. Na hipótese de rescisão, a parte interessada fica obrigada a apresentar, por escrito, aviso prévio de 15 (quinze) dias;
- 6.2. Fica assegurado, à ACF-TUTÓIA, o direito, quanto ao recebimento do valor correspondente aos serviços prestados até a data da rescisão.

7. CLÁUSULA SÉTIMA - INADIMPLÊNCIA

- 7.1. O inadimplemento das obrigações previstas no presente Contrato será comunicado pela parte interessada à outra, que providenciará sua imediata regularização.
- 7.2. Na falta de pagamento pelos serviços prestados, será emitida DUPLICATA, sem aceite, vinculada com a fatura, para cobrança em cartório e judicialmente, garantindo os direitos de recebimento da CONTRATADA.

Parágrafo Primeiro

A não regularização implicará a imediata rescisão do Contrato.

Parágrafo Segundo

A responsabilidade da ACF-TUTÓIA na prestação de Serviços Postais cessará, quando o CONTRATANTE deixar de cumprir as condições estabelecidas no presente Contrato.

**AGÊNCIA TUTÓIA**Parágrafo Terceiro

A falta de pagamento da(s) fatura(s) até a data de vencimento dará direito à ACF-TUTÓIA a suspender a prestação do serviço, independentemente de notificação judicial ou extrajudicial.

8. CLÁUSULA OITAVA - DISPOSIÇÕES GERAIS

8.1. Ocorrendo irregularidade na execução do serviço, caberá à parte prejudicada apresentar reclamação, por escrito, no prazo de 30 (trinta) dias da data da ocorrência.

9. CLÁUSULA NONA - FORO

9.1. Para dirimir as questões oriundas do presente Contrato, será competente o Foro da Cidade de São Paulo do Estado de São Paulo, com exclusão de qualquer outro.

São Paulo,

PELA CONTRATANTE:

PELA CONTRATADA:

Paula Tatiana Cardoso

Neide Valverde
Neide Valverde

TESTEMUNHAS:

P/CONTRATANTE

P/CONTRATADA